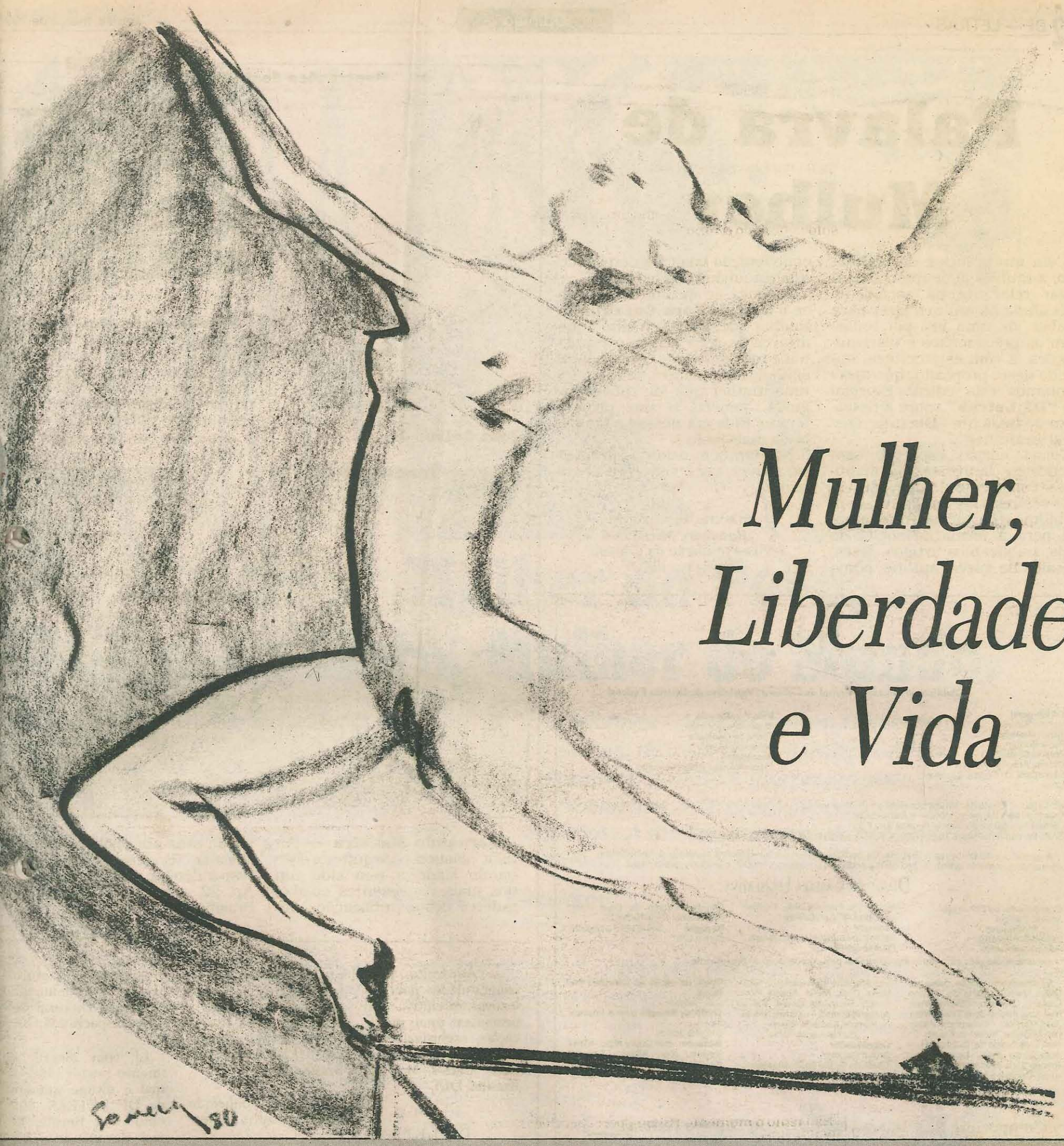


Mulher, Liberdade e Vida

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956/ 91
ECT/ CÂMARA LEGISLATIVA DF
UP: AC/ CÂMARA LEGISLATIVA

L · E · T · R · A · S

ESPECIAL

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano I Nº 4 Brasília, 8 de março de 1993

Palavra de Mulher

Com muita luta e determinação, a mulher já ocupa hoje um lugar relevante na sociedade. Mas ainda há muito a fazer para acabar, de uma vez por todas, com os preconceitos e discriminações. É com esta certeza, imbuída deste propósito, que apresentamos esta edição especial do **"DF Letras"** sobre a passagem de mais um "Dia internacional da Mulher".

Nesta edição especial, sem pieguices, lamúrias ou melindres, consciente de que, em vários setores, nós, mulheres, contribuímos de forma fundamental para a formação social do País, publicamos artigos, teses, ensaios de várias autoras como contribuição básica à densidade intelectual do Povo brasileiro.

A figura, ao mesmo tempo doce e forte de **Cora Coralina,** a mulher de Goiás Velho que através de seus versos conquistou o mundo, surge como nosso símbolo. Cora, antes de tudo, foi uma mulher que, de cabeça erguida, venceu o seu próprio tempo. Ei-la em nossas páginas. Nada mais justo.

Nós também estamos prontas para viver, ver e vencer, o nosso tempo.

Palavra de mulher!
Rosemary Miranda
Vice-Presidente da Câmara Legislativa do DF

DF LETRAS

Publicação Literária Mensal da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Editor-geral
Nelson Pantoja
Editor-literário
Paulo Bertran
Projeto Gráfico
Cláudio Antonio de Deus
Secretária — Tereza Cristina A. Lima

Vice-Presidência
Rosemary Miranda
Chefe de Gabinete
Sebastião Cunha
Assessores
Chico Nóbrega e Ivan Carvalho

DF-Letras — Diário da Câmara Legislativa
Endereço para Correspondência e Assinaturas
Câmara Legislativa do Distrito Federal Sala F-25
SAIN-Parque Rural Norte 70.086-900 — Brasília tel (061) 347-5128 e 347-4626

A assinatura do DF-Letras é Gratuita. Os pedidos devem ser enviados ao endereço do expediente, constando o nome do assinante, profissão e endereço completo, com CEP e telefone para contato.

DIÁRIO DA CÂMARA LEGISLATIVA

Coordenador de Editoração
Nelson Pantoja
(Reg. Profissional 916/06/01/DF/Mtb)
Editora-executiva
Maria Félix Fontelle (Reg. Profissional 302/03/52v/GO/Mtb)
Assessor
Sebastião Luís Rocha dos Santos
Projeto Gráfico
Claúdio Antonio de Deus (Reg. Profissional 1943/10/59/DF)
Redação — 347-5128/ 347-4626 Ramal 226

*As colaborações para o DF Letras são solicitadas pela coordenação do Suplemento

Colaboraram neste número: Maíza Valério, Maria do Rosário Caetano, Donalva Caixeta Marinho, Luís Rocha, José Coury Neto, José Geraldo, Marlene de Vellasco, Angélica Madeira, Odeth Ernest Dias, Valda de Queiroz, Eleonora Zicari Brito, Lena Castelo Branco F. de Freitas, Nancy Ribeiro de Araújo e Silva, Valéria Carvalho, Maurício Melo Júnior, Sirley Maria Davi, Maria Abadia Silva, Terezy Fleury de Godoi, Galvão Júnior (Soneca), Fernando Madeira, Rômulo Andrade, Kácio.

Comunicação Social
Coordenador
Arthur Gondim
Chefe da Seção de Divulgação
Claúdio Lysias
Chefe da seção de Relações Públicas
Luís Recena
Chefe de Relação com a Imprensa
Adriana Jobim
Redação: José Coury Neto, Maísa Valério, João Alberto, Donalva Caixeta Marinho, Maria G. Cruvinel, Cristina Timponi, Zinia Araripe

Composição da Câmara Legislativa do Distrito Federal

(Mesa Diretora e Comissões Técnicas)

Mesa diretora (biênio 93/94)
Benício Tavares
Presidente
Rose Mary Miranda
Vice-presidente
Lúcia Carvalho
Primeiro-Secretário
Peniel Pacheco
Segundo-Secretário
Cláudio Monteiro
Terceiro-Secretário

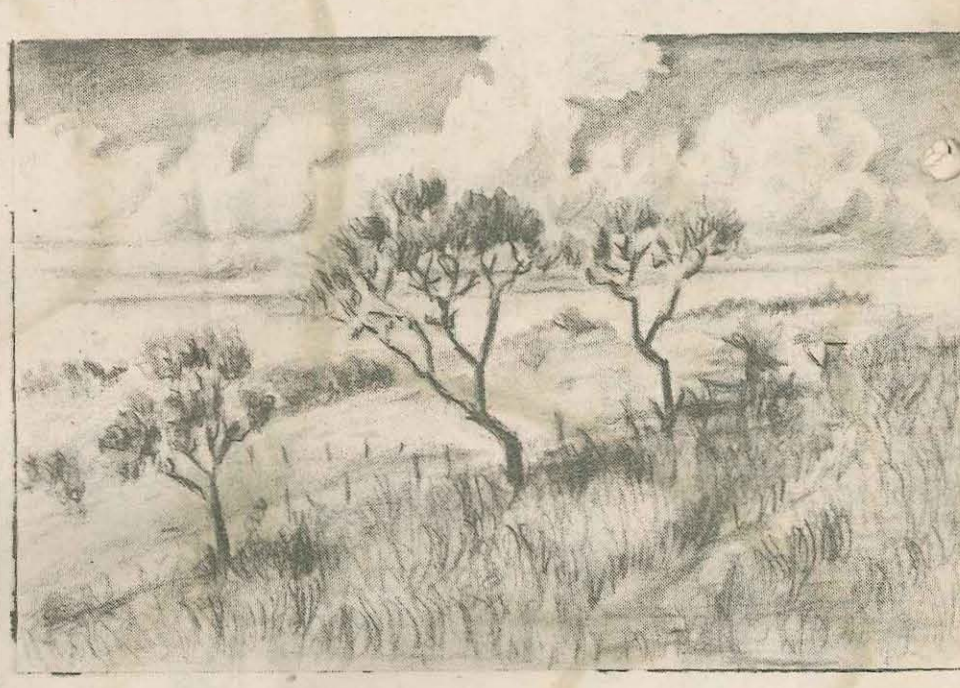
Deputados
Agnelo Queiroz
Aroldo Satake
Benício Tavares
Carlos Alberto
Cláudio Monteiro
Edimar Pireneus
Eurípedes Camargo
Fernando Naves
Geraldo Magela
Gilson Araújo
Jorge Cauhy
José Edmar
José Ornellas
Lúcia Carvalho
Manoel Andrade
Maria de Lourdes Abadia
Maurílio Silva
Padre Jonas
Pedro Celso
Peniel Pacheco
Rose Mary Miranda
Salviano Guimarães
Tadeu Roriz
Wasny de Roure

Galeria

Ilustrações desta Edição

José Galvão Jr.

Rômulo Andrade — Artista plástico e ilustrador, Rômulo andrade dedica-se sobretudo aos temas ambientais, extraindo da natureza uma visão nítida e densa. Telefone para contato (061) 321.2431.



Fernando Madeira — Artista plástico e Arquiteto, Fernando Madeira tem sido um dos mais consistentes colaboradores desta publicação. Autor de uma obra sólida e diversificada. Endereço para correspondência: Colina, Bloco [illegible], Ap. 22 — Campus da UnB — Brasília-DF.

Cartas

... Aproveito para congratulá-los pela valorosa iniciativa de promover uma publicação exclusivamente dedicada à literatura... (João Carlos Mauger, Brasília, DF)

... DF-LETRAS, publicação que em boa hora a Câmara Legislativa do DF sabiamente coloca ao alcance do público brasileiro... (Alceu Bicca, Porto Alegre, R.S.)

... Importante Suplemento literário, indispensável à boa literatura... (Ronaldo Caggiano, Brasília, DF.)

... Em prol de DF-LETRAS... podem dispor de mim para a Resenha dos livros, com a devida apreciação... (J.H. Serra Azul, Brasília, DF.)

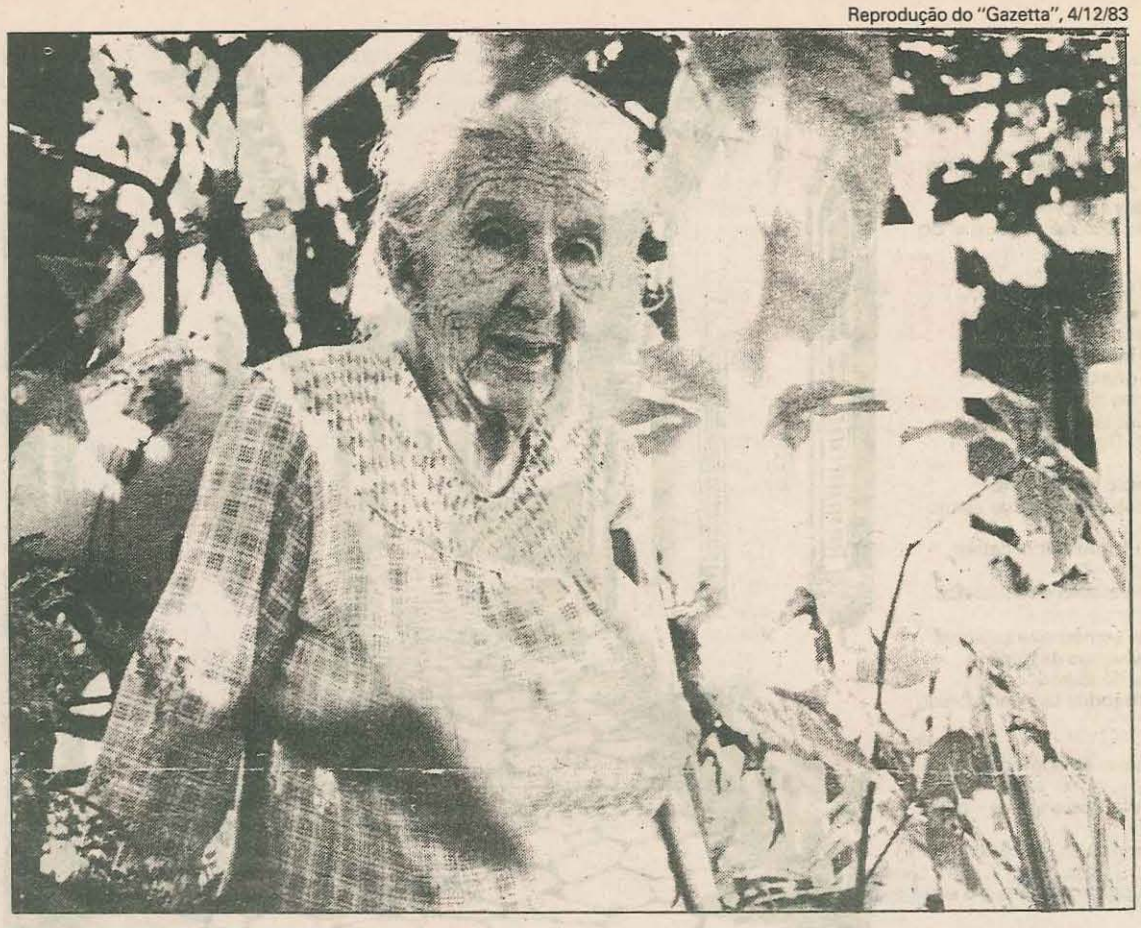
... Tendo conhecido recentemente o formidável DF-LETRAS, gostaria de solicitar uma assinatura do mesmo, dada a sua importância literária... (Ronaldo Barbosa, Brasília, DF.)

... O aparecimento de DF-LETRAS foi uma surpresa agradável — e muito importante — para a cultura brasileira... (Jacinto Guerra, Presidente da Fundação Cultural de Bom Despacho, M.G.)

Li com alegria e imenso prazer intelectual o último número do DF LETRAS. Morando em Brasília há mais de vinte anos, nas suas páginas é que encontro valiosíssimas informações de todos aspectos da cultura do centro-oeste. Agora, aguardo ansiosa uma edição que nos brinde com ensaios, artigos e reportagens, trazendo as grandes personagens femininas na nossa região. Neide Braga dos Santos. Asa Sul-Brasília.

CORA

Reprodução do "Gazetta", 4/12/83



Cora doceira, poeta, mãe, mulher!

Mulher do Povo, Mulher do Mato, Mulher do Mundo.

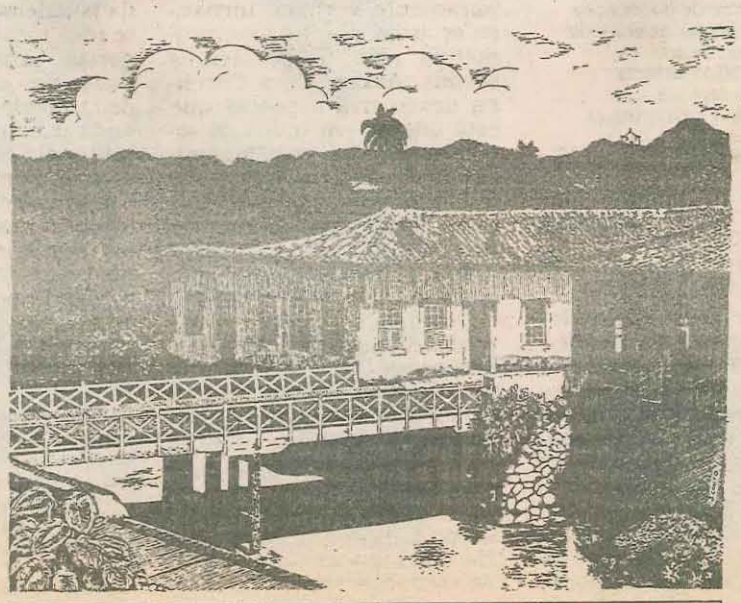
Cora Coralina foi uma das maiores poetisas que este país já teve. Seu nome completo, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, leva-nos ao subsolo dos primeiros povoadores do Planalto Central. Neste artigo, recompilação de sua tese de mestrado, a profª Marlene de Vellasco, curadora da Casa de Cora em Goiás-Velho mostra, de uma parte, a Cora Coralina feminista, protetora das prostitutas e das lavadeiras, e de outro aspecto a Cora Telúrica - A mulher da terra , da ecologia do cerrado, do milho, da messe da natureza.

MARLENE DE VELLASCO
Casa de Cora Coralina

A Mulher do Povo — O engajamento literário é visto por alguns teóricos de uma forma bem dilatada, talvez como mecanismo de abolir o termo radicalizado de compromisso ou arte independente, deixando explícito ou implícito que a verdadeira obra de arte é o reflexo da história e do homem. Para Adorno, "não há um conteúdo objetivo, nem uma categoria formal da poesia, por mais irreconhecivelmente transformado e às escondidas de si mesmo, que não processa da realidade empírica a que se furta". Com isso e com o reagrupamento dos diferentes aspectos, graças às suas leis formais, a poesia condiciona seu comportamento para com a realidade. Para Cassiano Ricardo, "o poema, independentemente de qualquer forma de participação, deve conservar sua autonomia que o fará responsável por si mesmo, a fim de que possa cumprir, por conta própria, o seu papel participante, na sociedade moderna", descortinando-lhe as múltiplas possibilidades de desvelar o mundo conforme sua própria vontade e o "homem aos outros homens para que este tome, em face do objeto, assim desnudado, a sua inteira responsabilidade".

Neste sentido, podemos delinear o comprometimento de Cora Coralina ao levar para a sua poética todas as mazelas do mundo, registrando a vida degradada das personagens que povoam sua vida, tanto na terra natal, como em outras paragens, assumindo e denunciando de forma crítica toda a sociedade que desumaniza a pessoa. Cora Coralina traz para o texto os tipos inúteis que vivem à margem da sociedade, colocando-se ao mesmo nível deles. Ela é o próprio sujeito, é a identificação do sujeito-poeta com esse povo que anda pelo residual da vida, espoliado de uma existência digna.

No poema "Mulher da vida", Cora Coralina se torna sua aliada e cúmplice na defesa e ataque, o que lhe dá força para sair vitoriosa e assumir, no próprio discurso, a condição de sobrevivente de uma classe oprimida. E de se autocontemplar. Possibilita a reviravolta final de posição e do domínio do próprio sujeito, mediatizado pelo instrumento de sobrevivência e principalmente de opressão. A poetisa, com todo o vigor, renasce à medida que participa da miséria do outro, aliando a condição existencial à social, dizendo sem subterfúgio, sem máscara:



CASA VELHA DA PONTE — Cidade de Goiás
"Velho documentário de passados tempos, vertente viva de estórias e de lendas. Meus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas e eu me fiz ao largo da vida. Vestida de cabelos brancos voltei à "Casa Velha da Ponte", barco centenário — encalhado no Rio Vermelho. Cora Coralina (Meu Livro de Cordel) Nesta casa nasceu Cora Coralina.

Mulher da vida
minha irmã.

Pisadas, espezinhadas, ameaçadas.
Desprotegidas e exploradas.
Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.

Necessárias fisiologicamente.
Indestrutíveis.
Sobreviventes.
Possuídas e infamadas sempre
por aqueles que um dia
as lançaram na vida.
Marcadas. Contaminadas.
Escorchadas. Discriminadas.

Nenhum direito lhes assiste.
Nenhum estatuto ou norma as protege.
Sobrevivem como a erva cativa
dos caminhos,
pisadas, maltratadas e renascidas.

Flor sombria, sementeira espinhal
gerada nos viveiros da miséria
da pobreza e do abandono,
enraizada em todos os quadrantes
da terra.

Um dia numa cidade longíngua, essa
mulher corria perseguida pelos homens
que a tinham maculado. Aflita, ouvindo
o torpel dos perseguidores e o sibilo
das pedras,
ela encontrou-se com a justiça.

A Justiça estendeu sua destra poderosa
e lançou o repto milenar:
"aquele que estiver sem pecado
atire a primeira pedra".
As pedras caíram
e os cobradores deram as costas.

O Justo falou então a palavra
de equidade:
"Ninguém te condenou, mulher... nem
eu te condeno".

(...)
Sem cobertura de leis
e sem proteção legal
ela atravessa a vida ultrajada
e imprescindível, pisoteada, explorada,
nem lhe reconhece direitos
nem lhe dá proteção.
E quem já alcançou o ideal dessa mulher,
que um homem a tome pela mão,
e levante e diga: minha companheira.

Mulher da vida
minha irmã.

No fim dos tempos.
No dia da grande Justiça
do Grande Juiz.
Será remida e levada
de toda condenação.

E o Juiz da Grande Justiça
a vestirá de branco
em novo batismo de purificação.
Limparás as máculas de sua vida
humilhada e sacrificada
para que a Família Humana
possa subsistir sempre,
estrutura sólida e indestrutível
de todos os povos,
de todos os tempos.

Mulher da vida
minha irmã.

A leitura desse texto leva-nos ao cerne da poética de Cora Coralina. Nele há a construção de uma personagem enredada na duplicação do outro e Cora-mulher-da-vida, como ponto de união das essências. É a vontade da poetisa em triunfar do nada, dos escombros da humanidade, vencer a fatalidade. Ainda no contexto do poema, a interação da poetisa com a mulher da vida não figura somente como solidariedade, mas sobretudo, pela ancestralidade que, no dizer de José Fernandes, "não é apenas um fator de aproximação, mas de interligação e de conexão com o outro em que dá-se a busca da humanidade". Assim, ao interligar-se ao outro, dá-se a busca de si mesma, introjetando no outro a sua verdadeira identificação. Por outro lado, é também uma tomada de posição frente à realidade concreta, uma crítica implícita dos valores puramente verbais, tornando-se uma poetisa comprometida com os problemas sociais. Assim, Cora Coralina desenterra a poesia que está latente em todos os seres, mesmo os mais insignificantes, confirmando, deste modo, a postulação de Manuel Bandeira: "poesia é o etér em que tudo é mergulhado e que, por sua vez, penetra em tubo".

BEÇO DO SÓCRATES. "Conto a estória dos bocos, dos bocos da minha terra, suspeitos... mal-afamados, Bocos de mulher perdida. Bocos de mulheres da vida". Cora Coralina.

Outro tom forte de comprometimento manifesta-se no poema "Vida de lavadeira". Cora, ao tematizar a lavadeira, endossa o tipo de linguagem que ela libera, e efetua-se ao mesmo tempo o desgaste de um corpo e de uma escrita, da escrita do corpo e do corpo da escrita. Há em todo texto um tecer de verdades. Uma tendência para refletir, cada vez mais, sobre o sofrimento dos desprotegidos. Suas personagens não surgiram do acaso, são frutos das experiências pessoais, sublimados os percalços da sua vida, através de identificação com o outro, que se apresenta como o outro dela mesma e uma forma de atravessar as fronteiras da própria existência. Sob este prisma, nos versos do poema "Vida de lavadeira" vibra um eu consciente e assumido, pois se o poema se não se encaixa à vida, perde sua razão de ser. Por outro lado, a figura da lavadeira está diretamente relacionada a outras categorias profissionais, enredadas nas malhas da verdadeira escravidão do mundo, onde o conflito interior e a luta pela sobrevivência se acham comprometidos com o discurso do poder. As limitações e o estilhaçamento do ser humano se comprovam na linguagem e na participação da poesia, na miséria de condição humana, como mostram estes versos:

Sombra da mata
sobre as águas quietas
onde as iaras
vêm dançar à noite...
Façamos versos sem mentir
— onde batem roupa
as lavadeiras pobres

Sombra verde dos morros
no poço fundo
da Carioca
onde as mulheres sem marido
carregadas de necessidades
mães de muitos filhos
largadas pelo mundo
batem roupa nas pedras
lavando a pobreza
sem cantiga, sem toada, sem
alegria.

Quero escrever versos verdadeiros
Por que será, Senhor,
que a mentira se insinua
nos meus versos?
Onde vive você, poeta, meu irmão
que faz versos sem mentir?

É a partir da busca da verdade da poesia que Cora Coralina faz o questionamento sobre o mundo e a condição humana toma posição frente à realidae concreta. Octávio Paz observa que "poesia é revelação da condição humana e consagração de uma experiência histórica concreta". Assim, para a poetisa essa participação poética é o compromisso de si mesma com o homem e sua condição social, histórica e existencial. Cora Coralina não se fecha em seu fazer poético, ela enfrenta o mundo quando o questiona. E sentimos quando ela passa da própria solidão à solidariedade. A poetisa chega a ser irônica consigo mesma ao efetuar a pergunta: "Onde você vive poeta, meu irmão/ que faz versos sem mentir?"

Cora Coralina faz a pergunta às outras pessoas, mas é dela mesma que quer ouvir a resposta. Este olhar para a alteridade que a leva a questionar o compromisso do poeta com a verdade e o comprometimento com a realidade social é o que lhe permite maior aproximação com a totalidade e maior consistência com a história, pois, como afirma Octávio Paz "o poema, ser de palavra, vai mais além das palavras e a história não se esgota no sentido do poema; mas o poema não teria sentido e nem sequer existência, sem a história, sem a comunidade que o alimenta e a qual alimenta". É aí que caminha a poesia de Cora Coralina, participativa, questionadora, encontrando ressonância, porque do cotidiano e das vivências pessoais.

A pergunta da poetisa ao final do verso presentifica a parafrase do discurso do poder, pois à medida que aponta para o discurso da verdade, a mentira se instaura, como elemento camuflador da realidade. Assim, a poetisa passa a buscar no outro a linguagem que não lhe é facultada.

De certo modo, "o povo humilhado" que percorre a poética coralineana não aparece como objeto pitoresco, mas como pessoas de existência concreta que têm como referentes seus instrumentos de trabalho, como podemos observar no poema "Todas as vidas":

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
a mulher roceira
— enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos.
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.

O poema "Todas as vidas" é uma síntese de sua eudade que se funde à essência dos outros, aos afazeres dos outros. Assim, a poetisa encontra a essência de si mesma. Assimilando a experiência constante com os outros seres é que ela consegue alcançar a essência de cada um deles e se fazer o duplo deles. O tempo presente corresponde a um definido espaço social e histórico, como afirmação integral do ser. Deste modo, Cora instaura e constitui uma visão de mulher, pois, conforme Octavio Paz, "o homem se realiza ou se completa quando se torna outro. Ao se tornar outro, se recupera, reconquista seu ser original, anterior à queda ou ao despertar no mundo, anterior à cisão em eu e outro 14". Com isso, diríamos que a poetisa se completa quando busca para si todas as vidas, submersas dos escombros da miséria, da intolerância do homem. Tenta com isso desnudar as feridas da sociedade, elevando a voz polifônica a entoar um hino de solidariedade e buscar a transformação social do homem e do mundo. A opção pelo residual do humano, é o fio a tecer sua poética, que tem um compromisso humanitário. Ao se vivificar em lavadeira, mulher cozinheira, mulher roceira, mulher da vida, simbolicamente atinge a imortalidade porque transubstanciada na vastidão do Cosmos.

Cora, ecológica — Para Alceu de Amoroso Lima, o regionalismo literário, como registro de uma região, se manifesta "pela predominância da terra sobre o homem", enquanto que no telurismo ocorre a interiorização dos elementos culturais e paisagísticos, "concorrendo para a existência de uma simbiose entre o homem e a terra". No regionalismo não se promove a ascensão do homem ao universal. O que se dá é fixação ao local, sem o transcurso da existência. Já no telurismo, se processa a fusão do homem com a

terra, exercendo um poder de elevação, um direcionamento para o encontro de sua linguagem e de sua essência.

Assim, as características locais são de tal modo metamorfoseadas que se transmudam em liguagem, em imagens e matérias poéticas que simbolizam a região. É o que acontece em "Poemas dos becos de Goiás e estórias mais", onde os elementos da terra são expressão de uma linguagem universal. Em decorrência, a obra coralineana converge para a definição de uma poética do telurismo onde a terra, a árvore, os frutos, os cereais, os animais saem da tessitura da reminiscência e se metonimizam em objetos do chão. O eu da poetisa se vê percebido pelas coisa do chão, pelo universo telúrico. Urge responder ao convite da terra que é o elemento vital de sua alquimia poética e elemento restaurador de sua essência no poema. E responsável pelo retorno à primatividade mítica, como podemos verificar neste fragmento:

> Eu sou o amor à terra. Sou o amor à gleba. Tenho uma profunda identificação com a terra e aos que nela trabalha. Me sinto profundamente identificada com ela.

As fontes do telurismo, ou seja, a natureza, o homem e as tradições extravasam o interior da poetisa, porque filtrado pela sensibilidade, pelo amor à terra e aos que nela trabalham. A terra é a força que inunda o universo da linguagem. E todas as coisas que se igualam ao ser humano assumem atributos humanos, tornando possível um graveto ser o homem.

> Sou árvore, sou tronco, sou raiz,
> folha,
> sou graveto, sou mato, sou paiol.
> E sou a velha tulha de barro.

Os signos, assim entendidos, trazem para o texto as coisas do chão. O real, as palavras e os motivos são transmutados em linguagem telúrica, para se transubstanciarem em novas formas de ser, para se igualarem ao ser humano, para atingir a carga máxima da poeticidade, porque poema não é senão "um romper os muros temporais, para ser outro" como dizia Octavio Paz. Incorporar os objetos da natureza, antes de tudo, é ampliar o universo do ser para a apreensão da realidade concreta.

Cora Coralina redimensiona a linguagem e assume o eu com os objetos nomeados, criando e deslocando novos sentidos sob o significante do signo que, **a priori**, aponta para a matéria do chão, para o inorgânico.

A fusão dos elementos da natureza com o eu poético tem sua origem na própria terra, pois, segundo a poetisa, todos os componentes da realidade têm sua origem no chão, inclusive o homem, o que confirma o seu telurismo e a inserção no Cosmos, pois "O Cosmos é um organismo vivo, o que se renova periodicamente, e o seu modo de ser" e a sua capacidade de regenerar é expressa simbolicamente pela vida da Árvore, no dizer de Eliade.

No poetar da poetisa se instaura um mundo em que qualquer coisa, seja árvore, um pássaro, um graveto, um paiol, perde seu sentido natural, transubstanciando-se em nova forma de ser, a simbiose do ser com a totalidade do universo:

> Pela minha voz cantam todos os pássaros, piam as cobras.
> e coaxam as rãs, mugem todas as boiadas que vão pelas estradas.

Segundo o autor de **A loucura da palavra**, J. Fernandes, "o simbolismo da árvore, ligada à vida perene, não poderia dispensar, conjuntamente, a simbologia dos frutos". Colocamos o milho nesta trilha, uma vez que ele é situado pela poetisa no "Poema do milho", como planta sagrada, o arquétipo da renovação da vida e da infinitude. Ele é o canto da personificação do vegetal e da exaltação da força da natureza "ou a mais brilhante poetização da febre genética do vegetal", na concepção de Oswaldinho Marques. A poetisa, sábia, num único signo condensa os significados. Vejamos o poema "Oração do milho":

> Senhor, nada valho.
> Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.
> Meu grão, perdido por acaso,
> nasce e cresce na terra,
> descuidada.
> Ponho folhas e haste, e se me ajudares, senhor,
> mesmo planta de acaso, solitária,
> dou espigas e devolvo em muitos grãos
> o grão perdido inicial, salvo por milagre,
> que a terra fecundou.
> Sou a planta primária da lavoura.
> Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo,
> de mim não se faz o pão alvo universal.
> O Justo não me consagrou Pão da Vida, nem lugar me foi dado nos altares.
> Sou apenas o alimento forte e substancial dos que trabalham a terra, donde não vinga o trigo nobre.

Diríamos que a transmutação da poetisa em outros elementos da natureza, usando palavras de Heidegger, tem relação com "as angústias metafísicas oriundas do invólucro da miséria e limitações que impõe o estar no mundo". Assim, fundir-se ao milho, planta humilde dos quintais pequenos e lavouras pobres, vale dizer que o seu mundo é a reimplantação da condição miserável de vida por que passou, é a necessidade de fugir da solidão material e criar novos seres e dominar o Cosmos, como forma de assegurar o tempo indefinível.

Portanto, Cora Coralina é aquela que busca, na intimidade do vegetal, o subtrato de sua vida, para transportá-la, através da sua palavra vibrante, às profundidades metafóricas da arte poética. Arrancar da neutralidade dos signos a essência do poético, porque "a poesia é a forma que contorna o caos da existência e lança o homem para o ser ou, pelo menos, para a possibilidade de ser", ensina J. Fernandes. Desta forma, a poetisa, ao criar realidades absurdas à lógica, está através da poesia ganhando o sentido sem sentido da existência.

O ser também se vegetaliza para tirar do chão o significado da vida. É com o "poema do milho" que a autora realiza o seu melhor trabalho poético, numa explosão de amor à natureza, onde o lavrador se transubstancia no próprio elemento — a terra, para dela retirar as suas possibilidades de atualização, deixando instalar-se a sua passagem para o vegetal:

> Cavador de milho, que está fazendo?
> Há que milênios vem você plantando?
> Capanga de grãos dourados a tiracolo.
> Crente da terra. Sacerdote da terra. Pai da terra.
> Filho da terra. Ascendente da terra.
> Descendente da terra.
> Ele mesmo, terra.

Assim, diríamos que a força telúrica coralineana está enraizada na terra e, como já vimos, ela corrobora para a definição de sua poética, ela aparece em seu sentido primeiro como a **terra mater** "que dá nascimento a todos os seres", de que fala Mircea Eliade. Portanto, ao retomar o significado da terra em sua tessitura poética, dá-se o movimento da Gênesis, onde tudo se cria e se recria. Comprova-se que só a substância telúrica é capaz de tornar possível a reconstituição da vida, de que a terra é geradora do movimento perpétuo da criação, cuja energia é capaz de regenerar o próprio ser e transformá-lo em guardador do cíclico da vida que a alquimia telúrica instaura.

Concluindo, diríamos que é fundamental a força telúrica na feitura dos versos coralineanos. Um telurismo transfigurado que delineia os limites do geográfico e do regional para atingir o universal dos seus poemas. ■

LENHEIRO — Cidade de Goiás. "Amo esses burros de lenha, arrochados na sua carga, no range-range das cangalhas. E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja. Pequeno para ser homem, forte para ser criança". Cora Coralina (Becos de Goiás)

MARLENE GOMES DE VELLASCO — é diretora da casa de Cora Coralina, na antiga Vila Boa, hoje Cidade de Goiás. É mestra pela Universidade Federal de Goiás, de cuja tese extraímos alguns excertos para o presente texto.

Endereço para correspondência: Casa de Cora Coralina — Rua do Rosário — Cidade de Goiás.

A Mulher e o Mal

A professora Angélica Madeira revela neste artigo que até os dicionários abrigam o preconceito contra a mulher em suas páginas

Angélica Madeira
Universidade de Brasília

Ao abrirmos um dicionário de qualquer língua moderna encontramos um número significativo de expressões onde a palavra mulher é acompanhada de qualidades negativas.

Os significados dos vocábulos listados nos dicionários apontam para construções coletivas, valores que se cristalizaram ao longo do tempo, delineando molduras culturais amplas, que fonecerão padrões para a percepção do mundo e para as ações.

A língua em si, enquanto estrutura, só se move de acordo com suas próprias leis, porém a dinâmica dos seus significados evidencia, muitas vezes, discrepâncias entre os sentidos historicamente fixados e a força das transformações sociais.

Parece assim que o valor negativo atribuído à palavra mulher corresponde a uma construção muito mais antiga que a própria língua portuguesa, datando de tantos séculos quanto foram necessários para a afirmação dos valores patriarcais que constituíram o Ocidente e a Cristandade.

Alguns autores consideram o Malleus Malleficarum (1484), obra de dois inquisidores alemães Sprenger e Kramer, um marco, a culminação de um processo que visava associar a mulher com o mal, já então alegorizado na figura do diabo. Esta associação já vinha sendo preparada desde a antiga Idade Média, por Agostinho e mais tarde por Tomás de Aquino, através do aproveitamento e da reelaboração seletiva dos textos hebraicos e clássicos sobre a mulher. Toda uma literatura específica foi sendo formada e sistematicamente retomada pelos pregadores, mestres de consciência, teólogos e demonólogos até criar raízes no senso comum e ganhar existência na vida cotidiana.

A figura da Bruxa é o melhor exemplo de precipitação histórica desta construção mental. Já dizia Michelet, referindo-se ao contexto do continente europeu, que a Bruxa só pode ser pensada dentro de uma forte cultura eclesiástica, uma cultura que decompôs as mil nuances do diabo e da mulher em uma dicotomia maniqueista e abrupta.

A caça às bruxas que durou, grosso modo, do século XIV ao XVIII, nos quatro cantos da Europa, nada mais é que o acirramento do medo e da insegurança gerada por tantas transformações, políticas, sociais, religiosas, sobrevindas com modernidade. O dogmatismo da religião cristã fez com que se desenvolvesse um alto grau de intolerância em relação às práticas rituais ditas heréticas ou heterodoxas. Hécuba, Diana, Isis, e outras deidades dos lares foram aprisionadas. A discriminação das mulheres, que atingiu também o corpo e as práticas eróticas, domesticou-as, tornou-as dóceis. Esta operação repressiva gerou resultados.

Escrava Romana-Quadro a óleo de Oscar Pereira da Silva (Séc. XIX, Pinacoteca de S.Paulo

Lembremo-nos somente dos serões monótonos narrados pelos romances do século XIX ou do tédio de Emma Bovary em sua pequena sala de jantar, para compreendermos as reduzidas opções reservadas ao ser do sexo feminino, após a puberdade. Ser esposa é o primeiro significado dicionarizado, onde o termo mulher é conotado positivamente (a esposa é a mulher menos sua sexualidade); ou, segunda opção, prostituta, onde age a associação ao prazer, à música, e mais tarde, ao pecado, ao mal e ao diabo. Preconceituosos ou saborosos, os qualificativos que se somam para desqualificar a mulher são expressivos: mulher à-toa, mulher da comédia, da rótula ou da zona, de ponta de rua, do fado do fandango, mulher do mundo, mulher da vida, do pala aberto, mulher fatal, termos que associam mulher e sexualidade. Messalina, cortesã, cocote, vulgivaga, muruxaba, zabaneira são alguns exemplos do alcance transcultural e da formação híbrida deste campo semântico. Mulher perdida, tolerada, transviada, mulher errada, mulher pública e vadia apontam já para o rebaixamento e para a ansiedade que subjaz à associação do erotismo com o mal. Há ainda muitos fios a serem puxados da trama língua para compreendermos a intrincada gramática dos códigos sociais nos quais existimos. Movendo do nível do léxico para a realidade sócio-cultural, pode-se ver, a olho nu, como língua e cultura se conectam.

Apesar da profunda transformação da mentalidade e dos costumes ocorridas nas últimas décadas, de responsabilidade sobretudo dos movimentos feministas, as idéias de longa duração vazam os séculos até serem completamente exumadas.

---

* Angélica Madeira, doutora em Semiótica pela Universidade de Paris VII, é professora-adjunta do Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília. Durante o ano de 1990 foi "research associate" na Universidade de Columbia, New York, no "Research Center for Language and Semiotic Studies", Universidade de Indiana, Bloomington. Escreveu e publicou vários artigos em periódicos nacionais e estrangeiros sobre literatura, música e cultura popular. Atualmente prepara um livro sobre a História Trágico-Marítima, uma coletânea de narrativas de naufrágios de barcos mercantes portugueses do século XVI. Endereço para correspondência: Colina, Bloco A, ap. 22 — Campus da UnB — Brasília DF.

Grande figura de mulher e musicista, a profª ODETE ERNEST DIAS analisa neste artigo as repressões sociais sofridas por MOZART no século XVIII e coisas parecidas que andou presenciando na atualidade brasileira. No fim do artigo a autora faz uma tocante apologia do amor à música, apesar dos preconceitos sociais contra os músicos.

A volúpia da música: contrapontos dissonantes

Odette Ernest Dias
Universidade de Brasília

À propos ... Mozart gostava muito de começar suas cartas com a expressão "à **propos**", em francês. Entrava assim, coloquialmente, no vivo do assunto que o preocupava no momento, tendo-nos comunicar facilmente com seu dia-a-dia.

Dia-a-dia de músico profissional, não muito diferente daquele dos seus colegas de profissão de hoje, profissão às vezes suspeita, marginalizada, desconsiderada até como profissão. Muitos pais ainda se indignam quando o filho declara que vai ser músico. Até nas instituições acadêmicas, como, por exemplo, nas universidades, os músicos são marginalizados devido à dificuldade de avaliação de seu **trabalho** — trabalho que dá prazer — suspeito! Um pequeno episódio pessoal: uma amiga de minha mãe me perguntou o que eu fazia na vida. Respondi que eu era professora universitária. Veio um "Ah! (admirativo), mas quando ela prosseguiu, indagando em que área eu atuava — na música — veio um Ah ... (depreciativo).

Acompanhemos porém a trajetória de Mozart em sua correspondência, onde ele mostra, do começo ao fim de sua vida, um envolvimento musical em todos os aspectos; na criação, na execução, no ensino e até na **produção**, como se diz hoje. Suas cartas são o reflexo da sua luta pela sobrevivência, de suas dificuldades nas relações com o poder e da sua persistência em preservar sua dignidade pessoal.

Através do retrato dessa luta cotidiana aparece claramente, e sem necessidade de uma linguagem estética e filosófica, o significado profundo da música para ele e para o homem de todos os tempos. Neste ponto, pode surgir um paradoxo: como a transcendência da luz da linguagem mozartiana pode coexistir com as preocupações triviais do dia-a-dia? Ele não deveria ser uma pessoa desligada dos problemas materiais? É justamente nesse ponto que o paradoxo se desfaz. As dificuldades que ele atravessava eram tão intimamente ligadas à sua condição de músico profissional que elas se tornavam parte indispensável da sua emoção e da sua criação. O mito de Mozart **anjo**desaparece em favor da presença do **homem**, de uma genialidade sempre em confronto com a adversidade e talvez mais forte por isso mesmo. Ou será que esse anjo é mais anjo justamente por ser homem?

A leitura seguida das cartas de Mozart retrata de maneira constante a sua luta contra as dificuldades materiais e sociais ligadas à profissão. Os músicos que lerem estes artigo vão reencontrar aqui situações familiares. Vale citar, do livro **Chega de saudade** de Ruy Castro o seguinte trecho:

Em 1956, pessoas de boa família não se misturavam a músicos e cantores, exceto ao contratá-los para tocar em suas festas, caso em que estes entravam e saíam pelos fundos.

Qual era a condição social de Mozart? Deixemos que ele mesmo fale e, paralelamente, apresentemos algumas situações atuais muito parecidas.

(Mozart) — ... Eu não sabia que era um criado de quarto (valet de chambre), foi isso que me perdeu. Eu deveria todos os dias da manhã gastar algumas horas ficando de plantão, à disposição... (carta 165, a seu pai, Viena, 12 de maio de 1781)

— ... que distinção me acorda o arcebispo? Os Srs Kleinmayer e Bonick1 têm uma mesa separada com o Conde d'Arco2; se eu ficasse nessa mesa seria uma distinção, mas não com os **valets de chambre**, que depois de deixar seus lugares de honra na mesa, acendem os lustres, abrem as portas e devem ficar no vestíbulo, enquanto estou na sala com os cozinheiros... (carta 158, Viena, 24 de março de 1781).

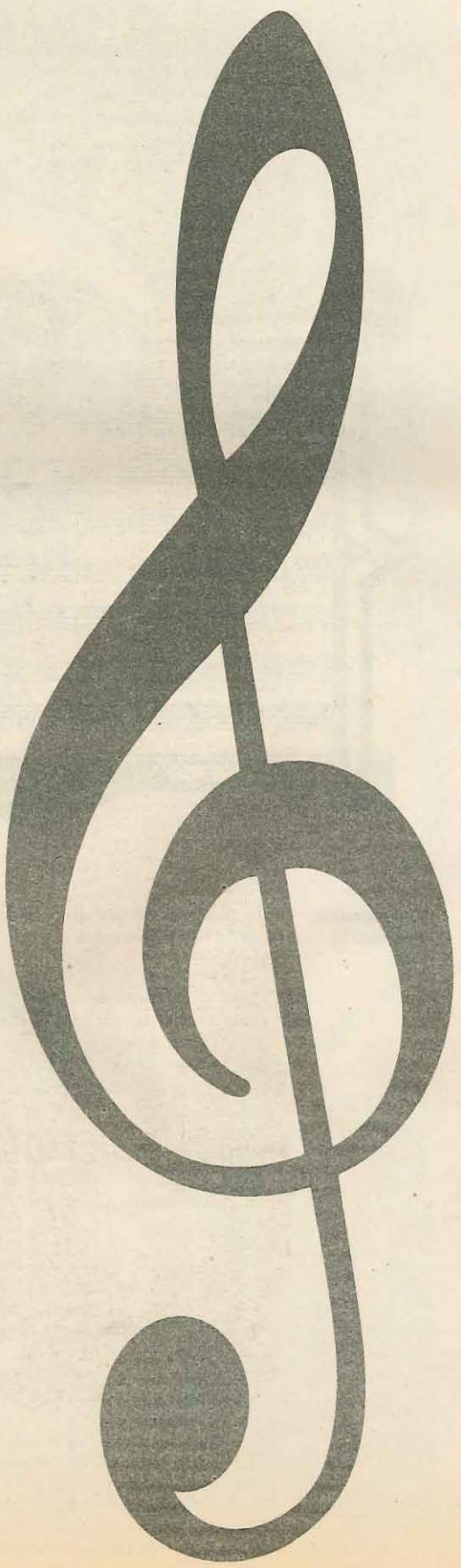
E hoje, como é? Vejamos dois exemplos:

— Brasília — Águas Claras, residência oficial do governador do Distrito Federal — durante um almoço de senhoras de embaixadores e políticos, onde eu tocava com o Clube do Choro, fiquei na situação ambígua de ou me sentar numa das mesas como conhecida de muitos e convidada para isso, ou compartilhar a mesa dos músicos... Procuramos a tal mesa, não tinha... Os músicos iam comer na copa, com louça rachada, sem guardanapos e sem atendimento de garçons. A minha solução foi de não almoçar.

— **Salvador** — Fui tocar numa festa de aniversário convidada por um grupo de chorões baianos, conhecidos meus. Apartamento luxuoso, no bairro de Brotas. Os músicos entraram pela porta dos fundos e foram convidados a se sentar na área de serviço; esperando o chamado para tocar. Foram servidos de cerveja e sanduíches de mortadela. Depois de um certo tempo, aparece na copa o dono da casa que me reconheceu (eu tinha morado na Bahia, anos antes, quando meu marido era gerente de um banco). Depois de muita surpresa, ele insistiu em me levar para a sala, onde me ofereceram uísque e canapés de caviar. Como esposa de gerente de banco eu subia imediatamente na escala social!

E os honorários do músico? Mozart era muitas vezes retribuído com **presentes**, objetos de luxo, geralmente inúteis, como o relógio que ele recebeu de um nobre senhor.

(Mozart) ... Fui buscar meu presente (seria o **cachet** de hoje) na casa do Conde Savioli3. É bem o que eu imaginava: nada de dinheiro, mas um belo relógio de ouro. Eu teria preferido no momento dez **carolins** a esse relógio estimado em vinte **carlins** com a corrente e os berloques. Em viagem, a gente precisa de dinheiro e, com sua licença, tenho agora cinco relógios. Assim tenho vontade de mandar fazer um segundo bolsinho em cada uma das minhas calças e, quando me apresentar a um senhor da nobreza, usarei dois relógios ao mesmo tempo (aliás, é moda atualmente) para ninguém ter a idéia de me presentear com um novo (carta 88, a seu pai, Manhein, 13 de novembro de 1772).



Só ao tempo de Mozart? Vejamos pois:

— **Rio de Janeiro** — Convidada para dar um concerto na casa de um grande industrial (recital de música barroca), me entregaram, com muita cerimônia, um pequeno anel de ouro no lugar do **cachet**.

O **serviçal** músico era considerado enquanto servia a contento. Quando Mozart manifestou seu desejo de independência, de deixar a corte do Arcebispo de Salzburgo, o mesmo lhe disse as maiores impertinências e o Conde d'Arco jogou Mozart pela porta afora com um pontapé no ... (carta 178, Viena, 13 de junho de 1781).

Mozart se libertou do serviço do arcebispo para se tornar **free lance**, ensinando, tocando e compondo. Mas o **free lance** sofria, como sofre até hoje, o mesmo tipo de repressão e discriminação, só que numa escala maior, a de toda a sociedade. Nessa nova situação de liberdade aparente, a luta contra o desprezo e a indiferença dos poderosos continua a mesma.

(Mozart) ... Não poderei conseguir sobreviver sem ter alunos e esse é um tipo de trabalho para o qual não nasci. Aqui tenho disso a prova viva. Poderia ter tido dois alunos. Fui três vezes na casa de um deles e ele não estava. Não voltei mais. (carta 106, a seu pai — Manhein, fevereiro de 1778).

A comparar-se com a experiência que tive eu própria:

Brasília — Asa Sul — Depois de muito solicitada, aceitei dar aulas particulares de flauta a um Senhor Deputado Federal, na casa dele, isso contra todos meus princípios. Foi combinado um pagamento mensal. Na quarta aula, não encontrei esse senhor. Ele tinha viajado sem me avisar e nunca mais deu notícias... nem pagamento.

(Mozart) ... Teria o executante mais sorte que o professor? ... Nessa primeira visita à Senhora de Chabot4, tinha ela me convidado a voltar dentro de oito dias! Cumpri o prometido e fui. Tive de esperar meia hora numa sala grande, gelada, sem calefação e sem lareira. Até que enfim, a Senhora de Chabot chegou com a maior civilidade e me pediu para me contentar com o piano que aí estava — já que nenhum outro estava em boas condições. Falei que tocaria de muito boa vontade alguma coisa, mas, que no momento, era impossível. Não sentia meus dedos de tão congelados — e pedi que me levasse pelo menos num cômodo onde tivesse uma lareira. **Oh, si monsieur, o Sr. tem razão**, foi toda sua resposta. Ela sentou-se e começou a

desenhar durante uma hora inteira em companhia de outros senhores que estavam sentados, em círculo, em volta de uma grande mesa. As janelas e portas estavam abertas, sentia frio, não somente nas mãos, mas pelo corpo todo e a cabeça começava a doer. Não sabia o que ia ser de mim com esse frio, essa dor de cabeça e esse tédio. Enfim, para acabar com essa situação toquei nesse miserável e detestável pianoforte. Mas, o mais vexatório foi que a Senhora de Chabot e todos esses senhores não interromperam em nenhum momento o seu desenho, continuando o tempo todo, de forma que tive de tocar para as poltronas, as mesas e as paredes... (carta 116, a seu pai, Paris, maio de 1778).

Essa cena é muito eloquente para qualquer músico instrumentista. Como tocar com o frio no corpo e na alma, em meio à indiferença total?

... Em Salzburgo, há muitas pessoas que não quero frequentar e para os outros sou de linhagem muito baixa. Nenhum incentivo para meu trabalho quanto toco. É exatamente como se tivesse como ouvintes somente poltronas e mesas. (carta 169 — a seu pai — Viena 26 de maio de 1781).

Hoje, seria diferente? Vejamos:

— **Brasília** — Lago Sul — Fui tocar na missa de aniversário de 80 anos de uma senhora, numa bela residência desse bairro elegante. Quando cheguei, para me colocar à **vontade**, a dona da casa pediu que eu esperasse a hora da missa num ... quarto de despejo onde tinham empilhado os móveis inúteis à recepção. Quando, apesar de tudo, eu fui cumprimentar a aniversariante, que descobri ser parente de minha nora, criei o maior constrangimento. Ninguém conversou comigo na fila, ninguém comentou as músicas que tinha executado. Me senti ao mesmo tempo furiosa, humilhada, e como se tivesse cometido uma gafe monumental. Senti que, como musicista, era excluída da festa. Eu deveria ter é sumido depois da missa...

E a respeito do pagamento das atividades musicais? Sempre o desprezo, a incerteza e cada vez mais as dívidas que o colocavam na mão de agiotas:

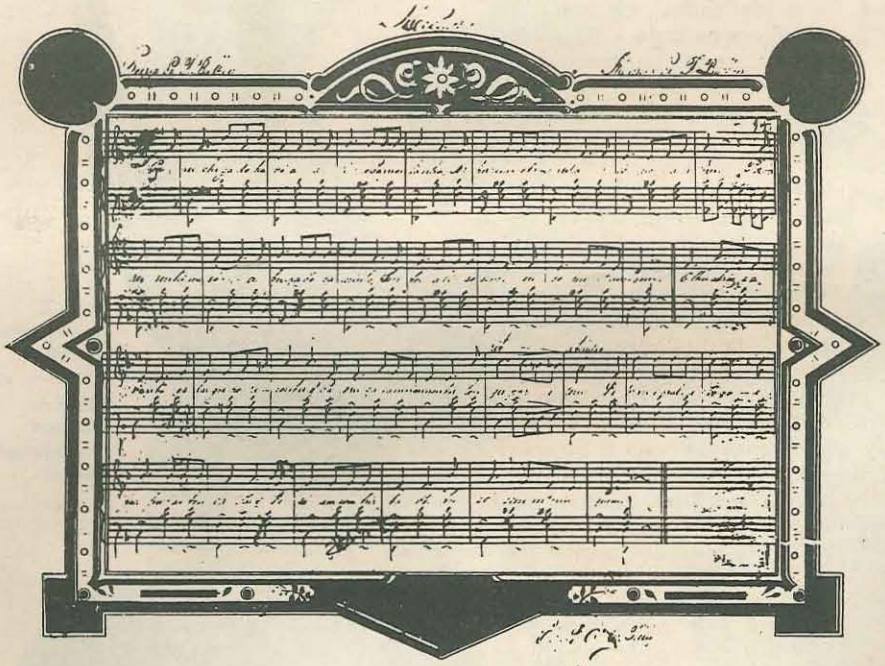
(**Mozart**)... Mas tivemos concerto ontem. Agora eu espero para ver se vou receber alguma coisa. Se não receber nada, irei até o arcebispo e direi claramente: se ele não quer que eu lucre nada, pelo menos que me retribua de tal forma que eu não seja obrigado a gastar meu próprio dinheiro (carta 157, Viena, 17 de maio de 1781).

Vejamos hoje:

Brasília — Foyer do Teatro Nacional, coquetel com concerto organizado por um grande banco americano de São Paulo para um **vernissage**. Para receber o **cachet**, dois meses depois, foi preciso gastar em telefonemas interurbanos quase o equivalente desse **cachet**.

(**Mozart**)... Falemos agora do problema do dinheiro. Minha aluna ficou três semanas no campo; não tinha então nada a receber, enquanto eu ia gastando... Como eu tinha esperança para as **subscrições** (vendas dos seus livros de composições e de bilhetes para recitais), eu quis esperar até poder mandar-lhe a quantia prometida, mas, eis que a Condessa Thun6 me disse que, até o outono, não se pode pensar nas **subscrições** porque todas as pessoas que têm dinheiro estão no campo. (Carta 179, a seu pai, Viena 25/08/1781).

É possível entender por que, nesse dia-a-dia tão difícil e incerto, Mozart vivia em apertos financeiros que o obrigavam frequentemente a pedir dinheiro emprestado, num tom quase desesperado. A leitura dessas mensagens dramáticas nas suas cartas destrói a fama de perdulário que lhe foi atribuída recentemente.



Pauta Musical do século 19

(**Mozart**) ... Não posso pagar agora nem mesmo a metade da quantia que tomei emprestada. Se eu soubesse que a subscrição dos meus concertos andaria tão devagar, eu teria pedido dinheiro emprestado com prazo maior (carta 237, à baronesa Waldstaden, Viena, 16 de fevereiro de 1783) — e, mais perto do fim da sua vida, um grito desesperado:

...Eu o suplico, conjuro, em nome de Deus de me conceder esse socorro imediato, junto com um conselho e uma consolação. (carta 257 — ao Sr. Puchberg8, Viena, 17 de julho de 1788).

Como explicar o processo de criação se existe tamanha opressão social e se as dificuldades financeiras tiram da alma a tranquilidade necessária?

Mozart declara: ...Preciso conservar a serenidade, a cabeça livre e prazer no trabalho (Carta 145, a seu pai — Munique, 24/11/1780.

Conservar o prazer. Acho que tocamos aqui no âmago da questão.

Não seria esse prazer a chave do mistério? Afinal por que tanto destrato? É preciso voltar ao significado dessa linguagem aparentemente simples, mas tão profunda, que é a linguagem do **som**.

Mozart se define como alguém que se expressa essencialmente pelo **som**. Ele é um **músico**.

(**Mozart**) ... Não posso escrever em versos, pois não sou poeta. Não posso distribuir cores artisticamente para produzir sombras e luzes, pois não sou pintor. Não posso expressar meus pensamentos com signos e pantominas, pois não sou dançarino. Mas posso fazê-lo com os sons, pois sou **músico**. (Carta 87, Manhein, 8 de novembro de 1777).

Já ouvi muitas vezes reflexões como: **Vocês parecem tão felizes quando tocam**. Realmente, a necessidade de criar o som produz um estado de profunda euforia. O músico nesse momento se torna o dono do tempo, dono do mundo, um rei todo-poderoso. Depois, recebe a vingança social.

Mozart já foi retratado como louco, inconveniente, imprevidente. Esse seu caráter desprevenido era também a mola que o impulsionava para a brincadeira com as palavras (as sua famosas piadas!). Essa facilidade para improvisar permitia-lhe concentrar-se a fazer trocadilhos e ainda se absorver até com aparentes contradições, como, por exemplo, escrever quase simultaneamente a Flauta Mágica e o Requiem. Não existe incoerência entre a personalidade de Mozart e os episódios de sua vida profissional, de uma lado, e sua criação de outro lado.

O seu **ilhamento** (melhor de que **isolamento**, apesar da raiz comum às duas palavras) permitia-lhe refugiar-se na parte mais alegre dele mesmo onde brincava com o som da mesma forma que sabia fazê-lo com as palavras (lembremonos que ele era um grande jogador de bilhar, assim como também Villa-Lobos, outro brincalhão). Um dos maiores traços de sua personalidade musical era, segundo testemunho dos seus contemporâneos, o seu talento para a improvisação, o que infelizmente, não podemos presenciar.

É na improvisação que o músico se sente mais perto da felicidade da criação, quando o **som** realmente lhe pertence.

Como descrever a natureza do som que torna os músicos tão **felizes** e **suspeitos**?

Felizes na sua expressão do momento, suspeitos por compartilharem de uma linguagem poderosa, dionisíaca, diabólica, que, uma vez acabada a festa, faz que eles sejam mandados sair pelos fundos.

É mais fácil apelar para a ficção e para a anedota para tentar chegar mais perto dessa realidade.

Assisti, há pouco tempo, num filme russo ("Taxi blues") a história de um saxofonista, que sofre todo tipo de discriminação social. Mas, **fala com Deus**, segundo suas próprias palavras, quando está tocando. Comunica-se com o impalpável e graças a essa comunicação consegue mudar até os rígidos conceitos de vida de seu amigo, motorista de táxi. O som criado na sua **ilha** egocêntrica dá-lhe o poder de comover o outro até as lágrimas.

Passando férias num sítio, num arraial muito isolado da Serra da Mantiqueira, nos anos em que ainda não tinha luz elétrica, eu estava ouvindo num toca-discos de pilhas uma música. Apareceu um homem muito simples e pobre, ferreiro, violonista e beberrão nos seus momentos de lazer e boemia — ele pediu licença — "Eu estava passando na estrada, ouvi um som, posso entrar?" — "Entre, Sr. Olavo. Ele sentou, ficou no maior recolhimento e no final declarou — "Essa é uma música muito importante! Era um quarteto de Mozart para flauta e cordas.

Já vi Hermeto Pashoal entrar num furor leonino no palco do Palácio das Artes em Belo Horizonte, quando o gerente do teatro lhe fez chegar, no meio de uma improvisação instrumental, a ordem de parar de tocar porque o tempo do espetáculo tinha se esgotado. Ele não tinha sensibilidade para perceber que o tempo da arte (criação) foge ao tempo dos relógios.

Quem é o dono do **som**? Desse momento de criação onde toda a afetividade é envolvida?

Na Idade Média, um pobretão estava na frente de uma Rôtisserie, aspirando o cheiro de um apetitoso assado. Veio o dono do estabelecimento: — Você tem que pagar!Pagar? O cheiro?

Ele jogou uma moeda no chão, a fez.
ressoar e a recolocou no bolso.

Pagar o cheiro? só com o **som**.

Perfume, som, tão impalpáveis quanto o ar que os carrega.

Concluímos com Debussy (Prelúdios):

Des sons et des perfums tournent dans l'air du soir...

Que em português, em tradução livre, deve ser algo como: "Sons e perfumes volteiam na atmosfera da noite"...

NOTAS

Referentes às Lettres de Mozart – CURZON

1) Kleinmayer — Diretor dos Arquivos em Salzburgo. Bonike – Secretário Íntimo do Consistório do arcebispo em Salzburgo.
2) Conde d'Arco — Grande "Chambellan" do arcebispo de Salzburgo.
3) Savioli — Conde — Intendente da música em Manhein.
4) Chabot — Duquesa — [illegible] – filha do Conde Stafford.
5) Subscrição — Mozart vendia com antecipação suas composições para ter fundos para mandá-las imprimir. Vendia também entrada para seus concertos.
6) Thun (Condessa) nascida Uhlefeld. Nora do Conde Thun, de Linz morando em Viena. Pianista, aluna de Mozart, mulher de grande distinção, muito amável e talentosa. Grande admiradora de Mozart e de toda sua família.
7) Waldstadten — Baronesa nascida em Schafer. Protetora e aluna de Mozart — pianista.
8) Puchberg, (Michel) Grande negociante em Viena — a esposa e ele mesmo amigos do Mozart. Emprestava dinheiro, a juros (agiotaria!), a Mozart

BIBLIOGRAFIA

BARTH, Karl.**Wolfgang Amadeus Mozart.** Ed. Labor e fides, Neuchatel 1956.
BUENZOD, Emmanuel. **Mozart.** Reider, Paris, 1930.
CASTRO, Ruy. **Chega de Saudades. ed.Sahevarz, São Paulo 1990.**
CURZON, Henri. **Lettres de Mozart.** (Tradução do alemão) Hachelter, Paris, 1988.
CURZON, Henri. **Vida de Mozart.** Atena Editora, São Paulo.
GHEON, Henri. **Pronema des avec Mozart.** De Brouwer, 1975.
GONÇALVES, Joaquim Freitas. **Mozart. O Gênio de Salzburgo.** Col. Lopes da Silva, Porto, 1943.
HOCQUARD, Jean Victor. **La Pensée de Mozart.** Ed. du Senil, Paris 1958.
MORÉ, Marcel **Le dieu Mozart et le monde. Gallimard, Paris 1971.**
PETERNELL, **Pert. La Vie passionné de Mozart.** Intercontinental, Paris, 1956.

*ODETTE ERNEST DIAS é francesa de nascimento e mãe de família brasileira. Além de suas imperdíveis apresentações como flautista, revela-se também como pesquisadora e escritora.
Endereço para correspondência: SQS 311, bloco E, ap.506 – 70.364, Brasília.DF.

Moda: trama e texto

A vestimenta e a moda são temas fascinantes e inesgotáveis. Neste ensaio a jornalista Valda Maria de Queiroz estuda o assunto sob diversos prismas, desde o conceito de moda até a veste como signo e objeto de consumo.

VALDA QUEIROZ
Jornalista

O tempo deste ensaio é o atual, a atualidade, o hoje, o moderno agora, a agoridade no dizer de Octávio Paz, para que esteja, no mínimo, na moda.

Fenômeno que registra uma constante mutação e vitalidade, fixado no tempo, a moda acompanha, sem dúvida, as alterações e sofisticações das relações de produção e consumo.

Possui o faro do contemporâneo, qualquer que seja a época na qual se atualiza e, qualquer que seja o imaginário mobilizado, passa a representar-se em todas as suas formas possíveis de ficção.

Como fenômeno moderno, a moda surgiu no final do século XVIII, com a formação social da burguesia na Revolução Industrial. De lá até hoje, mantém suas características de transitoriedade, imitação e antropofagia.

Espelho caleidoscópico, estilhaço de mil configurações, representação de realidades diversificadas, pondo em cena desejos contraditórios, a moda revive signos mortos de tempos idos, sem nenhum pudor.

Os signos são livres, ligeiros e mutantes, e no fim dessa emancipação inimaginável eles obedecem à lógica da recorrência louca e minuciosa que acaba por impor uma ruptura ao imaginário.

Assim, esse tema se configura em toda a sua complexidade, pelo seu caráter multidisciplinar através dos diversos enfoques que suscita e por pisar no terreno movediço da marginalidade no âmbito acadêmico/científico.

O preconceito em relação à moda, manifestado pelos seus críticos, recai menos sobre valores morais do que sobre sua futilidade, o tabu incide sobre a paixão do supérfluo, hábito fundamental da sociedade de consumo.

Fútil ou importante, o assunto tem merecido a atenção de poetas, pensadores e escritores tanto no século XIX quanto nos dias de hoje: Baudelaire escreveu um ensaio "O Pintor e a Vida Moderna", de 1859 a 1860 em que tal modernidade "surge como um grande **show** de moda, um sistema de aparições deslumbrantes, brilhantes fachadas, espetaculares triunfos de decoração e estilo".

Leopardi, no "Diálogo della moda e della morte" (1824), satiriza o seu tempo, **"o século morto".** A moda compete acirradamente com a morte na imortalidade, no parentesco e no poder de renovar continuamente o mundo, como diz Leonardi Da Moda à Morte: **"tu desde o princípio te lanças às pessoas e ao sangue, enquanto eu me contento, no máximo, com barbas, cabelos, roupas, utensílios, palácios e etc... Bem, é verdade que não deixei de fazer algumas brincadeiras para competir com as suas, como por exemplo esburacar orelhas, lábios e nariz, atravessando-os com quinquilharias que utilizo por aí afora, queimar a carne com marcas incandescentes, causando desconforto, mas por beleza... Dessa forma, persuado, obrigo todos os bons homens a suportarem diariamente mil fadigas... Dores e mágoas frequentes. Permito a alguns morrerem gloriosamente pelo amor que têm. Não direi nada das dores de cabeça, dos resfriados... Das febres cotidianas, terçãs, quartãs, que os homens adquirem por me obedecer. Consinto que tremam de frio ou se sufoquem de calor segundo minha vontade, protegendo-lhes as costas com tecidos de lã e o peito com fazendas finas e fazer tudo a meu modo, mesmo que seja para seu dano".**

Nesse pacto de cumplicidade que a moda estabelece com a morte, é Leopardi ainda que diz: além de ordenar o desuso e o esquecimento de exercícios que ajudam no bem-estar corporal, introduz inúmeras pregações para destruir o corpo de mil maneiras e reduzem a vida.

Para Nicolas Herpin a moda é uma forma superficial de mudança social. Concerne aos aspectos decorativos dos objetos ou às condutas, as mais triviais. No automóvel, por exemplo, modifica-se mais rapidamente o exterior (carroceria, cor) que o motor... Diferente dos outros movimentos sociais, ela não deixa traço profundo e em particular não produz instituição com certa longevidade. "Cada moda é uma alternativa funcional da precedente".

La mode est ce qui devient demodé, diz Paul Valéry, e nesse processo de vai-e-vem entre o retro e o pós, a moda indica, no seu princípio, o seu próprio termo pelo caráter mesmo do consumo. "O uso da moda seria mais lento que o seu consumo, mas a moda propala que o valor está naquilo agora, no que passa rapidamente e não no que fica", afirma Samira Chalhub.

A moda não urde o novo, mas a novidade, quer seja na trama e textura de seus tecidos, no arco-íris de suas cores ou na forma, isto é, no **design,** volume, equilíbrio e ritmo.

Por isso, é inatual, multifacetada, sempre **demodé** por destino. Seu **modus** é o modo e o tempo do verbo que salta para o passado mais ou menos longínquo, devorando a história.

Ao retirar suas sugestões dos acontecimentos contemporâneos inventados pela Indústria Cultural, ela projeta-se pela efemiridade constitutiva — para o seu próprio fim.

Walter Benjamin, com a finura e lucidez que imprimiu aos seus escritos, orientou a reflexão sobre a mercadoria de luxo, desvendando seu caráter fetichista no célebre ensaio "Paris, capital do século XIX".

Assim se expressa: "O no-▶

vo é uma qualidade que independe do valor-de-uso da mercadoria. É a origem da falta aparência que pertence de modo inalienável e intransferível às margens geradas pelo inconsciente coletivo. É a quintessência da falsa consciência cujo incansável agente é a moda. Essa falsa aparência de novidade se reflete como um espelho em outro na falsa aparência do sempre igual, do eterno retorno do mesmo".

Qualquer dos termos utilizados desde a moda, como **modus** de se vestir, vestuário, veste, indumentária e traje, até roupa, supõe o entendimento da moda como um fenômeno complexo, de natureza histórico-cultural e sócio-econômica, determinado por razões mercadológicas, que abrange um múltiplo universo imaginário.

A moda, como vestuário, é, pois, uma mercadoria fetiche portadora de uma linguagem articulada em sistemas de comunicação. Suas articulações e conexões se dão, portanto, sob o signo de uma instância racional, na forma de organização da criação estética e do mercado: parque industrial para mobilizar imaginários e lucros.

ETIMOLOGIA DO EFÊMERO

O termo vestuário vem do latim medieval **vestuariu** por **vestiariu**, na acepção de vestido; indumentária origina-se do latim **indumentum:** vestido, veste, do latim veste, peça de roupa em geral, vestido, vestimenta. Já a palavra traje, forma deverbal do português antigo e dialetal **trager**, tem o sentido de vestuário habitual e próprio de uma profissão, veste, fato. Roupa tem uma significação originária do germânico **rauba**, presa de guerra, despojos, paralela ao latim vulgar **raubare** = roubo.

Moda é uma palavra apropriada do francês **mode:** uso que rege o gosto do momento, a maneira de se viver, de se vestir o qual por sua vez é originário do latim **modus,** modo, maneira, jeito, medida. O alemão usa a palavra **mode,** como os franceses.

No inglês, **fashion** significa hoje, estilo, maneira, e **status** social ou proeminência especialmente sinalizada por vestimenta ou conduta que concorda meticulosamente com estilo ou moda (mode). São sinônimos: **fashion style, fad, craze, vogue** etc., que podem significar comumente a forma de se vestir, comportar-se, decorar ou manifestar interesse no que é considerado **up-to-date**.

A palavra moda atualmente tem ampla significação: do estilo de vida ao modo de trajar. "Curtir a vida nunca sai da moda", diz o anúncio da **Speedo**.

A legitimidade que lhe confere o uso abrange uma série de produtos e/ou bens de consumo em circulação numa sociedade, num momento preciso: eles têm uma vigência enquanto estão na moda. **Best-sellers**, filmes, ritmos musicais, locais de encontro, gírias, jargões profissionais, vocabulários técnicos e políticos, além de automóveis, eletrodomésticos, roupas e acessórios do vestuário, aglutinam em torno de si opiniões e gostos diferenciados e têm sua duração marcada pela transitoriedade.

Vale lembrar que certa vez Pierre Cardin disse em entrevista à imprensa, no Brasil: "Para que as fábricas funcionem deve existir a moda. As pessoas que pensam o contrário se esquecem de que a moda não é apenas roupa. É tudo que existe em torno dela: fios, lã, algodão, botões, máquinas de cortar, couros. Enfim um vasto mundo industrial que depende do que as pessoas vestem".

O tratamento do assunto tenta captá-lo em toda a sua diversidade, vale dizer, na sua visão de conjunto, interdisciplinar, sem, contudo, privilegiar área específica do conhecimento, já que o vestuário ou moda, enquanto linguagem demanda uma leitura que abrangeria elementos dos campos cultural, econômico, histórico, artístico e semiológico.

Por isso, nossa argumentação ancorada na realidade de agora, volta seu ponto de vista para a questão da moda como mercadoria/fetiche, localizada na sociedade de consumo, consumida pelo narciso, personagem dos anos 80, que transita nesse cenário "pós-moderno"; mercadoria esta originária da cultura, do imaginário social, articulada em várias instâncias de comunicação e restituída à cultura através do roubo da fala, enquanto roupa.

Em síntese, a moda como linguagem pode ser entendida em três níveis:

1) No seu sentido mais abastrato, isto é, como um Sistema de Signos que se atualiza através de mensagens que circulam dentro de um modelo comunicacional amplo.

2) No seu sentido mais concreto, mas nem por isso menos simbólico — o da roupa usada, como figurino de um rito social.

3) A moda encenada, escrita ou figurada, através de textos e imagens publicitárias, o que constitui a própria mediação entre o projeto roupa e o desejo do usuário que a porta. Que a roupa fala uma linguagem, parece que ninguém contesta, muito menos os mais íntimos da semiologia. Segundo Umberto Eco "quem se interessou alguma vez pelos atuais problemas da semiologia já não pode continuar a fazer o nó da gravata todas as manhãs diante do espelho, sem ficar com a clara sensação de estar a fazer uma opção ideológica: ou pelo menos, de lançar uma mensagem, uma carta aberta aos transeuntes e a todos os que cruzarem com ele durante o dia".

VESTE E SIGNO

O vestuário é uma mercadoria como outra qualquer. Não se distingue de uma geladeira ou de um liquidificador, por exemplo, quando faz parte do "sistema de objetos" colocados à disposição do consumidor na sociedade de consumo.

Contudo, sua diferença vai se estabelecer, ao se considerar que a veste se insere em um sistema de representação e comunicação capaz de articular uma linguagem, com signos e códigos.

Como uma saia ou um vestido podem se transformar em signo? Que a música, a fotografia ou o cinema possuam uma linguagem, ninguém pode negar.

Entretanto, para converter um vestido ou qualquer outra peça do vestuário em signo, quem nos fornece a pista é Bakhtin:

"Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com a sua própria natureza. Nesse caso, não se trata de uma ideologia". Prossegue Bakhtin: **"Todo corpo físico pode ser percebido como símbolo... toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo, o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar numa certa medida uma outra realidade".**

Para exemplificar a questão, Bakhtin refere-se a dois instrumentos de produção: a foice e o martelo, que a princípio não produzem sentido, não representam alguma outra coisa, mas têm funções específicas. Somente a partir do momento em que são transformados sem insígnia adquirem um sentido ideológico.

"Portanto,, ao lado dos fenômenos naturais do material tecnológico e dos artigos de consumo, existe um universo particular, o **"universo dos signos",** observa Bakhtin, ao mesmo tempo em que admite que se possa dar ao instrumento uma forma artística que assegure uma **"adequação harmônica"** da forma à função na produção, produzindo uma espécie de **"aproximação máxima"**, quase uma fusão, entre o signo e o instrumento.

"Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe apenas fiel ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se verdadeiro, falso, correto, justificado, bom etc.). O domínio do ideológico coincide com os domínios dos signos: são mutuamente correspondentes. Aí onde o signo se encontra encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor simiológico".

Como estão um objeto que exerce, aparentemente, uma função utilitária pode se constituir em elemento de linguagem? Como extrapola de sua utilidade para outras instâncias de significação como a estética, a simbólica e a fantasmagórica?

A roupa, como mercadoria fetichizada, não só veste crianças, homens e mulheres, mas também identifica, hierarquiza e classifica grupos sociais. Do Renascimento até o Século XIX transformou-se em emblema que outorgava prestígio e respeitabilidade social, poder e erotismo. Hoje, além de tudo, a moda gera uma outra realidade imaginária para a sua geração.

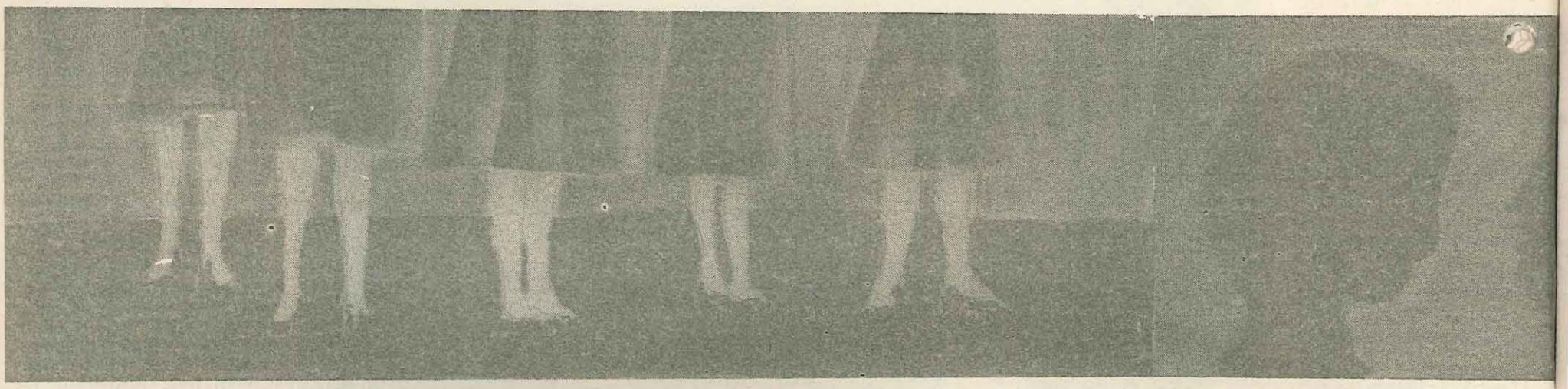
A mercadoria está à disposição do consumidor, nas vitrines da sociedade de consumo, dentro do leque de opções do socialmente previsto, "há de tudo para todos".

A moda rege com seus códigos, que se prestam à seleção e combinação por parte dos usuários, a mo[illegible]gem de sua frase vestimental, como tão bem demonstrou Roland Barthes no clássico **Sistema da Moda.**

É enquanto bem de consumo que a moda se transforma em **"substância lúdica distintiva, em acessório de luxo"**, tendo para além de suas funções primeiras (abrigar, proteger o corpo), ou seja, do seu valor-de-uso e valor, adquirido o caráter autônomo, envolvendo-se num véu que encobre as relações de produção.

É aí mesmo nesse terreno nebuloso, mágico, que brota o fetiche. O consumidor, ao comprar uma mercadoria fetichizada, estará possuindo não só o objeto, mas também uma imagem e uma fantasia.

Através do vestuário o indivíduo é capaz de construir para si um duplo, um outro espelho/imagem. Com isso, a roupa não só adquire funções simbólicas, mas também se relaciona intimamente com o corpo: segunda pele como querem muitos e, para McLuhan, a extensão da própria pele, "ajuda a armazenar e canalizar ener-



gia, enquanto a habitação prolonga os mecanismos de controle térmico".

Mas as teorias que defendem o uso da roupa por recato ou para proteger a pele contra as condições climáticas parecem ter sido, atualmente, esquecidas. Hoje, privilegia-se a política do corpo. Observações mais avançadas evidenciam que a veste, muitas vezes, devassa e chama a atenção para determinadas partes do tronco, "o corpo é serial": a seda e o cetim amaciam e iluminam respectivamente a pele; as cores aumentam ou diminuem volumes; as listas alargam ou alteram a estatura.

Ao final, tecidos e cores são responsáveis por essa ilusão. Isso tem sido comprovado não só nos dias de hoje, mas também, segundo Gilda de Mello e Souza, há bastante tempo: "A moda começa, realmente, quando, a partir do Século XIX, descobriu-se que as roupas poderiam ser usadas com um compromisso entre o exibicionismo e seu recalque (a modéstia)... E se a roupa cobre conscientemente o corpo da mulher nem por isso deixa de acentuar-lhe as características sexuais... O ritmo erótico, portanto, que consiste em chamar a atenção sucessivamente para cada área corporal, mantendo o instinto sexual aceso, relaciona-se aqui, principalmente, com a parte que acentua e não com a que desnuda".

Gilda observa ainda que, "do mesmo modo que o esquema cromático, a fazenda pode ser utilizada para atrair a atenção sobre certas regiões do tronco, os materiais ásperos sendo empregados nas partes mais apagadas, os mais finos nas mais atraentes".

É o próprio corpo vestido, carregado de significação, que sugere estes traços de representação. No seu sentido mais amplo, corpo e veste são apanhados em uma linguagem que oscila entre a manifestação e a camuflagem, que passa a enganar aquilo mesmo que a linguagem desvela. A transgressão é recuperada e explorada em benefício do consumo, que fragmenta a realidade e se esconde numa troca de prazeres ou de bens, fala Michel Certeau.

A constante "troca de pele", de roupa, começou no Renascimento, conforme indicam os historiadores, com o desenvolvimento das cidades e a organização das cortes que despertavam seus interesses pelos exuberantes trajes. A vida em áreas urbanas começa a desenvolver, sem dúvida, o desejo de competir e imitar.

Entretanto o ritmo acelerado, de constante mudança de roupa, ocorre na sociedade de consumo, cujas raízes remontam à Revolução Industrial, e que modificaria profundamente a face da nossa sociedade, suas práticas sociais, hábitos e gostos. A racionalização do trabalho, mediada pela máquina, possibilitou a produção em série e a seguir o consumo em massa chega até nós sob a forma que se convencionou denominar consumismo.

A compulsão para o consumo do vestuário, como moda, antecipando os costumes de hoje, se configura com o processo de industrialização após a Segunda Grande Guerra; primeiro, com o desenvolvimento da indústria de confecções consolidada a partir dos anos 50 e, segundo, com a estandartização da veste (jeans, tênis), para cristalizar-se finalmente nos anos 70.

Coincidentemente, é também nas décadas de 70/80 que se observa o aumento das griffes, das confecções em geral e a sofisticação da publicidade na veiculação da retórica das imagens. Sem esquecer que o cenário dos anos 80 apresenta um show contínuo de estímulos no qual a moda, o design e os meios de comunicação de massa vendem mercadorias fetichizadas desvinculadas de suas funções primeiras, através de informações, discursos ligados ao **status** e à satisfação de desejos.

Produtos fetichizados e idéias, disseminados no templo "pós-moderno" da sociedade teleinformatizada: formas, volumes, cores e neon requisitam todos os sentidos. O suporte utilizado é o corpo, portador de outra linguagem, com características pulsionais, emissor de sintomas que fazem ressaltar as emoções, lugar onde se dá a explosão dos sentidos.

As sensações de ver, tocar, beber e vestir revestem-se de erotização, "gozo da pele, liberação do corpo, festa dos sentidos, festa do corpo, corpo fragmentado, inventado graças a uma divisão analítica, decomposto em lugares sucessivos do erótico. A dispersão dos prazeres substitui o espaço sensorial integrado de antigamente. Metáfora da felicidade, o corpo é serial. São três os traços que caracterizam o retorno do corpo ao imaginário: a transgressão, a comunicação e a apreensão da realidade", escreve Michel Certeau.

O que vemos é ilusão do real, o fetiche. No entanto, é nessa realidade-simulacral que transita o personagem dos anos 80, objeto de maior atenção: o narcisita, o habitante de uma sociedade em fragmentos, que gera um sujeito aos pedaços, em busca da construção de seu outro eu, mediante o vestuário e os objetos que o cercam.

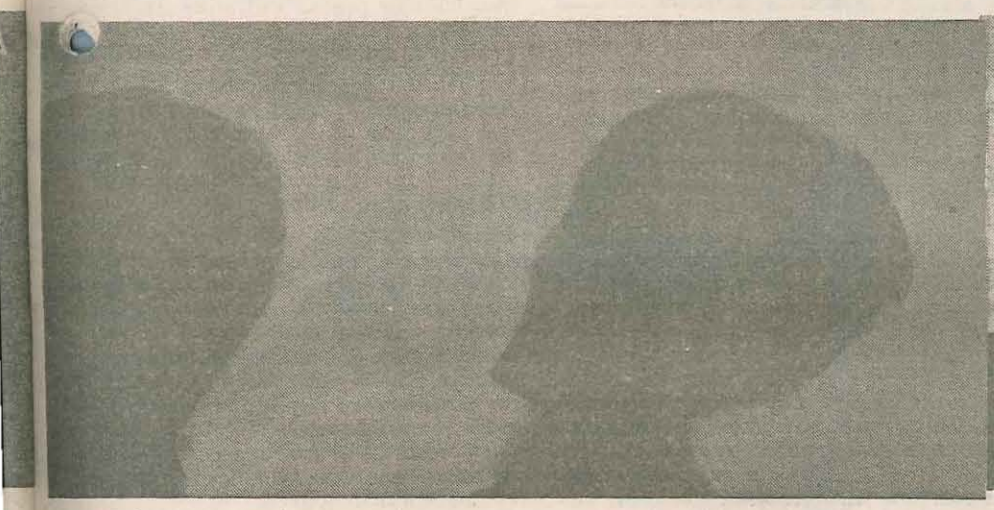
Produzir e consumir permo é melhor descrito como um estado de desconforto e de ansiedade crônica. O lançamento das mercadorias depende, como na moderna produção em massa, de desestimular o indivíduo quanto à confiança em seus próprios recursos e julgamentos: nesse caso, o discernimento do que necessita para ser saudável e feliz.

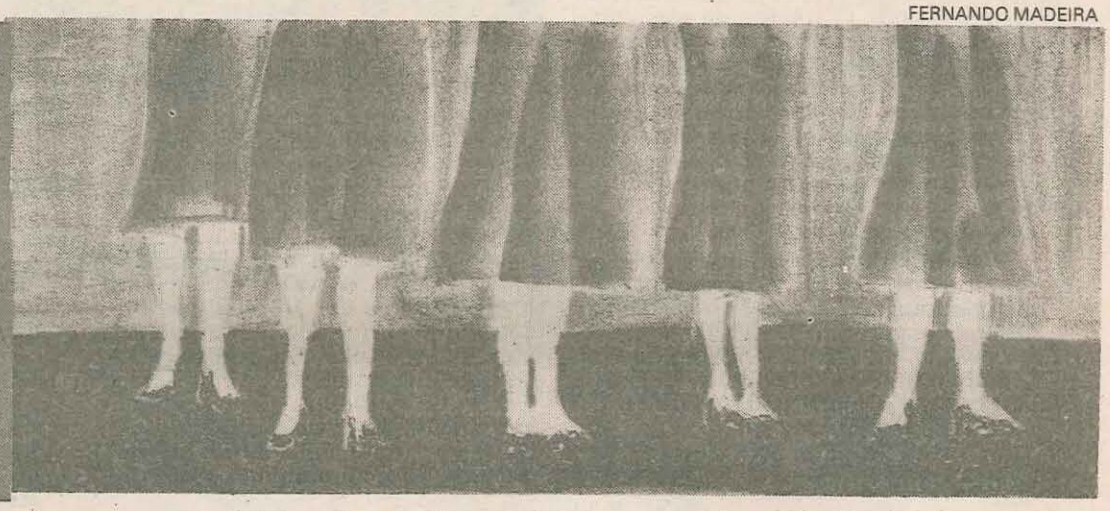
O indivíduo vê-se sempre sob observação, quando não de chefes e superintendentes, de pesquisadores de mercado e de opinião pública, que lhe contam o que os outros preferem e o que ele também deve preferir, ou de médicos e psiquiatras que o examinam em busca de sintomas de doenças não identificáveis por olhos destreinados".

O prazer e a satisfação ligados à lei do menor esforço, categorias vivas na sociedade de consumo, são originários do hedonismo e fundamentados por filósofos, economistas e pensadores de todas as épocas.

Para Baudrillard (5), "todo

FERNANDO MADEIRA





fazem a compleição do mundo no qual vivemos. Os personagens narcisitas que co-habitam neste espaço, vivem uma moral hedonista, calcada nos valores do prazer de usar bens e consumir serviços.

Segundo Daniel Bell, a "cultura do consumo estimula uma ética do hedonismo e corrói assim a disciplina industrial. O capitalismo avançado está em desavença consigo mesmo, na sua visão: necessita de consumidores que procurem satisfação imediata e nada neguem a si próprios, mas precisa também de produtores que se auto-sacrifiquem, desejosos de atirar-se aos seus trabalhos, labutar por longas horas e seguir à risca as instruções".

Christopher Lasch comenta que "o ponto forte dos argumentos de Bell situa-se em sua compreensão do vínculo do capitalismo avançado com o consumismo, que muitos observadores atribuem meramente aos educadores e pais permissivos, à decadência moral e à omissão das autoridades.

O seu ponto frágil está na equiparação tão estreita entre consumismo e hedonismo. O estado de espírito promovido pelo consumismo discurso sobre as necessidades assenta numa antropologia ingênua: a da propensão para a felicidade". Acrescenta ainda que "inscrita em caracteres de fogo, por trás da menor publicidade para as Cenárias ou para os sais de banho, a felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo".

O consumo, conforme Baudrillard, "surge como um modo atrativo da relação (não só com os objetos, mas ainda com a coletividade e o mundo), como modo de atividade sistemática e de resposta global que serve de base a todo o sistema cultural".

Tanta é a profusão de objetos na sociedade de consumo, amontoados ou em coleções, que cada um deles existe não só em virtude da utilidade específica e individual, mas também em seu significado na relação com a totalidade de objetos.

Eles dão suporte a gestos mecânicos, num ritual codificado, inflexível, que, em geral, começa com o uso de objetos pessoais no banheiro até à mesa do café. Estes objetos estão enquadrados em códigos rígidos, predeterminados, e a falta de uma simples colher no aparelho de café causa ansiedade, pois trata-se de um desarranjo, uma ruptura sintagmática no sistema dos objetos.

O sistema de objetos "é de tal forma organizado, que os homens deixaram de conviver com seus semelhantes para se aproximarem do mundo mágico das mercadorias".

"À nossa volta existe hoje uma espécie de evidência fantástica do consumo e da abundância, criada pela multiplicação dos objetos, dos serviços, dos bens materiais, originando como que uma categoria de mutação fundamental na ecologia de espécie humana. Para falar a verdade, os homens da opulência não se encontram rodeados, como sempre acontecera, por outros homens, mas por objetos. O conjunto das relações sociais já não é tanto o laço com seus semelhantes quanto, no plano estatístico, segundo uma curva ascendente, a recepção e a manipulação de bens e de mensagens, desde a organização doméstica muito complexa e com dezenas de escravos técnicos até o "mobiliário urbano" e toda a maquinaria material das comunicações e das atividades profissionais até o espetáculo permanente de celebração do objeto na publicidade e as centenas de mensagens diárias emitidas pelos **mass media".**

Os **shoppings, drugstores** e supermercados são os lugares privilegiados do consumo na nossa sociedade. É lá que as pessoas encontram os objetos descartáveis e perecíveis para lhes fazer companhia no interior de seu apartamento.

Reforça a idéia a inauguração, no Rio de Janeiro e em Curitiba, dos **multiple shops.** Apesar do nome ser norte-americano, a idéia é inédita no mundo e desta vez não é importada dos grandes centros, como Paris ou Nova Iorque. O ato de fazer compras foi agregado a uma atividade "cultural, social e esportiva". Dessa forma, as boutiques de roupas convivem no mesmo espaço com lojas de móveis, flores, além de galerias de arte, academias de ginásticas e bares.

---

*-VALDA DE QUEIROZ é jornalista e mestra em Comunicação pela UnB. O presente ensaio compõe-se de excertos de sua tese. Endereço para correspondência:

Estante

Hermilo

A Editora Mercado Aberto está programando para o próximo dia 15 o relançamento nacional do romance *Margem das Lembranças*, do pernambucano Hermilo Borba Filho. O livro é o primeiro volume da tetralogia *Um Cavalheiro da Segunda Decadência* onde o autor, misturando ficção e lembranças, disseca a decadência da região canavieira de Pernambuco.

Tropicalismo.

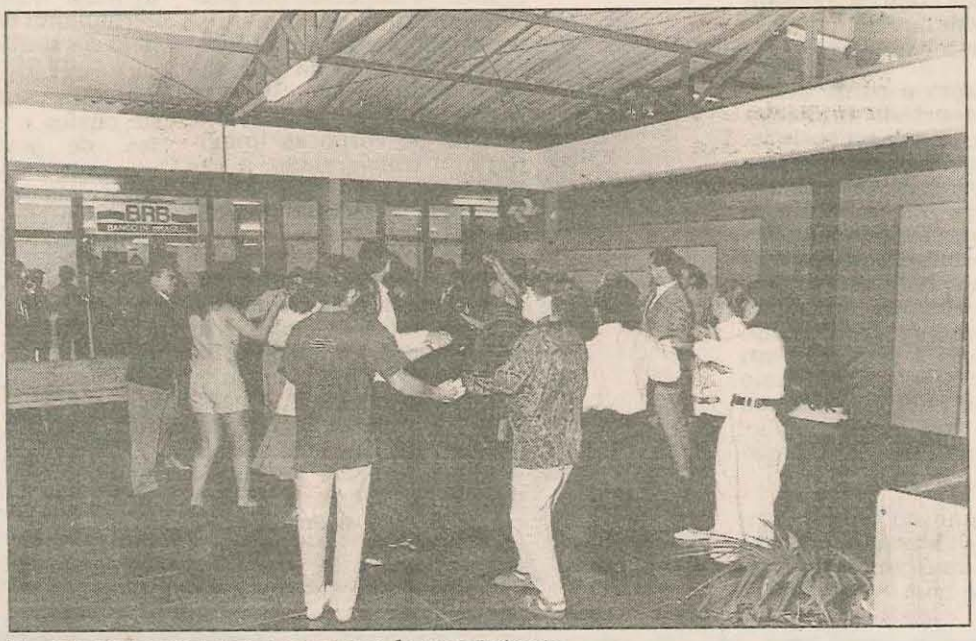
O sociológo-tropicalista- mineiro, professor da Universidade de Juiz de Fora, Gilberto Felisberto Vasconcelos, depois de botar em pratos limpos o programa de Xuxa, que chama de "cabaré infantil", volta suas baterias para o conterrâneo Itamar Franco. A tese *Itamar, o Predestinado*, explica os fenômenos que levaram o mineiro à Presidência. Quando o autor encontrar editor, vale a pena ler o trabalho.

Pixote

Baseado em uma reportagem que fez sobre meninos de rua, o escritor José Louzeiro escreveu o romance *A Infância dos Mortos*, que terminou servindo de argumento para o filme *Pixote — A Lei do Mais Fraco*, do cineasta Hector Babenco. Fernando Ramos da Silva, que protagonizou o filme, acabou envolvido na roda-viva daqueles que inspiraram Louzeiro. Agora, o autor volta à reportagem para contar a história de Fernando. O livro *Pixote — A Lei do Mais Forte*, lançado pela Editora Civilização Brasileira, procura resgatar a comoção e a revolta geradas pelo episódio.

Plebiscito

Para quem quiser entender o que se esconde por trás de toda a propaganda eleitoral que envolve o plebiscito marcado para o dia 21 de abril, o deputado e jornalista Álvaro Pereira condensou num único volume os argumentos e teorias sobre forma de governo. O resultado está no livro *Cara e Coroa*, editado pela Editora Globo, lançado em Brasília no último dia 03.



Funcionários inauguram espaço de convivência

Espaço de Convivência

Imaginem uma praça em torno da qual encontramos duas agências bancárias, uma dos Correios, uma Biblioteca e uma associação. E, é claro, alguns bancos. Agora, deixem a imaginação de lado e ocupem-no, porque é isto que deseja a sua idealizadora, Maria Duarte, servidora desta casa. Inaugurado no dia 10 de fevereiro, o Espaço de Convivência é uma antiga idéia da Divisão de Seguridade Social de humanizar um pouco mais o ambiente de trabalho. Assim, com o apoio da 2ª Secretaria, o que foi uma garagem é hoje lugar de convivência fraterna. O projeto é da arquiteta Silvia Helena Pereira.

Drogas.

O escritor Júlio Emílio Braz vem se especializando em tocar no nervo exposto da sociedade para falar aos adolescentes dos perigos da vida moderna. Depois do sucesso de sua novela infanto-juvenil, *Enquanto Houver Vida Viverei*, onde fala da Aids, a Editora FTD está lançando *Abre-te, Sésamo*, onde o mundo de fascínio e terror do crack e de outras drogas é martelado.

GOLPES

Em pleno debate entre presidencialistas e parlamentaristas, o jornalista Luiz Adolfo Pinheiro deverá lançar ainda este mês o seu novo livro **A República dos Golpes** (de Jânio a Sarney). O autor conta a história dos golpes recentes sofridos pela república brasileira, reunindo a mais extensa bibliografia sobre o assunto em um único volume. A renúncia de Jânio dá início a uma sucessão de golpes até o movimento pró-Sarney, depois da morte de Tancredo Neves. O lançamento é da Editora Best-Seller.

Cidadania

Em meio à "guerra" parlamentarismo x presidencialismo, o escritor Jô de Araújo, lançou no último dia 3, no Salão Nobre do Senado, o seu livro **Parlamentarismo — A Hora e a Vez da Cidadania**, publicado pela Editora Vozes. Já é quase certo que os presidencialistas reagirão nos próximos dias com novos lançamentos em defesa de suas idéias.

Tiradentes

Um fato obscuro da História do Brasil há muito inquietava o romancista Assis Brasil. Tiradentes fora substituído por outra pessoa no instante em que ia para a forca. A confusão será esclarecida no romance **Tiradentes, Poder Oculto o Livrou da Forca**, que será lançado brevemente pela Editora Imago.

Questão moral

Um grupo de livreiros da cidade está indo à forra. Eles garantem que irão colocar placas em suas livrarias alegando questões morais para não venderem o livro explosivo do ex-porta-voz Cláudio Humberto.

Associação

A Diretoria da Associação Nacional de Livrarias eleita para o biênio 1993/95 tem participação de Brasília. O livreiro Ivan Silva.

Aparecido

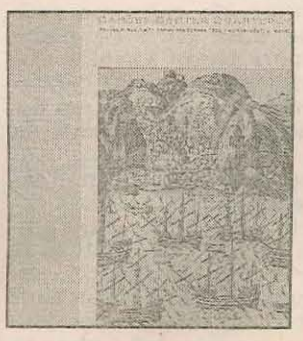
O escritor mineiro-candango Alan Viggiano recebeu do embaixador brasileiro em Portugal, José Aparecido de Oliveira, uma missão árdua e, paradoxalmente, doce. A consolidação de uma fundação cultural em Conceição do Mato Dentro (MG), terra de Aparecido. A inauguração já está marcada para o dia 23 de junho e contará com as presenças dos presidentes Itamar Franco e Mário Soares.

Resenha

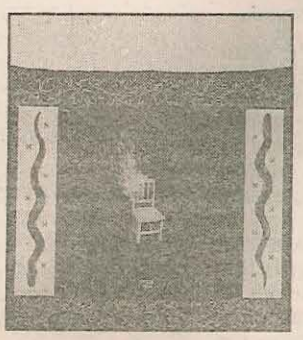
Flauta Rústica — por Clóvis Sena — *Uma gesta em torno da cultura ocidental, extraída em pequenos rincões do Maranhão e do Pará. O autor, especialista na leitura dos clássicos gregos e latinos, encontrou extraordinária veia para reestudar com recorrências e citações universais, o antigo ambiente cultural do Norte do País Ed. THESAURUS, Brasília, DF.*

HUMANIDADES: *A Editora da Universidade de Brasília, tem conseguido quase o impossível: A recuperação de um ano de atraso da "Humanidades", (que é quadrimensal), em apenas três meses de seguidas edições.*

O volume 7, Nº 1, dedica-se à obra do filósofo Alemão MAX WEBER, autor de uma vasta literatura sociológica.



CAMÕES CENTER QUARTERLY — *Excelente publicação do Camões Center para o estudo da língua portuguesa, da Universidade de Columbia, USA. Em seu volume 4, Nºs 1 e 2 — Primavera e Verão — enfoca o tempo das descobertas marítimas, com ênfase na história portuguesa, incluindo-se aí as profundas relações familiares e de amizade de Cristóvão Colombo em Portugal.*



Revista Cultura — *Publicação da Secretaria de Comunicação e Cultura do governo Chileno. Traz seu último número dedicado aos problemas do cinema chileno e latino-americano, que tem em Vina Del Mar, Festival Chileno, um dos momentos mais expressivos da cinematografia do continente, Revista Cultura n º 6, Outubro de 1992, Santiago, Chile.*

QUEDA E ASCENSÃO — Segundo a Visão do Pássaro — *por Delermando Vieira. O autor é um dos bons poetas da meia-estação goiana, com poemas embebidos de esoterismo, de boa ourivesaria literária. O autor tem sido premiado em diversos concursos de poesia, inclusive no caso deste livro que é Prêmio Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos — Edição da Secretaria de Cultura do Município de Goiânia, 1991.*

JOÃO SEVERIANO *— Biografia pelo general-médico Alberto Martins da Silva, João Severiano da Fonseca, patrono dos médicos militares, era irmão do fundador da República, Deodoro da Fonseca. Lutou na guerra do Paraguai e era excelente observador, deixando o livro "Viagem ao Redor do Brasil", de 1875-1878, sem dúvida um clássico no gênero. Ed. Bibliex — Rio de Janeiro, 1989.*

POETAS

INSÓLITA

Caminho,
velejo,
sonho...

Cavalgo,
vôo
canso.

Busco,
confusa
me perco.

Mil faces
se amam,
trapaçam,
passam adiante
de mim.

Divago,
ando,
tropeço:
encontro você.

Ávida, imploro,
devora-me
porém,
somente por fora.

Lúdico,
não sabe ir além,
beija-flor insaciável
rola.
Bolas!

Traquejo,
durmo,
almejo:
te vejo.

Beija,
ama,
suga,
proclama amor

Anseio,
deliro,
temo:
atropelo você.

Pára,
insólita,
só,
engaiolada.

Agora,
dou trégua:
liberta enfim,
eu mesma liberta
de mim.

Sirlei Maria Davi

COLOCAÇÃO

O casamento
é meu lado esquerdo
capenga,
geme, aprendendo.

Ser mãe
é meu lado de cima,
antes de tudo.

Ser mulher
está na parte debaixo,
reservada aos momentos oportunos.

Normalmente
uso mais minha parte do meio
que tem amarras
e contém todos os outros lados.

Maria Abadia Silva

Prazer

Detesto
arrumar a cama.
Gosto
de vê-la desarrumada,
desamparada,

tão à vontade,
que até proclama
que a alma é livre
quando se ama.

O lençol limpinho,
trescalando
a doce vinho,
que embriaga,
mas não embarga.

Gosto
de ver o travesseiro
atirado
para qualquer lado,
sem compromisso,
sem trama,
claro e quente
como uma chama.

Ah!
Como é gostoso
estar na cama!

Terezy Fleuri de Gódoi

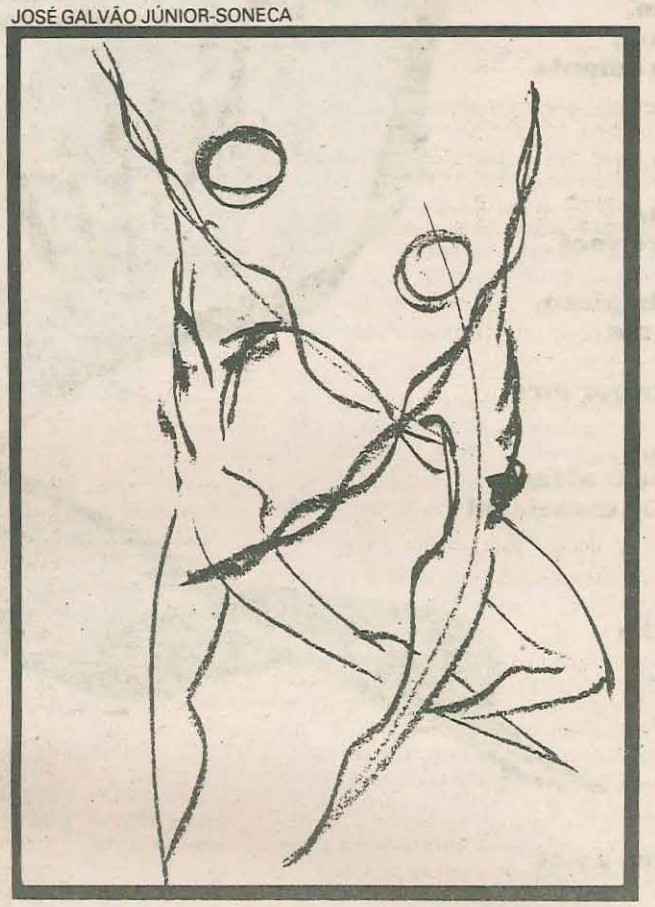
O Festival de Cinema merece mais respeito.

2
Jornal de Brasília

Fellini faria aqui "Cidade das Mulheres"

A vida cultural do DF e suas mulheres

JOSÉ GALVÃO JÚNIOR-SONECA



NESTE ARTIGO, A JORNALISTA CONTESTA A IMPRENSA DO RIO E SÃO PAULO E MOSTRA ONDE PULSA O CORAÇÃO DE BRASÍLIA.

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Quando os repórteres das Editorias de Cultura dos jornais brasilienses vão ao Rio (ou São Paulo) cobrir eventos de alcance nacional, costumam ouvir perguntas do tipo: "O que vocês fazem em Brasília? Há vida cultural por lá? Aqui, só ouvimos falar das (más) ações dos políticos no Congresso Nacional, na Esplanada dos Ministérios, nos Palácios do Planalto e Alvorada". É um custo convencê-los de que há outra Brasília fora do conjunto arquitetônico que Niemeyer incrustou na parte baixa do Eixo Monumental. Há uma Brasília que pulsa na UnB, no Teatro Nacional, no cinema da Cultura Inglesa e da Embaixada da França, no Teatro Dulcina, no Conjunto Cultural da CEF, nos clubes da AABB e AABR, no Cine Brasília, no Beirute e no Estação 109. Há, ainda, cidades-satélites que derramam vida civil, embora careçam de serviços de infra-estrutura em suas periferias.

Não adianta tentar convencer os colegas do Rio e de São Paulo de que há vida cultural em Brasília. Para eles, a cidade é sinônimo de falcatrua de políticos, não tem esquinas, não tem cor. Só o verde da grama (na época das águas) e o cinza dos prédios. Na seca, tudo se resume ao cinza.

Festival — O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que este ano terá sua 26ª edição, é o único evento cultural da cidade que — ainda — mobiliza a imprensa cultural brasileira. Mesmo sendo o Festival mais antigo do País (foi criado em 1965, por Paulo Emílio Salles Gomes), não goza da fama que merece. É visto como um hiato na modorrenta vida cultural da cidade. Agora, com a crise do cinema nacional, então, virou nota curta em alguns suplementos dos mais importantes jornais do País. Mesmo que centenas de pessoas disputem ingressos para assistir aos filmes que programa. Um público — diga-se de passagem — participante, crítico, capaz de deixar Cláudia Raia, nos tempos em que era musa de Collor, em maus lençóis. Banhada em vaias.

Houve um tempo em que Brasília ganhou espaço na mídia. Daqui saíram bandas de rock como Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe Rude, Detrito Federal, entre outras. Com o **boom** do **pop** brasileiro, a cidade passou a ser citada como uma das matrizes do novo som que invadiu o rádio. A onda passou e Brasília voltou a ser — apenas — o celeiro (ou abrigo) de políticos "corruptos".

Não importa que aqui vivam — e trabalhem — artistas como Athos Bulcão, Glênio Bianchetti, Vladimir Carvalho, Geraldo Moraes, Pedro Jorge, os compositores Clodo, Clésio e Climério, a família Ernest Dias com suas flautas e violões; Jorge Antunes e Guilherme Vaz, com sua música contemporânea; Hugo Rodas, com seu teatro inovador. A imagem da cidade pertence aos políticos. E só a eles.

Mulher — Se Fellini conhecesse Brasília, decerto ambientaria, aqui, a sua **Cidade das Mulheres**. E aplacaria muito do tom grotesco com que desenhou o filme. Afinal, nesta cidade, as mulheres desempenham papel de relevo. Mesmo que sejam poucas nos postos de mando na Esplanada dos Ministérios e nunca tenham comandado o Planalto. Mesmo que ainda sejam minoria no Congresso Nacional. Mesmo assim, elas estão na linha de frente na imprensa (nas redações, o número de repórteres do sexo feminino cresce cada vez mais), nos teatros, nos agito culturais, na busca enfim de uma imagem mais humana para Brasília.

Por isto, vale lembrar algumas mulheres que fazem o dia-a-dia desta cidade: Márcia Kubitschek, a vice-governadora; Lúcia Carvalho, Maria de Lourdes Abadia e Rose Mary Miranda, deputadas distritais; Maria Laura, deputada federal; Maninha e Érika Kókai, presidentes dos Sindicatos dos Médicos e Bancários, respectivamente; Maria Duarte, a mais importante pesquisadora das especificidades candangas (autora do livro-tese **Educação pela Arte Numa Cidade Nova: O Caso Brasília**); Lydia Garcia e seus agitos com a cultura afro-brasileira; Cristina Roberto e seus aprontos (primeiro no Bom Demais, depois no Café Belas Artes); Maria Luíza Dornas, titular da Fundação Cultural; Berê Bahia e o cinema alternativo: Myrea Soares, Marlene Libardoni e Ana Costa, postulantes por um feminismo novo e enriquecedor. Marilena Chiarelli, Teresa Cruvinel, Antonieta Goulart, no jornalismo. Norma Lilia, Lúcia Toller e Asta Rose Alcaide, no campo da dança e da ópera. Leda Watson, na gravura; Eliane Carneiro, Yara Pietricowski, Johane Madsen, nas Artes Cênicas. Elas são tantas...

*Repórter do Caderno 2, do Jornal de Brasília. Mineira do Coromandel, 37 anos, há 23 em Brasília. Adora a cidade.

Com uma equipe formada por 14 pessoas, Mulher circula aos sábados com oito páginas. Sua primeira edição saiu no dia 20 de abril de 1991
Página.....

Mulher

CORREIO BRAZILIENSE

Mulher publica toda uma variedade de informações em bem planejadas seções. A "Mil e Uma", por exemplo, é dedicada à literatura
Página.....

Um espaço onde prevalece a boa informação

As pautas seguem uma linha polêmica

Sempre em busca da boa informação, o caderno MULHER do **CORREIO BRAZILIENSE** já nasceu maduro rompendo em sua concepção, com a tradição de mais de um século de jornalismo feminino no Brasil. Surgiu rejeitando aquela coisa velha e preconceituosa que se traduz no jargão "de mulher para mulher". Foi assim que nasceu o projeto da jornalista Liana Sabo.

Quentes e polêmicos, os assuntos ali tratados não são privilégios apenas das mulheres. Para circular aos sábados, com suas oito páginas, as pautas são democraticamente discutidas nas tardes de quinta-feira. E preocupam-se, sobretudo, com a boa informação. Assim, assuntos que, em princípio, seriam de interesse exclusivamente feminino ganham a atenção de todos. A maior parte dos leitores é de classe média alta e compõem-se tanto de mulheres quanto de homens. "A proporção, acreditamos, é meio a meio" — ressalta Lourenço Fráguas, subeditor.

Com uma equipe de 14 pessoas, entre as quais sete mulheres, MULHER teve seu primeiro número no dia 20 de abril de 1991. Na capa, a reportagem da chegada de **Lady Di** ao Brasil. Oito meses depois, no dia 28 de dezembro, o caderno inaugurava a impressão em cores no **CORREIO BRAZILIENSE**, com a deputada Rita Camata na capa.

Com o jornalismo solto, competente e profissional, MULHER também corre atrás dos furos jornalísticos. Com o sugestivo título de "Namoro à Mineira", suas páginas revelaram para o País a primeira namorada, Lisle Lucena. Números depois, a foto de capa foi o próprio presidente Itamar Franco. O título, maliciosamente feminino, era "Ele sem Ela".

Se as capas têm o seu charme e apelos próprios, as demais seções do MULHER encarregam-se de trazer uma miscelânea de informações, para todos os gostos. Notas, crônicas, culinária, moda, medicina, política e entrevistas, tudo ali concorre para uma leitura aprazível.

O caderno MULHER oferece toda uma variedade de informações em bem planejadas seções. Familiarize-se com elas:

Maria — É uma coluna de notas que difere das antigas colunas sociais, posto que o que ali se publica é sempre de interesse da comunidade e nunca produto do "lobby" das socialites locais. É claro que nem por isso deixam de frenquentá-la rostos bonitos.

Mil e Uma — Um espaço reservado à literatura. Contos e crônicas fazem deleite dos leitores.

Memórias — O nome já diz tudo. É aqui que reencontramos as velhas personagens que, vivendo no ostracismo, marcaram época na vida da cidade ou do País.

Malícias — Quem não gosta de ficar conhecendo alguns velhos e novos truques de como retocar a maquilagem ou esconder a primeira ruga?

Tradição — Atualmente, poucos jornais brasileiros dedicam um caderno a temas que, em tese, seriam de interesse exclusivo da mulher. Ao fazê-lo, o CB, com o projeto da jornalista Liana Sabo, aliou à modernidade o que existe de mais tradicional no jornalismo feminino brasileiro.

Segundo a jornalista Áurea Varjão, MULHER não é um caderno feminista. Nem exclusivo das donas-de-casas. É jornal para mulher, mas sem deixar de lado a procura do novo. Não o novo da notícia, mas o novo de uma identidade e ideologia próprias.

Na história do jornalismo feminino no Brasil, o primeiro jornal de que se tem notícia surge, em 1827, com essas mesmas características. "O Espelho Diamantino", do Rio de Janeiro, "é um periódico de política, literatura, belas-artes, teatro e moda dedicado às senhoras brasileiras". É o que nos relata o jornalista e escritor Gondin Fonseca, no seu livro "Biografia do Jornalismo Carioca".

A modernidade fica por conta de um bem cuidado projeto gráfico que abriga boas fotos e textos leves. E tudo isso você encontra no "MULHER" do **CORREIO BRAZILIENSE**.

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, sábado, 27 de fevereiro de 1993 Mulher 7

AGRICULTURA

Difícil e dura é a vida da mulher no campo

No meio rural as mulheres enfrentam, de sol a sol, jornadas duplas e triplas de trabalho árduo

Genoveva Ruisdias

Uma história de discriminações, dificuldades e de lutas. Talvez esta possa ser a melhor definição que se tenha para classificar a vida da mulher rural e sua participação na atividade agrícola.

Enquanto no meio urbano as mulheres enfrentam dificuldades para compatibilizar a vida profissional com a doméstica, no meio rural a mulher trabalha efetivamente em jornadas duplas e até mesmo triplas. Dependendo da região onde ela mora, a situação pode mudar um pouco, mas a rotina diária geralmente é cuidar da casa, dos filhos, da produção agrícola tanto para subsistência como renda, em todas as suas fases, do plantio à comercialização. E com muito mais dificuldades, pois na maioria das vezes não há energia elétrica, saneamento básico, escola, transporte e atendimento à saúde. Lazer então, nem se fala. Quando ele existe, quase sempre se resume a ir à missa aos domingos.

"Como todo o trabalho feminino, o da mulher rural também é invisível à sociedade", afirma a pesquisadora Clara Goedert, do Cenargen, Embrapa. "Nos países em desenvolvimento, nos casos do pequeno e médio produtor, 60 por cento do trabalho na agricultura, incluindo plantio, colheita, armazenamento e processamento, são desenvolvidos pela mulher", diz ela.

Clara Goedert

Devido aos desgastes que sofre, a mulher rural enfrenta muito mais cedo problemas de saúde. Aos 40, 45 anos, começam os mais sérios. No campo, marido e mulher colocados lado a lado, ela sempre parece ser mais velha, às vezes chega a ter a aparência de ser a mãe dele, mesmo com a mesma idade.

A atividade agrícola das mulheres revela um quadro de dificuldades e discriminações que a sociedade prefere ainda ignorar

Programas — Quanto aos programas de atendimento à mulher rural, eles praticamente inexistem, principalmente após o desmantelamento promovido no serviço público durante o governo do ex-presidente Collor. "Ao nível estadual, as atividades do gênero em geral são executadas pelos serviços de extensão rural (Ematers), que hoje, dependendo da visão do governo estadual, têm ações mais significativas ou não", afirma Dirce Maria da Fonseca, economista rural que durante quatro anos do Governo Sarney, desenvolveu um programa de apoio à mulher rural dentro do Ministério da Agricultura.

Esses programas, mesmo incipientes, conseguiram chamar a atenção e de alguma forma sensibilizar para os problemas específicos da mulher rural. Instituições predominantemente machistas como a própria Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais (Contag), passaram a estimular os sindicatos de trabalhadores rurais a organizarem comitês de mulheres para defenderem seus interesses. Neste final de semana, a Comissão Nacional das Mulheres Trabalhadoras Rurais está reunida na sede da Contag, em Brasília, para fazer uma análise da programação destinada a elas pela entidade. Atualmente, existem dois milhões de mulheres rurais sindicalizadas e em cada cinco sindicatos do setor, tem uma mulher na diretoria executiva, mesmo que seja exercendo o cargo de secretária.

Histórias escritas com suor e trabalho

Dona Rosa Maria de Menezes tem 56 anos e é natural de Abaeté, Minas Gerais. Ela mora numa chácara de nove hectares no Núcleo Rural Córrego do Atoleiro em Planaltina, onde cria porcos e galinhas e planta verduras e frutas.

Seu marido, Monoelito Alves Menezes, 59 anos, tem um problema na vista, o que limita um pouco suas atividades. É ela praticamente quem faz tudo dentro da chácara. Prepara e entrega para revenda de 200 a 300 molhos de cheiro-verde por dia, produção que chega a 500 molhos no final de semana. Além de cheiro-verde, a chácara produz couve, quiabo, alface, mandioca, brócolis e manga.

O casal tem quatro filhos e oito netos, dos quais dois moram com a avó. Devido às suas inúmeras atividades, D. Rosa dorme uma média de três a cinco horas por dia. "Minha vida sempre foi na roça. Mas, de uns tempos para cá, ando ficando muito cansada e com dores por todo lado do corpo", queixa-se ela.

A região conta com luz elétrica, que foi "um sonho que conseguimos", diz. D. Maria Ester Rodrigues da Costa, de 53 anos, que veio de Parnaíba, Piauí, para Brasília há 25 anos. Desde 1978, ela e o marido, Raimundo Pereira da Costa, de 55 anos, moram numa chácara de dez hectares, onde plantam de tudo um pouco.

"Meus 11 filhos moram atualmente em Planaltina e nós, na roça, continuamos a luta, agora para conseguir transporte", diz ela, relatando as dificuldades que enfrentam por ter um filho deficiente. A titularidade das terras é outra questão que os chacareiros da região esperam resolver ainda junto ao governador Joaquim Roriz.

Liderança — D. Ambrosina Dantas Bezerra tem 47 anos é casada há 12 anos e veio do sertão nordestino. Chegou em Brasília em 1972 e desde 1985 mora em zona rural, numa chácara de dois hectares, nas proximidades do Vale do Amanhecer e Morro da Capeliaha, onde cria galinhas, porcos e planta arroz e milho.

Ela é um pouco diferente das demais mulheres de sua comunidade. Há um ano e meio, deixou um pouco de lado os seus afazeres de mulher rural e passou a presidir a Associação de Produtores da Fazenda Mestre D'Armas, em substituição ao seu marido. Tenta desenvolver seu trabalho especialmente junto às mulheres.

"Faço muitas visitas para tentar convencer as pessoas a melhorarem", diz ela, queixando-se da descrença de quem a ouve. "Elas não procuram o médico por vergonha e têm resistência para aceitar algumas novidades, como a adição de cloro na água", afirma.

Mesmo assim, pequenas conquistas a emocionam: no próximo dia 8 de março, deverá começar a funcionar a escola rural, com quatro salas de aula para o ensino de primeiro grau, que com muito custo conseguiram construir. Mesmo considerando os cursos que a Emater promove no meio rural para entrosar o pessoal, ela acha que as mulheres ainda resistem, não encontrando tempo para nada. "Agora, ando testando os jovens para ver se eles se entusiasmam", diz.

Discriminação — "As características do trabalho da mulher no campo diferem de um lugar para outro", afirma Eliana Molica, gerente de Economia Doméstica da Emater/DF, especialista em desenvolvimento de atividades junto às mulheres do meio rural nas áreas de alimentação, saneamento, saúde e artesanato.

Com 33 anos, duas filha, ela mesma já enfrentou muito preconceito dentro da própria instituição onde trabalha. "Sou a única gerente entre os homens. A vida da extensionista é muito difícil e até 1980, a empresa não contratava mulher casada. O próprio produtor olha com desconfiança o fato de a mulher ter que trabalhar, viajar com colegas, não ter horários, nem final de semana", afirma.

Num trabalho elaborado em 1991 para FAO, Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, Dirce Maria Fonseca, economista rural do Ministério da Agricultura, destacou que nos estados do Sul, as mulheres são mais organizadas e combativas. E conta que foi no Sul que elas fizeram uma campanha para a identificação da mulher rural como produtora no último censo e não como doméstica, o que se fazia até então.

Outra luta da mulheres do Sul é a de fazer constar seus nomes nos chamados *bloco do produtor*, que registra o imposto de venda dos produtos agrícolas, um comprovante importante da condição da mulher produtora.

Representação — "Não existe política governamental com relação à mulher rural", afirma Dirce Fonseca. Para ela, os movimentos que existiram até agora serviram, pelo menos, para conscientizar parte da população.

Mesmo com todas essas dificuldades, uma mulher agricultora conseguiu chegar à Câmara Federal. Trata-se da deputada federal, Luci Choinaski, PT/SC, 38 anos de idade, separada, com quatro filhos com idades de sete a 19 anos.

Líder do movimento de mulheres agricultoras e dos sem-terra do oeste de Santa Catarina, ela começou sua carreira em 1982, quando entrou para o Partido dos Trabalhadores, elegendo-se deputada estadual em 1987.

"A mulher recebe uma formação para ser apenas uma ajuda ao pai e depois, ao marido. A luta das mulheres para sair desse processo de submissão é lenta, pois ela enfrenta problemas de toda ordem", afirma Luci Choinaski, que considera sua presença na Câmara Federal como um desafio para o conservadorismo de Santa Catarina.

Os preconceitos e toda a trajetória política de Luci acabaram sendo tema para uma tese de mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina. De autoria de Rosemary Laurindo, ganhou o nome de *A primeira camponesa no Congresso*.

Ester Rodrigues: luta por transporte

Ambrosina Dantas: militância isolada

Luci Choinaski: líder dos sem-terra

Dona Rosa Maria praticamente faz tudo sozinha em sua chácara, o que lhe custa noites sem dormir e muito cansaço

Levantamento define o perfil

Até meados deste ano, a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais deverá dispor de um levantamento bastante interessante sobre as questões da mulher rural, baseado num questionário respondido por 700 agricultoras de diversos pontos do País.

Foram 76 perguntas abordando temas da saúde à cidadania, cujas respostas mostrarão um quadro mais real sobre a situação da mulher no campo, de acordo com Josefa Martins Reis, pedagoga e assessora da Confederação.

Além da reunião que está sendo promovida pela Comissão Nacional das Mulheres Rurais neste final de semana, o último encontro que reuniu 300 mulheres de 19 estados e do Distrito Federal aconteceu no final do ano passado em Brasília.

***Questões emergentes** — Saúde, educação e reestruturação agrária foram as questões específicas levantadas pelas mulheres neste encontro nacional. O uso indevido de agrotóxicos e suas implicações, para a saúde, a sexualidade feminina, o trabalho agrícola, a vida familiar e a questão da luta e da organização das mulheres em sindicatos e Federação também foram abordados.*

Mesmo com as conquistas obtidas pelas mulheres rurais na Constituição de 1988 referentes ao direito de titularização da terra, antes reservado apenas ao chefe da família, normalmente o homem; os direitos obtidos na Previdência Social e de livre sindicalização, não se pode dizer que estas conquistas sejam definitivas.

Lúcia Carvalho faz lei contra a "Cantada"

Os conquistadores que se cuidem: foi aprovada e está em vigor a "Lei da Cantada", que reprime com severidade o assédio sexual e abusos que constrangiam as mulheres no ambiente de trabalho. De autoria da deputada Lúcia Carvalho, que a apresentou depois de ver chegar ao seu gabinete, na Câmara, seguidas queixas de mulheres ameaçadas de perder oportunidades ou até mesmo o próprio emprego, em função da não permissividade para com seus "patrões".

O famoso jeitinho brasileiro para escapar aos problemas e a incurável inclinação pela "cantada", entre outros atributos, constituem a base sobre a qual se consolidou o conceito da assim chamada índole nacional. Favorecido pelo charme da latinidade, o brasileiro atropela a ética, as regras de convivência social, os mais básicos princípios da urbanidade para praticar seu jogo favorito: o da sedução, sem preocupar-se se tal atitude é lícita, desejada ou mesmo correspondida.

Só este ano, de janeiro até agora, a Delegacia da Mulher já recebeu dez denúncias de constrangimento sexual, discriminação e assédio, práticas consideradas crimes e cujos procedimentos punitivos agora mudam com a entrada em vigor da Lei nº 417, publicada no Diário Oficial do DF no último dia 3 deste mês.

A deputada Lúcia Carvalho, ao justificar a sua iniciativa, disse ter verificado, no dia-a-dia, a violação de normas essenciais no que se refere ao respeito à condição feminina. Isso apesar de a Constituição prever, de forma cristalina, direitos iguais a homens e mulheres e estabelecer normas de proteção ao mercado de trabalho da mulher, assegurando, assim, os direitos da família. De acordo com a deputada, não são poucos os casos em que são exigidos pré-requisitos para admissão em empregos, ou a condição de a mulher não estar grávida, ser mãe, ou casada. A condição de mãe e de mulher grávida, não raro é, também, critério para a dispensa da mulher, segundo observa a deputada.

A "Lei da Cantada", promulgada pelo presidente da Câmara Legislativa, institui pesadas multas para aqueles que transgredi-la. Ou seja, pune exatamente onde as pessoas costumam ser mais sensíveis: no bolso.

A presidente do Sindicato das Secretárias, Maria Normélia Alves Nogueira, disse que nos últimos dois anos a entidade recebeu apenas duas denúncias de assédio sexual. Ela justifica o baixo índice em função da profissionalização da categoria, já que o Sindicato da categoria, existente há cinco anos, tem investido em campanhas que visam a desmotivação dessa prática. Com a nova lei, ela acredita que as coisa vão melhorar.

As penalidades aplicadas a atos discriminatórios contra as mulheres, no âmbito do DF, serão aplicadas a todo estabelecimento comercial, industrial, entidades, representações, associações ou sociedades civis, caso elas adotem atos de coação ou violência. Como um dos exemplos dessa prática, a lei cita a exigência ou tentativa de vantagem sexual da mulher por parte do patrão ou preposto, mediante ameaça de rescisão contratual.

Inclui-se, entre outros atos atentatórios ao direito da mulher ao trabalho, a violência moral e física; a revista na entrada ou saída de órgãos, instituições ou estabelecimentos comerciais ou industriais, prática comum verificada em várias lojas do DF. E, ainda, exigência ou solicitação de comprovação de esterilização para admissão ou permanência no emprego ou de exame ginecológico periódico.

Apesar dos avanços conquistados pela mulher, resultado de lutas históricas pela igualdade de condições no mercado de trabalho, ainda é comum a ocorrência de discriminação de tratamento a mulheres casadas ou mães nos processos de admissão, treinamento, rescisão de contratos ou permanência no emprego, o que também será passível de punição.

Processo administrativo a ser instaurado no órgão competente da administração pública vai apurar o descumprimento da lei. Além da advertência por escrito, está prevista multa de 10 a mil UPDF e, ainda, inabilitação para créditos de instituições financeiras e oficiais do DF e suspensão temporária da inscrição estadual. ■

De mulher para mu

Deputadas comba

As três representantes do povo de Brasília na Câmara Legislativa, demonstrand dois anos de atuação, apresentaram projetos combatendo as injustiças que aind realiza com as famosas cantadas, da violência masculina à falta de um planej Elas lutam por ela

MaizaValério/DonaivaCaixe
Da Comunicação Social

Lúcia Carvalho, do PT

Rose Miranda, do PP

Rose Miranda enfre

"Verifiquei, no dia-a-dia, a violação de normas no que se refere à condição feminina", deputada Lúcia Carvalho

Longe de ver respeitados os direitos que levou anos para conquistar, a mulher, em pleno século XX, ainda apanha do homem por motivos fúteis: às vezes por ter se esquecido de preparar os chinelos do marido ou simplesmente sob a acusação de ser "saliente". Segundo dados colhidos na Delegacia da Mulher, só este ano já foram registradas 400 ocorrências de lesões corporais e ameaças, provenientes dos maridos ou companheiros. O quadro já revela-se assustador, em comparação a 1992, quando foi registrado um total de 532 casos.

A delegada titular da Delegacia da Mulher, Déborah Souza Menezes disse que a mulher de hoje já está mais conscientizada no sentido de não deixar que as agressões fiquem impunes. Elas procuram a delegacia, registram a queixa mas, muitas vezes, voltam para retirá-la, pois quando regressam a suas casas chegam até mesmo a ser ameaçadas de morte pelo agressor. E foi pensando nisso que a deputada Rose Mary Miranda (PP) apresentou o Projeto de Lei 297/91, que autoriza o Executivo a criar abrigos para mulheres vítimas de violência, em tramitação na Câmara Legislativa.

Os abrigos, propostos por Rose Mary, serão destinados a proteger tanto as mulheres vítimas de violência, quanto seus filhos ou demais dependentes. A iniciativa foi aplaudida pela delegada Déborah, que, em alguns casos, já teve que improvisar um lugar na delegacia para abrigar uma das vítimas da violência masculina que não tinha para onde ir. Déborah revelou que nas diversas palestras das quais participa constantemente nas comunidades, têm sido insistentes as reivindicações nesse sentido.

"Muitas vezes a mulher apanha e fica em ter para onde ir", observa a delegada, acrescentando que, após ocorrências desse tipo a mulher fica arrasada e não tem a mínima condição de retornar a seu lare e encarar o responsável pelos atos violentos. Diante disso, ela julga bastante oportuno que, nesses casos, ela tenha o acesso a mecanismo sociais que ga-

"Minha iniciativa vai ampliar a oferta dos serviços já prestados pelo poder público nesta área", deputada Rose Miranda

para mulher

batem injustiças

nstrando claramente suas preocupações com os problemas sociais, em s que ainda se cometem contra a mulher. Do machismo cínico que só se um planejamento que evite a gravidez indesejada, nada foi esquecido. m por elas.

alvaCaixetaMarinho
nicação Social

ra da, do PP

Maria de Lourdes Abadia, do PSDB

frenta a violência

ha iniciativa
ar ampliar
ficácia dos
rviços já
tados pelo
er público
ta área", "
putada
Rose
ilherada

rantam a preservação de seus direitos como propõe a deputada Rose, inclusive com o acesso ao apoio psicológico e social, conforme a proposta.

A deputada acredita que a sua iniciativa vai ampliar a eficácia dos serviços já prestados pelo poder público nessa área. Só no ano em que apresentou o projeto, 1991, dados oficiais divulgados pela deputada apontavam o registro de mais de mil e 300 casos de agressão a mulher, prática que, em 90 por cento dos casos, ocorre na residência da vítima. "Após a denúncia e o respectivo registro, a mulher, muitas delas sem condições financeiras, fica sem ter um lugar seguro para abrigar-se", justifica Rose.

A Delegacia da Mulher existe desde 1987 e atua no sentido de oferecer total apoio às mulheres que se sentirem atingidas em seus direitos fundamentais. As investigadoras recebem as denúncias, ouvem as partes para, então, iniciar as investigações, mas muitas vezes esse trabalho é dificultado pelo fato de os maridos ou companheiros, sob ameaças, obrigar as suas vítimas a retirar a queixa. Isso, praticamente inviabiliza as investigações.

As mudanças sociais promovidas em benefício da mulher e a conquista de direitos legais que buscam a igualdade de condições e a ampliação de sua área de atuação, parecem ainda não terem sido assimiladas pelo chamado "sexo forte", que não escolhe classe social para extravasar sua violência. As denúncias que chegam à Delegacia da Mulher, de acordo com Déborah Menezes, envolvem pessoas de todos os níveis sociais, contrariando a idéia daqueles que pensam que apenas nas classes de menor poder aquisitivo ocorrem atos desse tipo. As denúncias partem desde as satélites mais distantes, até bairros tidos como nobres, como Plano Piloto e Lagos Sul e Norte, salienta a delegada.

O projeto da deputada Rose atribui ao Executivo a responsabilidade pela dotação da infra-estrutura necessária ao funcionamento dos abrigos. ■

"Acredito que a lei que apresentei sirva para acabar com o aborto clandestino", deputada Maria de Lourdes Abadia

Abadia defende o planejamento da família

Planejar o número de filhos que se quer ter parece tarefa fácil para as famílias na sociedade moderna. Mas os métodos contraceptivos não são acessíveis a todas as classes sociais, sendo que as de menor poder aquisitivo têm maior dificuldade de obter esclarecimentos nesse sentido e, em consequência, não são raras as vezes em que a mulher, por não ter sido orientada adequadamente em relação ao sexo, vê-se obrigada a assumir uma gravidez indesejada. E foi essa preocupação que levou a deputada Maria de Lourdes Abadia (PSDB) a apresentar projeto, já transformado em lei, obrigando o Executivo, através da Rede Pública, a oferecer serviços para atendimento à saúde da mulher e assistência para planejamento familiar.

São vários os métodos anticoncepcionais existentes, sendo que alguns deles chegam até mesmo a ser desconhecidos pelas mulheres. Dentre os métodos naturais estão a histórica "tabelinha" (Ogino-Knaus), a prevenção através do controle do muco cervical (Billings) e o controle da temperatura basal. O método barreira engloba os preservativos, os diafragmas e os espermaticidas. Existem, ainda, o DIU e o anticoncepcional hormonal, que é a pílula. Esta, por oferecer vários efeitos colaterais, deve ser bem selecionada e indicada pelo médico. Já a ligadura de trompas, outra opção, deve ter a sua indicação restrita.

A nova lei, que levou o número 331/92, assegura à mulher assistência integral à saúde, em ações de caráter preventivo e curativo, relacionadas à gestação, parto e pós-parto e assistência clínico-ginecológica, dentre outras providências. A iniciativa de Maria de Lourdes vai ao encontro da política que vem sendo implantada pela Secretaria de Saúde, que já mantém programas exclusivamente direcionados à mulher, dentre os quais a "Sala da Mulher", em funcionamento há quatro meses nos Centros de Saúde da Rede Oficial.

Além disso, também são realizadas nos Centros de Saúde reuniões educativas semanais sobre saúde reprodutiva, onde são dadas todas as explicações sobre o processo da gravidez e mostrados os métodos contraceptivos disponíveis.

César Paes Barbosa revelou que a política de saúde implantada na Secretaria nos últimos quatro anos, através do Programa de Assistência e Reprodução Humana, garante a toda mulher que recorrer ao Centro de Saúde de sua regional, o acesso ao método escolhido para evitar a gravidez. Também são fornecidas informações sobre as complicações ou efeitos colaterais resultantes de cada um deles.

A lei originária do projeto da deputada tucana chega para expandir o alcance dessas iniciativas. Veda, no entanto, a qualquer instituição, a indução ou repressão à decisão da mulher, ou do casal, de procriar ou evitar a procriação. A expectativa de Maria de Lourdes é que a lei dê um fim à prática clandestina do aborto, já que estarão à disposição da mulher todos os meios científicos disponíveis na medicina para evitar a procriação, desde que sejam respeitadas a idade, a saúde, a religião e a vontade dos casais. Quando apresentou a proposição, a deputada pensou no cumprimento da Constituição, que prevê essas providências.

Em 1984, conforme estudo feito pela Secretaria de Saúde, 50 por cento das mulheres em idade fértil tinham as trompas ligadas. Hoje, segundo revelou César Paes, a realidade é outra, graças à ação da Secretaria, apesar de o resultado ainda não ser o ideal. A meta, segundo ele, é ampliar o universo de mulheres orientadas para utilizar métodos anticoncepcionais de maneira correta e, também, desestimular a prática do aborto, cujos casos em 1993 chegaram a cerca de 4.800. Ele defende, também, um programa especial de atendimento às adolescentes.

No universo de mulheres atendidas pela Secretaria de Saúde, em todo o DF, de acordo com dados do ano passado, um por cento das mulheres utilizava método natural para evitar a gravidez; 21 por cento faziam uso do método barreira; 58 por cento tomavam a pílula; 11 por cento utilizavam o DIU e 8 por cento tinham feito a opção pela ligadura de trompas. Em 1992, foram realizados 37.556 partos em todo o DF. Desse total, 4.864 foram classificados como casos de intercorrências. ■

De Homem para Mulher

Eles falam sobre elas. Cada um a seu estilo, com sua própria visão, a seu modo, falam da mulher, da importância do seu papel na sociedade, lembram e condenam as discriminações e os preconceitos.
Todos são unânimes em homenageá-las.

Apesar de todos os avanços obtidos pelas mulheres brasileiras com a atual Constituição, a situação, na prática, pouco mudou. No Distrito Federal, por exemplo, a grande parcela de desempregados é formada por mulheres. O estupro continua liderando a lista de ocorrências policiais, além do que a Capital do País mantém um dos mais altos índices de mulheres esterilizadas por ligadura de trompas. Precisamos reverter esse quadro! Deputado Agnelo Queiroz do PC do B

Considero a mulher o esteio da família e da sociedade. É sob a inspiração da mulher que os homens trabalham, agem e decidem. Nada mais justo que mais espaços sejam abertos à mulher e que a homenageemos pelo seu dia, que, no meu entendimento, são todos os dias do ano. Deputado Aroldo Satake, do PP

Admiro e acredito cada dia mais na capacidade e contribuição da mulher, atual, participante e moderna para nossa sociedade. Faço questão como presidente do Legislativo local de prestigiá-las, para tanto os avanços desta casa superam até os do Congresso Nacional pois, as três Deputadas, únicas mulheres entre os 24 Deputados, ocupam postos-chave dentro do Legislativo do DF. Deputado Benício Tavares, do PP.

Este é um dia especial para se prestar homenagens às mulheres. Na verdade, simboliza a luta, que devemos travar todos os dias, contra as profundas discriminações e violências que lhes são cometidas. Dediquei e dedico minha vida a lutar por uma sociedade justa e fraterna, onde as mulheres tenham um papel de destaque. Um mundo mais feminino, sem dúvida alguma, será melhor que o atual. Deputado Carlos Alberto, do PPS

"Mais do que um dia de comemoração, este é um dia de reflexão. Apesar das inúmeras transformações sociais, que permitiram à mulher galgar um espaço justo na sociedade, ainda estamos necessitando de medidas para que essa igualdade de direitos venha a ocorrer na plenitude, principalmente levando-se em consideração a realidade nacional, onde os desníveis sociais são profundos. Com isso, a mulher passa a ser a parte frágil da relação social. Muito já foi feito, mas existe muito, ainda, por fazer. Não é uma luta só das mulheres, mas de toda a sociedade". Deputado Cláudio Monteiro, do PDT.

"Apesar das conquistas dos últimos anos, as mulheres ainda sofrem a opressão da desigualdade que lhe tem sido historicamente imposta. O dia 8 de março, mais do que um símbolo, representa um alerta de que a luta pela conquista da plena cidadania deve continuar, com a participação de todos nós, porque a questão da mulher passa, inevitavelmente, pela questão da democracia, que pressupõe uma sociedade igualitária e justa". Deputado Edimar Pireneus, do PP

O Dia 08 de Março — Dia Internacional da Mulher, além de ser um dia de luta é também um dia de luto. Luta das companheiras que em nenhum momento deixaram de levar adiante os esforços para superar a discriminação, o preconceito e a violência de que também são vítimas. E luto pelas mulheres que não puderam ver na sua existência a conquista de suas metas. E pelas que morreram pela causa. Deputado Eurípedes Camargo, do PT.

Mulher, você
que é mãe,
esposa e amiga,
Única rainha
do lar,
Longe de ti, não
conseguimos viver,
Hoje, mais que
nunca, a homenageamos
Em oração, pedindo a Deus
que lhe proteja,
Redobrando-lhe todo carinho.

Deputado Fernando Naves, do PP

No início deste ano, todo mundo ficou perplexo ante a barbárie da guerra civil iugoslava, que submeteu milhares de mulheres não só ao estupro, mas também às cirurgias que mutilam parte dos órgãos genitais. Ao lembrarmos este fato, tão recente e tão cruel, queremos exatamente destacar que embora as mulheres ocupem relevantes postos públicos e participem, cada vez mais, do mercado de trabalho, a humanidade ainda convive com práticas odiosas de opressão. Deputado Geraldo Magela, do PT.

Neste dia estamos comemorando a luta da Mulher pelo completo reconhecimento do seu papel como membro da sociedade e como parceira do homem na formação da família. Ao mesmo tempo, conclamamos as mulheres de Brasília, a intensificarem sua luta pela justiça social e consequente erradicação da miséria, mãe de todos os preconceitos sociais. Deputado Gilson Araújo, do PP.

Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, o Deputado Jorge Cauhy lembra que a presença da mulher brasileira confunde-se com a evolução histórica de nosso País, principalmente na formulação de nossos conceitos morais, da nossa ética e, acima de tudo, partícipe fundamental da nossa economia na guerra incessante contra o aviltamento dos nossos salários e a disparada dos preços. Deputado Jorge Cauhy, do PL.

Minhas Estimadas Companheiras. Tenho a honra de cumprimentá-las no "Dia Internacional da Mulher". Saúdo-as respeitosamente e agradecido pelo dinamismo, amizade, paciência e altivez com que trabalham em prol do desenvolvimento da família e da pátria. Neste dia, renovo comovido os meus compromissos de defendê-las, no Parlamento Distrital, e em todas as oportunidades, para que a prática da Justiça Social deixe de ser falácia e sua aplicação não exclua a mulher, pois vocês são os esteios de nossa sociedade. Deputado José Edmar Cordeiro, (sem Partido)

Este é um dia importante. Cada vez mais a mulher ocupa o seu espaço na sociedade. É claro que ainda enfrenta discriminações, mas vence outras com sua crescente capacidade. Associo-me às homenagens, principalmente na figura de minha mãe, já falecida, e na minha esposa, que há 48 anos me acompanha e me apóia, para que juntos possamos fazer o bem ao nosso semelhante. Deputado José Ornellas, do PL

"No Dia Internacional da Mulher temos dois importantes pontos a observar. Um, merecedor de aplauso e respeito. Outro, execrável. O primeiro diz respeito à participação ativa da mulher no mercado de trabalho. As mulheres estão em todos os segmentos profissionais, inclusive aqui na Câmara Legislativa do DF, onde estão em cargos de destaque. O ponto que temos a lamentar é a continuidade da violência contra a mulher. Uma violência que vem recheada de impunidade, apesar dos esforços desenvolvidos pelas delegacias especializadas em agressões contra a mulher espalhadas pelo País. Essa violência é o contraponto às relevantes posições que a mulher vem ocupando em nossa sociedade". Deputado Manoel de Andrade, do PP.

Todos gostaríamos de comemorar o fim das injustiças, cometidas em nome de uma falsa superioridade. Não é possível, mas podemos comemorar o fato de o que era utópico está cada vez mais real. Graças a Deus, o mundo não mais resiste à força da mulher, que menos conquista, e mais ocupa o seu espaço, e marca os novos tempos com a força da sua sensibilidade. Deputado Maurílio Silva, do PP

A Mulher, essa força Divina sob forma de rosa acolhendo a vida, torna-se a Rainha da Criação.

Deputado Padre Jonas, do PP

A luta da mulher começou há muitos séculos. Mas o Dia Internacional da Mulher, 8 de março, é um marco recente, tendo em vista que a data é um dia de protesto contra o assassinato de um grupo de grevistas, na Inglaterra, no século passado. Os proprietários de uma fábrica atearam fogo no prédio, após fechar as portas do estabelecimento, impedindo as grevistas de sairem. O crime abalou o mundo. A ousadia daquelas mártires, no entanto, não foi em vão. A ousadia de lutar continua viva e permanecerá eternamente, impulsionando a vida rumo à igualdade, à fraternidade, ao socialismo, à divisão da riqueza, o respeito às crianças e ao Planeta Terra. Deputado Pedro Celso, do PT.

A mulher, cada vez mais, tem se destacado no mundo atual, seu papel na sociedade tem sido desempenhado com grande êxito. Mas, é na família que ela assume um papel preponderante, de esteio da casa, e é justamente por esta razão que a família, jamais, será valorizada se a mulher não for devidamente reconhecida. A mulher, a Célula Mater da Sociedade. Deputado Peniel Pacheco, do PTB

A mulher vem, na estrada do tempo, conquistando os espaços que lhe foram subtraídos, sepultando um modelo social de convivência que jamais deveria ter existido. Pelo espírito de luta e de grandeza que move as mulheres de todas as raças, neste Dia Internacional da Mulher, prestamos a nossa homenagem àquela que dá à luz a vida humana. Deputado Salviano Guimarães, do PDT

A mulher esteve injustamente à margem dos seus direitos durante séculos, mas aos poucos vem ocupando um lugar justo na sociedade e no mercado de trabalho. Hoje, o papel que a mulher desempenha em todos os segmentos é fundamental para o progresso da humanidade, mas ainda falta muito para que ela consiga ocupar seu verdadeiro lugar, com direitos e deveres iguais aos dos homens. Deputado Tadeu Roriz, do PP

A mulher só conseguiu sensibilizar a sociedade para com seus direitos depois que assumiu a luta e demonstrou sua importância. Nossa esperança neste 8 de março é que a mulher continue nessa luta para ampliação e consolidação das reivindicações na sociedade, a qual contará sempre com todo o nosso apoio em todas as camadas sociais. Deputado Wasny de Roure, do PT

SANTA DICA MULHER

Nos traços modernistas que a consagraram em 22, Tarsila do Amaral retrata Santa Dica, in Misticismo e Loucura, de Osório César, S. Paulo, 1939

ELEONORA ZICARI BRITO

CEUB

A personagem central da história que passamos a apresentar é Benedicta Cypriano Gomes, ou Santa Dica, como era mais conhecida essa mulher.

Nos anos 20, Santa Dica formou e liderou uma comunidade religiosa em Lagolândia, povoado do Mucípio de Pirenópolis. Comandou homens ao lado do Governo de Goiás - em 1925, contra a Coluna Prestes e, em 1932, contra os revoltosos paulistas.

Sofreu enorme represália daqueles que sentiram-se ameaçados por essa cabloca de 18 anos, capaz de transgredir a normatização que a ordem social impunha.

Em 14/10/25, a comunidade da Corte dos Anjos é invadida e metralhada pela força policial do Estado de Goiás que, cumprindo ordem de mandado de prisão contra Santa Dica e alguns de seus companheiros, ▸

deixa um funesto saldo de mortos e feridos. Santa Dica foge entregando-se em seguida à polícia, passando a responder ao processo crime que será o alvo de nossas considerações. (1) Vítima de uma sociedade presa a paradigmas cuja cristalização deu-se através de um longo histórico, Santa Dica é condenada não pelo crime que a indiciou, e sim, em função de sua não adequação e esses paradigmas. Em suma, Santa Dica é condenada por ser MULHER. Através da leitura de trechos do processo, cujo discursos remetem à temática da mulher, procederemos a análise das imagens ali construídas.

Santa Dica/ Foto álbum de familia

Cenário: Tribunal de Justiça da Cidade de Goiás
— Outubro de 1925 —
Excertos dos autos do processo contra Benedita Cypriano Gomes:

Diz a PROMOTORIA PÚBLICA:

"Há dois anos, mais ou menos, Benedicta Cypriano Gomes, fingindo-se atacada de um estado anormal qualquer, tem realizado sessões espíritas, nas quais promete aos incautos curas de moléstias curáveis e incuraveis e, arrogando-se santa, subjuga e fascina toda a população de mais de seiscentas pessoas ignorantes que acreditam piamente no seu imaginário poder, e assim, tem conseguido efetuar casamentos...

...A denunciada (...) é auxiliada nessa triste profissão que adotou para illudir a bôa fé dos romeiros por Alfredo dos Santos, alma dominadora de toda essa comédia (...) bem assim por seu pai Benedicto Cypriano Gomes e seus tios Jacynto Cypriano Gomes e Gustavo Cypriano Gomes, e pelo seu amásio Manuel José Torres, vulgo Coxeado, preto que tem péssimos antecedentes judiciários, sendo tido e havido como ladrão reincidente e homicida..."

Reafirma o CHEFE DE POLÍCIA:

"... influenciando mesmo com semelhante prática (...) sobre as faculdades mentaes de muitos dos incautos que, seduzidos pela sua labia, a procuravam..." (p.5-A)

UMA TESTEMUNHA
(Antonio Leocadio Jayme)

"...Que, cerca de trinta anos conhece os paes e avós de Benedicta Cypriano Gomes; (...) Que sempre conheceu esta família pobre, mas que atualmente, estão todos os seus membros bem remediados, sendo que a própria Benedicta, que andava maltrapilha, hoje traja-se bem, usando, até, seda.

Que, há quem diga que Benedicta, que é solteira e menor de dezoito, isto é, menor de vinte e um anos, habita juntamente com (...) "Coxeado" e mantém com este relações illicitas; Que 'Coxeado' é estabelecido com negócio (...) em própria casa de Benedicta: Que Benedicta mora separada de seus pas em companhia de 'Coxeado' e recebe dos fanáticos muitos presentes...

...a obediência prestada a Benedicta pelos fanáticos (...) é cega..."

TESTEMUNHA
(Illydio Vespucio)

"...Disse mais o depoente que dizem ser Benedicta donzela, mas que elle não a acha com jeito disso, pois, já a tem visto nesta cidade, juntamente com Coxeado, portando-se de modo muito reprovável..."

TESTEMUNHA
(Belmiro Jacintho da Silva)

"...Que Coxeado mora na mesma casa, juntamente com Benedicta e elle, depoente, já os tem visto de automóvel, juntos, dando escândalos nas ruas dessa cidade e em outras ocasiões andando os dois a pé, fazendo supor, como se diz, que mantenham os mesmos, relações illicitas..."

Volta a atacar O PROMOTOR PÚBLICO:
(Hilário A. de Santos)

"...Benedicta Cypriano Gomes, que segundo estou informado, está favorecendo abertamente à prostituição de menor de 21 annos; pois tem effectuado diversos casamentos, entregando noivas, pobres inocentes à voracidade dos espertalhões que saciados os seus desejos lascivos as abandonam..." (p. 20-A/B)

Apoia o 1º SUPERINTENDENTE DO DELEGADO DE POLÍCIA DE PIRENÓPOLIS (Asdrubal Jayme)

"...quando aqui esteve por 2 vezes, a "Santa" acompanhada de seu numeroso "Cortejo", correndo as ruas dessa cidade, zombava das autoridades, dirigindo insultos e provocações dizendo que podiam mandar no "Jordão" quantos soldados quisessem, que não chegariam para "isca"... (p. 21-B)

...A Dica regressou da Capital, onde esteve com o seu povo, dizendo que se houvesse outra revolução se collocaria com o seu povo, em franca hostilidade ao Governo e que para o tal "Caiado", como dizia, tinha 6 pitombas (Um revvolver com 6 ballas)." (p. 22-A)

TESTEMUNHA
(Herculano Flores)

"...Certo dia elle, depoente, presenciou Dica com um vidro de brilhantina de primeira qualidade, brilhantina essa que se serviu Dica para seus cabellos, logo que a recebeu; Que a noitinha desse mesmo dia, na sessão a que alli se chamava — **Conferência,** Dica, deitada em sua cama e fazendo as revelações de costume, chamou a atenção dos circunstantes para o perfume que rescendia das suas mãos, dizendo que esse odôr era dos Santos Oleos que os anjos — haviam trazido para as suas mãos; Que elle depoente, entretanto, ao beijar as mãos de Dica, como era praxe naquellas occasiões em que se realizavam as sessões, sentiu que o cheiro agradável que inalava das mãos de Dica, não era senão o da brilhantina com que horas antes elle a havia presenteado...

... Que elle, depoente, esteve, por alguns dias, verdadeiramente crente em todos os factos que se passavam na "Lagôa", mas que, logo depois, libertou-se (...) e viu que a romaria da Lagoa entrava em decadência, uma vez que Dica já não se portava como a princípio, deixando mesmo transparecer certas desconfianças sobre sua honestidade: Que a propósito da honestidade de Dica elle (...) tem suas razões, para por em dúvida, porquanto a viu, algumas vezes, sentada ao collo do seu camarada José Franco, a quem **beijava, chupava beiços e lingoa** (os últimos grifos são do escrivão); Que depois desse facto, apreciou outros com Manuel José Torres (...) os quaes deixaram elle (...) bem descrente da lisura do procedimento de Dica, entre elles o de morar Dica juntamente com Coxeado, desprezando a casa de seus paes e ter sido vista dormindo abraçada com Coxeado e isto presenciado por mais de doze pessoas..."

TESTEMUNHA
(Honorio Vicente de Lemos)
— 21/10/25

"...Que, ultimamente, Dica morava junto com Coxeado, deixando a casa de seus paes e parentes com os quaes se dava bem, despertando, por este facto, certa desconfiança no espírito de muitas das pessoas que alli moravam, no tocante à sua honestidade, mas que elle, depoente, nunca presenciou, propriamente, nenhum acto deshonesto de Dica; Que Coxeado nenhum parentesco tinha com Dica, a quem conheceu ella na 'Lagôa'..."

RELATÓRIO DO CHEFE DE POLÍCIA DO ESTADO DE GOIÁS (Celso Calmon N. da Gama) — 24/10/25

"Na Alemanha, (...) foram instaurados vários processos sobre bruxaria, entre elles, um contra a mulher de um cabelereiro, o chamado "medio das flores", espiritista, a qual, com seus bruxedos, illudiu e prejudicou até pessoas que se diziam de certa cultura.

A leste da Russia, em virtude de obscuras ideas religiosas, várias victimas da superstição causada por essas ideas, procuraram a morte (...) fazendo-se sepultar vivas ou deixando-se encerrar em espaços fechados.

A iniciadora dessa desgraça estava fechada dentro de uma parede e louca.

Era, também, uma mulher.

Diz-nos Ascheffenburg (...) 'Esta catastrophe ter-se-hia evitado (...) se a instigadora do movimento, que fôra detida no começo do ano de 1897, como vagabunda (...) tivesse sido submetida a um exame médico-legal.'

Benedicta Cypriano Gomes, môça de 20 annos e inculta, começa aos 18 annos, (...) a ser accomettida de certos phenomenos pathologicos bem conhecidos na nossa medicina, phenomenos esses de que se serviu ella (...) para implantar (...) a desolação e a miseria (...) destarte, até o desassocego para o Poder Público...

Desse estado anormal, procurou ella e seus auxiliares tirar proveito e dominar a credulidade individual.

Individuos analphabetos, facilmente dominaveis. ▶

por uma crendice qualquer (...) voltaram-se para uma superstição perigosa e Benedicta (...), Santa Dica ou Dica (...) os tem em suas mãos, completamente dominados.

A cura de moléstias curáveis e incuráveis, os sentimentos de amor, não foram estranhos a finalidades do seu objetivo — fascinar e subjugar a credulidade individual.

Dica fingia-se portadora de um poder superior, intitulava-se ou deixava que se intitulassem santa e disso auferia lucro illicito.

A 'Lagôa' era um lugar de fascinação, de encanto e onde se exercitava o prestigio absoluto de Dica, o que, podemos também chamar magia, em seu sentido figurado."

TESTEMUNHA
(Herculano Flores)

"...que calcula em oitocentos o número das pessoas já arranchadas na Lagôa, attrahidas pela fama das ocorrências dalli, a maioria das quais presta cega obediencia a denunciada...

Dada a palavra ao advogado dos denunciados por elle foi dito nada ter a perguntar.

Dada a palavra á denunciada Benedicta (...) por ella foi dito que contestava o depoimento da testemunha apenas na parte em que diz o depoente que a maioria dos romeiros que prestam obediência, porque a ser isso verdade, não haveria resistência á força legal, cuja obediência ella gritava e pedia sem no entanto ser attendida."

Está apresentada a **mulher** santa Dica. Estas são as imagens que, juntas, traçarão o discurso jurídico sobre a personagem.

O PERFIL DO DISCURSO

Verificaremos o perfil dessa mulher, construído por esse discurso; as ações mobilizadas; as emoções que ela manipula; como as manipula; com quem é comparada para que se afirme a "verdade" desse discurso; que objetivo tinham suas ações; e, finalmente, quem é santa Dica.

1) **PERFIL**
— solteira
— menor de idade
— mora com Coxeado, seu amásio com quem mantém relações ilícitas
— usa seda
— recebe presentes
— embora digam ser donzela, não tem jeito disso
— porta-se de modo muito reprovável
— anda de automóvel com Coxeado dando escândalos
— anda a pé com Coxeado dando a entender que mantém relações ilícitas
— zomba, dirige insultos e provocações às autoridades
— é hostil ao governo
— usa brilhantina nos cabelos
— não se porta de maneira honesta
— senta no colo de homens
— beija, chupa beiços e língua
— despreza a casa dos pais
— dorme abraçada com Coxeado
— desperta desconfianças
— inculta
— favorece à prostituição
— vive de lucro ilícito
— adotou uma triste profissão
— fingida e mentirosa

2) **EMOÇÕES QUE DESPERTA**
— amor
— ódio
— inveja
— medo

3) **AÇÕES QUE MOBILIZA**
— promete
— subjuga
— fascina
— influencia
— seduz
— engana
— domina
— finge

4) **COMO MOBILIZA**
— fazendo com que acreditem num imaginário poder
— seduzindo pela sua lábia
— deixando-se auxiliar por pessoas perigosas
— usando a obediência cega que lhe prestam
— servindo-se de um estado anormal
— usando uma superstição perigosa
— utilizando a credulidade do povo
— usando seu prestígio absoluto
— praticando a magia/sortilégios

5) **COM QUEM É COMPARADA**
— A mulher de um cabeleireiro, o chamado "médio das flores"
— A iniciadora de uma desgraça, louca, vagabunda, bruxa

6) **OBJETIVO DE SUAS AÇÕES**
— auferir lucros, enriquecer

7) **QUEM É ELA**
— Ela era "também, uma mulher"

A "Mimosa"

SÃO para ella todos os mimos; ella bem o merec. porque é meiga, bôa, carinhosa. Demais, desde pequenina teve muito delicada saúde o que fazia os paes redobrarem de carinhos.

Que dôres de cuvido, Mãe Santissima e que dôres de dentes soffreu a pobresinha!

Agora tudo isso felizmente acabou. Uma dóse de

CAFIASPIRINA

fal-a em cinco minutos, completamente bôa e restitue-lhe aos labios o sorriso angelico e aos olhos a expressão de alegria.

NÃO AFFECTA O CORAÇÃO NEM OS RINS

E' tambem sem rival contra dôres de cabeça, nevralgias, rheumatismo. Regularisa a circulação e restaura as forças.

BAYER

Não acceite comprimidos avulsos. Peça o tubo com 20 comprimidos, ou o envelope "CAFIASPIRINA" com dois, ou então o disco "CAFIASPIRINA" com um comprimido.

Anúncio publicado no jornal "O Democrata", em 1926. Foi relacionado com a figura lendária de Santa Dica, sendo citado nos autos

A quem esse discurso julga? A alguém que cometeu uma infração penal ou a uma imagem de mulher?

Esse discurso jurídico julga a mulher, não qualquer mulher, mas aquela que é a OUTRA do referencial ideal no sistema.

De todas as afirmativas que buscam construir a imagem dessa mulher, definindo-a, apenas três remetem àquilo que o discurso, respaldado pela lei, utiliza para acusá-la: ela faria uso de uma **superstição perigosa**, seria comparável a uma **bruxa** e praticaria a **magia e sortilégios**.

Como a superstição, no Relatório do chefe de Polícia, seria o **mote** para o crime da qual ela é acusada, **somente nesses poucos itens**, encontramos a presença do delito pelo qual santa Dica é indiciada nesse Processo.

Apesar da existência de uma acusação concreta (prática do espiritismo, magia e seus sortilégios) o perfil que se traça, através da **maioria** dos elementos apontados para caracterizá-la, em nada se aproxima dessa acusação.

O fator determinante nesse jogo de desqualificação de santa Dica serão as imagens que configurarão um modelo de mulher que foge às regras estabelecidas e que constam daqueles outros tantos itens. Iremos nos fixar nessas imagens para procedermos à nossa análise.

OS ARQUÉTIPOS MEDIEVAIS

Jean Delumeau em seu trabalho de elucidação do que seria o "medo imemorial" em relação à mulher produzido ao longo de tempo nos imaginários sociais, constata como se portavam os produtores de discurso na Idade Moderna quanto à questão da **vaidade** feminina.

"... Tu devias usar sempre o luto, estar coberta de andrajos e mergulhada na penitência, a fim de compensar a culpa de ter trazido a perdição ao gênero humano (...). Mulher, tu és a porta do diabo. Fostes tu que tocastes a árvore de Satã e que, em primeiro lugar, violastes à lei divina". (2)

Por estar ligada ao pecado original, a mulher estaria condenada ao luto, coberta de andrajos. Como andava santa Dica antes? Segundo o discurso, "maltrapilha", logo, mais perto do exigido arrependimento por ter nascido "filha de Eva". Mas ela mudou, segundo o mesmo discurso, e, agora, dá-se a vaidades, usa seda. Usa também, brilhantina, "de primeira qualidade", nos cabelos. Tornou-se uma mulher vaidosa.

O que diz o discurso de Ménot, Maillard e Glapion, pregadores dos séculos XV e XVI, sobre a vaidade? "A beleza na mulher é causa de muitos males". E brandando contra a moda, dirão que a mulher

"Para se fazer ver pelo mundo (...) terá toda espécie de vãos ornamentos: grandes mangas, a cabeça ataviada, o peito descoberto até o ventre com um **fechu** leve, através do qual se pode ver o que não deveria ser visto por ninguém (...). É (...) em tal libertinagem de trajes que ela passa; o livro de horas sob o braço, diante de uma casa onde há uma dezena de homens que a olham com um olho de cobiça. Pois bem, não há um só desses homens que por causa dela não caia no pecado mortal." (3)

Como mostra Delumeau, a mulher vaidosa é, no imaginário daquela sociedade, a "provedora do inferno", pois o "diabo a tem e a arrasta com ele, atada e acorrentada". (4)

Em 1930, Álvaro Pelayo padre franciscano atendendo pedido de João XXIII, escreve o **De planctu ecclesiae**, que aponta os "102 vícios" da mulher. Alguns referem-se à questão da vaidade, como nos mostra a interpretação que Delumeau faz da "obra".

"Ela atrai os homens por meio de chamarizes mentirosos a fim de melhor arrastá-los para o **abismo da sensualidade**. Ora, não há nenhuma imundície para a qual a **luxúria** não conduza". Para melhor enganar, ela se pinta, se maquia, chega até a **colocar na cabeça a cabeleira dos mortos...**" (5) ou a usar brilhantina...

Está descoberto! A mulher é vaidosa porque precisa esconder algo de podre que existe dentro dela. É isso que o discurso de um religioso do século X já afirmava:

"A beleza física não vai além da pele. Se os homens vissem o que está sob a pele, a visão das mulheres lhes viraria o estômago. Quando nem sequer podemos tocar com a ponta do dedo um cuspe ou esterco, como podemos desejar abraçar esse saco de excremento?" (6)

Vejamos agora alguns trechos de outra "obra", essa em versos, redigida no século XII, pelo monge Bernard de Morlas, cujo título é **De contemptu feminae:**

"A mulher é uma feroz serpente por seu coração, por seu rosto ou por seus atos.

Uma chama muito poderosa rasteja em seu seio como veneno.

A mulher má se pinta e se enfeita com seus pecados. Ela se disfarça, ela se falsifica, ela se transforma, se modifica e se tinge.

(...)

Mulher pérfida, mulher fétida, mulher infecta. Ela é o trono de Satã; o pudor está a seu cargo; foge dela, leitor". (7)

Toda a ligação já está feita. A mulher, pecadora por natureza, utiliza-se do artifício da vaidade para encobrir sua essência ruim. Juntando este aos outros qualitativos atribuídos à mulher, por esses discursos, chegamos à diabolização de sua imagem. São todos esses estere- ▶

ótipos e a certeza de que a mulher é o "trono de Satã" que propiciarão e justificarão a desenfreada caça às bruxas que a Idade Moderna irá assistir.

Por sinal, essa imagem também não está ausente desse discurso. Santa Dica é bruxa pois pratica a "magia". A distância cronológica entre um enunciado e outro, nada obsta em termos de análise, em nossa ótica. Como nos mostra Foucault, todo discurso se institui sobre um "efeito de raridade", pelo qual diferentes textos se "remetem uns aos outros" (8). O que ocorre é a re-emergência dos enunciados, com um perfil singular, segundo as especificidades espaço-temporais.

O discurso afirma que ela adotou uma "triste profissão" que diz respeito à prática de favorecimento à prostituição.

Ainda segundo o **De planctu ecclesiae** esse é outro vício natural da mulher pois,

"...Algumas vezes, são colaboradoras do adultério: seja porque entregam virgens à libertinagem, seja porque se arranjam para fazer abortar uma moça que se abandonou à fornicação". (9)

Corroborando essa "verdade", no século XIX, o discurso médico, com sua autoridade, legitima essa imagem da mulher essencialmente pervertida.

Como ilustração desse pensamento, Parent-Auber, médico da Faculdade de Paris, cirurgião, professor de obstetrícia e presidente da Société Médico-hemenéutique, em 1851, assim se expressa em relação às mulheres:

"Ela é furiosa e solicita para o seu prazer o primeiro homem que aparece: se rejeitada, encoleriza-se, ameaça e entrega-se aos excessos mais violentos. Sua razão logo se abala, seu espírito aliena-se e ela apresenta todos os sintomas da mania caracterizada. Levada cegamente a atos de furor, ela quebra, morde e lasca, com uma espécie de ferocidade sanguinária, tudo aquilo que ousa trazer um obstáculo à satisfação dos seus desejos". (10)

É por ser a mulher esse ser sexualmente anômalo e indomável que Esquirol, outro doutor, "especialista das doenças nervosas das mulheres", reconhece a **prostituição** ou o **estupro** como alternativas terapêuticas para o caso de algumas "moças de família" que só encontrariam a cura de seus "ataques de nervos" mediante a satisfação desse desejo incontrolável.

Citando o caso de uma jovem de "boa família" que não conseguia a cura pelos métodos convencionais, Esquirol conta a seguinte história:

"...Uma noite, numa esquina de um bairro de Paris, respondendo à pergunta: 'O que você está fazendo aí?", ela disse: 'Estou me curando'. Realmente, depois de dez meses na prática dessa vil profissão e depois de ter feito dois abortos, restabeleceu-se completamente, livre de qualquer crítica". (11)

Analisando essa produção discursiva francamente desfavorável à imagem da mulher, Delumeau mostrará que, na Idade Moderna, um clima de ameaça se apossa da sociedade ocidental, fruto de séculos de pestes, guerras e cismas, propiciando às elites um formidável material para exorcizar, nos "inimigos" imaginários, seus medos inconscientes.

Entretanto, se as condições de produção desse discurso que diabolizou a mulher já não mais existem, a produção imaginária continua sua longa tragetória rumo à reafirmação daquela verdade há tanto tempo instituída. É porque alcançou os mais profundos níveis da "psique" coletiva, lugar onde estão armazenados os arquétipos, que essas imagens não desaparecem, mesmo que as condições que lhe permitiram emergir já se tenham acabado. E assim, em 1925, santa Dica sofre os efeitos de um discurso que tem por **deixis fundadora** essa série de imagens, resultado de um conjunto discursivo "paranóico". (12)

A RELEITURA DESQUALIFICADORA

Toda a lista de emoções que, dizem os depoimentos, santa Dica mobiliza, nada mais são do que reafirmações dessa imagem terrificante que o discurso da Idade Moderna produziu sobre a mulher. Ela promete, subjuga, fascina, influencia, seduz, engana, domina, finge. Quantos cuidados — esses discursos não se cansaram de proclamar — se deveria tomar contra esses vícios essencialmente femininos?

As estratégias que utiliza para mobilizar as emoções são, também elas, de uma profunda vileza. Tudo o que santa Dica construiu é fruto, segundo esse discurso jurídico, do uso de meios que fazem lembrar, a todo instante, seu parentesco com as bruxas da Idade Moderna.

Mas é aí que encontramos a ponte entre o imaginário produzido na Idade Moderna e o discurso alienista do século XIX. Os atributos conferidos à santa Dica ligam-na às **bruxas** da Idade Moderna e à **histérica** da psiquiatria moderna. Como as última, santa Dica serve-se de um estado anormal para colocar em prática seu arsenal de maldades, que nada mais são do que resultado de uma natureza feminina "estranha".

O Relatório do Chefe de Polícia não nomeia o mal que a faz ser "accometida de certos phenomenos **bem conhecidos na nossa medicina**". Discreção que não deixa de alimentar a "verdade" estabelecida pela psiquiatria moderna: santa Dica, como toda mulher que fugia aos padrões de "normalidade" feminina instituídos à época, era **histérica.** (13)

A ligar discursos tão distantes como o que diaboliza a mulher na Idade Moderna e o que funda a "verdade" sobre uma histeria natural da mulher está o local onde estes discursos atuam: a sexualidade feminina.

Trabalhando a história da sexualidade, Michel Foucault mostrará que, a partir do século XVII, constitui-se toda uma rede de dispositivos que visa atuar, nas mais diversas instâncias do social, sobre o sexo, colocando-o "em discurso", constituindo sobre ele todo um complexo jogo de poder/saber. Um desses dispositivos estaria ligado ao que Foucault chamou de "histerização do corpo da mulher". (14)

É esse o dispositivo que, acionado, faz ganhar "sentido" a imagem da "mulher higiênica", modelo paradigmático da mulher moderna.(15)

Como esse passa a ser o paradigma da mulher ideal, é ele quem servirá, também nesse discurso jurídico, de referencial que se oporá à imagem construída de santa Dica.

Assim embora solteira e menor de idade, ela em nada se assemelha à imagem da "Mimosa" que o jornal **O Democrata** elege como a ideal, através da propaganda que veicula.

Mulher indomável, ela abandona a casa dos pais, "com os quaes se dava bem" para viver com seu "amásio" relações ilícitas. Alguns olhares ainda se enganam e, vendo nela os traços de "Mimosa", julgam-na "donzela", mas seu comportamento "reprovável" faz ver que, enfim, ela não tem "jeito disso". Sua maneira de portar-se não é honesta, pois senta-se no colo de homens "a quem **beijava, chupava beiços e lingoa**", despertando desconfianças. Era inculta. Vivia de lucro ilícito. Zombava das autoridades e punha-se em franca hostilidade frente ao Governo, quando a simples participação da mulher nas coisas públicas era rebatida até **pelos** feministas. Esse discurso opera uma profunda desqualificação da mulher santa Dica, de acordo com as regras impostas por aquela sociedade à mulher ideal.

Como se fundamentam as afirmativas que juntas formam esse discurso jurídico sobre a mulher santa Dica? Baseia-se em argumentos vagos, preconceituosos e vazios de evidência.

A periculosidade de Coxeado é afirmada pela convicção do promotor público de que ele é um criminoso, pois assim é "tido e havido", em total descompromisso com a busca de uma argumentação bem fundamentada.

Para caracterizá-lo negativamente o discurso identifica Coxeado pela cor. Ele é "**preto** que tem péssimos antecedentes judiciários", produzindo, preconceituosamente, com o conjunto da expressão, uma marca, ausente na apresentação dos outros indiciados. Ninguém é chamado de **branco**.

As pessoas enganadas por santa Dica o são por serem "analphabetas" logo, "facilmente dominadas", o que confirma o caráter preconceituoso do discurso.

Santa Dica dá escândalos ao andar pelas ruas da cidade de carro ou a pé com Coxeado, o que faz "supor" terem os dois relações ilícitas. Que escândalos? Discurso vago.

Enfim, esse discurso afirma nada provando. Julga e incrimina, sem evidenciar nada.

Compara santa Dica a outras duas mulheres, uma louca e vagabunda, reafirmando as acusações anteriormente produzidas, outra, mulher de um cabelereiro, ele sim, um médium. Não se compreende o engano que o Relatório comete, ao confundir a mulher com o seu marido que seria o verdadeiro médium na trama. Mas a confusão logo se esclarece. Ela serviu para que a afirmação posterior ganhasse todo o seu significado.

"Era, também, uma mulher".

Dica se defende e se expõe: mulher mágica.

Em meio ao verdadeiro massacre a que é exposta, santa Dica, tomando para si o que seria uma tarefa de seu advogado, que se mantém omisso, toma a palavra e arrisca uma autodefesa. Ignorando, ou sendo forçada a ignorar, que à mulher foi reservado o silêncio em todos os campos discursivos que não lhe dizem respeito, ou seja, todos aqueles fora do circuito do seu único canal de expressão que é o espaço privado, arrisca-se na tentativa de se fazer ouvir nesse campo onde os ouvidos e vozes são masculinos. Sobre seu discurso todos silenciam, até seu advogado.

Argumentação inútil, mas, ainda assim, mais uma vez tentada. Antes dessa intervenção, santa Dica já havia produzido um longo discurso onde tentou dizer **não** àqueles discursos que buscavam identificá-la, dizê-la, marcá-la.

Deixamos o leitor com o texto integral do Termo de Declaração prestado por Benedicta Cypriano Gomes, em 22/10/25. Esse tema fecha-se com o discurso de santa Dica sobre santa Dica.

"...conhecida por Dica, com vinte annos de idade, solteira, residente no logar "Lagôa", em casa de sua avó Isabel, já fallecida, serviços domésticos, brasileira, natural desse município, filha de Benedicto Cypriano Gomes, sabe, apenas, ler. Fez, livre e expontaneamente, as seguintes declarações: Que nada pode declarar a respeito do crime de que é acusada, porque o que tem passado na "Lagôa" de dois annos a esta parte que a sua pessoa, ella declarante, nenhuma noção tem, dada a situção anormal em que fica quando dizem praticar ella actos de espiritismos, magia e seus sortilegios; Que não tem ciência do que faz, de forma inconsciente que age debaixo de um poder oculto ou de uma molestia que lhe priva, nessas ocasiões do uso de suas faculdades psiquicas e dos seus próprios movimentos organicos; Que nunca chamou pessôa alguma para assistir nessas ocasiões anormais, pois quando é accometida do mal que ignora, procura, sempre uma cama para se deitar e ahi, imovel em todo o seu ser dizem fazer ella revelações; Que se dia a dia mais pessoas affluem à "Lagôa" para ouvir as alludidas revelações, ella nenhuma culpa tem, porquanto, como disse, não faz propaganda dessas suas qualidades espirituais ou virtudes de outro genero qualquer, sendo a aglomeração e pessôas que mais a mais naquelle sitio se verifica, a resultante das informações de propaganda de outros, sem seu consentimento; Que as primeiras pessôas que verificaram os actos um tanto extraordinarios, que com ella se passaram foram o (?) Diogenes Pereira da Silva, Sebastião de (?) — já fallecido — e José de (?) Côrtes; Que nasceu na fazenda "Lagôa" e desde a idade de dois annos residia na companhia de sua avó residencia essa que deixou agora, em agosto deste anno, por haver fallecido a meses a sua avó, passando então para a casa de sua tia Leocadia e, ultimamente para uma casa que Antonio Albino lhe fizera, onde passou a morar juntamente com uma mocinha de dezenove annos, chamada Chrispina, seu primo José Damasceno Ruse, um menino, Hidelbino Amelio da Rocha, de quinze annos de idade e um empregado de nome Jesuino da Costa, habitando ahi, tambem, Manuel José de Torres, vulgo Coxeado, sendo que este ocupava o apartamento do seu proprio negocio, com que era alli estabelecido; Que não pode precisar o numero de pessôas que moravam na "Lagôa", nem mesmo a causa que motivou a transferencia dessas mesmas pessôas para alli, podendo, entretanto dizer que naquella fazenda so não trabalhavam os doentes; Que, de facto, fazia confirmações, essas confirmações de que tratam os cathecismos que padres distribuem, mas somente, o fazia, alliás em perfeito uso de suas faculdades, nas epocas de São João, da tradicional fogueira e que se em outras ocasiões elli eram feitas as alludidas confirmações, não era ella quem as fazia, pois até aconselhava aos do logar que essa cerimonia so devia se realizar na epoca das festas de São João; Que nunca deu ao rio do Peixe o nome de rio Jordão, tão pouco tinha sob suas ordens, numa obediencia absoluta as pessoas que procuravam a "Lagôa" para morar ou assistir o que alli se passava de anormal com a sua pessôa; Que Alfredo dos Santos lia um papel onde havia umas orações, por occasião das confirmações e mandava rodear a fogueira e molhar a cabeça no rio do Peixe, as pessôas que confirmavam, funcções essas também ▶

Pela sua vida, pela mística criada em torno de sua pessoa, Santa Dica foi modelo preferido pelos pintores da época. Aqui, desenho de Amaury Menezes

exercidas por outras pessoas, podendo citar, entre outras, Heculano Flores, Diogenes Pereira, José Damasceno; Que, quando vae ficando em tranze, isto é, quando della se vem apoderando esta especie de inervação de seu corpo e perda dos sentidos, vê, claramente, com os seus olhos abertos, uma varzea muito grande e limpa, onde pessôas do outro mundo se encontram chegando mesmo a verificar a presença, alli, de alguns conhecidos seus, já mortos, mas, nada ouve a não ser uma campanhia que lhe sôa aos ouvidos, factos esses que são o prenuncio, como disse, do estado de torpôr ou mesmo de insensibilidade absoluta em que minutos depois, cahe e sob o qual dizem fallar ella em nome dos espiritos cousas de que, depois, em seu estado normal não tem ciencia; Que, de facto, tem sido procurada por varios doentes de molestias curaveis e incuraveis, na opinião dos medicos, mas que ella declarante não garante a nenhum delles a cura de suas molestias; Que esses doentes, apesar dessa sua declaração, se deixam ficar na "Lagôa" e por ocasião das conferencias della, declarante, pedem elles aos espiritos que ella encarna os remedios precisos para seus males, remedios esses que são receitados pelos espiritos escripta as receitas por Alfredo dos Santos que depois as entrega aos doentes; Que não é verdade o facto de dizer-se que a população da "Lagôa" a obedece cegamente, pois, se assim fosse, não teria ella desobedecido as suas ordens por occasião da chegada do contingente da Força Publica que alli foi effectuar uma diligencia, que hoje sabe ser a da sua prisão e de outras pessôas; Que as primeiras casas de telha dos romeiros edificadas na "Lagôa" foram as de Alfredo dos Santos, Firmino e Antonio da Silva Moreira; Que as pessoas (p.52-A) que vê na varzea a que se referiu têm um todo diferente das da Terra, pois são, de ordinario, bastante alvas e trajam-se de modo diverso dos deste Mundo; Que não aconselhava o não pagamento de impostos, antes, esforçava-se para que todos os pagassem, estando mesmo resolvida a contribuir por aquelles que não o fizessem e para esse fim ja tinha em uma valize a importancia de um conto e quinhentos mil reis; que esse dinheiro obteve vendendo seus animaes que possuia por lhe os haver dado sua avó materna, venda essa que fez ao seu proprio pae, Benedicto Cypriano Gomes; Que estava na "Lagôa", quando lá chegou o contingente da Força Publica e que, por vezes, procurou dirigir-se, sozinha, ao encontro dos primeiros seis membros dessa Força, mas que o povo que se achava na Lagôa a obstou, sempre, de realizar esse seu intento, pois, sabia que a procuravam e deseja entregar-se, logo, à prisão; Que as pessôas a que se referiu não só a impediam de ir ao encontro dos emissarios da Força, como ainda dispararam tiros contra esses mesmos emissarios, donde resultou a resistencia, digo, a acção da Força Publica, em virtude da qual vieram a morrer seu tio José Cypriano Gomes e José Bello da Silva e outros cujo nome ignora; Que entre os individuos que mais desejavam resistir à Força Legal, estavam Honorio Lemos, mais conhecido por Honorinho, Victor, Manuel Rosa e seu tio José Cypriano Gomes, sendo que deste ultimo chegou ella, declarante, a tomar o revolver que entregou a um velho, mas que José o retomou e lembra-se, tambem, de haver entre outros armas que tomou, tomando um revolver de Honorio Lemos, que queria oppor resistencia à Força, revolver esse que entregou à mulher de Joaquim dos Reis, não sabendo, porém, se Honorinho chegou a atirar contra a Força; Que houve um defloramento na pessoa da menor Anna, filha de Antonio da Silva e de dezoito a dezenove annos de idade, na "Lagôa", dizendo o povo, em geral, que Jacyntho Cypriano Gomes, tio della, declarante, é o autor desse crime; Que não exigia presentes nem dinheiro de pessoa alguma na "Lagôa", mas que, expontaneamente, alguem, às vezes, a presenteava com um corte de vestido ou outra causa e que na sua viagem para Goyaz o sr. Chico de Sá — coronel — lhe deu, em dinheiro, quinhentos mil reis, também expontaneamente (...) Em tempo — Que depois da noite em que presumi ter sido deshonestada por Manuel José Tores, vulgo Coxeado, facto esse que ocorreu a uns dez dias, mais ou menos, não teve mais manifestação nenhuma daquelles phenomenos de que era possuida e não pode mais realizar suas conferencias e nem mais entrou naquelles tranzes (...) Em tempo — A declarante disse ainda que o facto a que acabou de se referir no tocante a sua virgindade, ocorreu quando ella estava dormindo e contra a sua vontade..." (p. 50-A a 53-B)

Destacamos dois momentos desse discurso de santa Dica de forma a corroborar um questionamento que iremos levantar.

Em determinado trecho de seu depoimento, santa Dica denuncia, com todas as palavras necessárias para se fazer compreender, ter sido vítima de um estupro. Que consequências traz essa revelação para o Processo? **Nenhuma**, pois o estupro está na ordem desses discursos, como já apontamos anteriormente.

O discurso jurídico continua a construir-se como se essa denúncia jamais estivesse sido formulada. Ignora-se por completo sua existência. Com esse ato, **silencia-se** a fala de santa Dica, a respeito de uma violência da qual foi vítima. Entretanto, quando há denúncia de defloramento na Corte dos Anjos, isto é utilizado como argumento contra ela.

Em outro trecho, santa Dica justifica a invasão de sua Comunidade pelas forças policiais, afirmando ter sido impedida de se entregar à prisão por seus seguidores, corroborando a verdade oficial de que aquela teria sido uma "ordem perfeita". De novo perguntamos: qual a repercussão de sua fala? Mais uma vez constatamos: **nenhuma.** O ■

NOTAS

(1) **Processo** nº 651, maço 9 — Cartório do Crime — Pirenópolis — Goiás.
(2) A citação é de Tertuliano, um dos Doutores da Igreja e, é encontrada em:
De cultu feminarum, em **Corpus christianorum,** série latina, obras de Tertuliano, I, p. 343. Citado por: Jean Delumenau — op. cit — 316.
(3) Gasté — **Michel Ménot: en quelle langue a-t-il prêché?**..., Caen, 1879, p. 24 e 25. Citado por: Jean Delumenau — op. cit — p. 320/321.
(4) Cf. Jen Delumenau — op. cit — p. 321.
(5) Idem, ibidem, p. 323 (grifos nossos).
(6) O autor da citação e Odon, Abade de Cluny e foi extraída de:
Lefevre — **Historie mondiale de la femme,** II, Paris, 1966, p. 83. Citado por: Jean Delumeau — op. cit — p. 318.
(7) Spitzmuller — **Poésie latine du Moyen Age (III-XV siecle),** Paris, 1971, p. 617/621. Citado por: Jean Delumeau — op. cit — p. 326.
(8) Cf. Michel Foucault — A **Arqueologia do Saber,** 3ª ed, RJ, Forense Universitária, 1987, p. 137.
(9) As palavras são de Delumeau comentando trechos do **De planctu ecclesiae** — op. cit, p. 32.
(10) Parent — Auber — **L'almanach des mysteres de l'amour conjugal et de l'hygiene du Mariage** — Paris, 1851, p. 38. Citado por:
Thérese Moreau — "A Megera domada" in Nicole Czechowsky (org) — **A Fidelidade:** um horizonte, uma troca, uma memória — Série Éticas — Porto Alegre — L e PM, 1992, p. 39.
(11) **Le dictionnaire des scienses médicales (1858),** verbete "Continence". Citado por: Thérese Moreau — op. cit — p. 40.
(12) Sobre o discurso paranóico que buscou diabolizar a mulher, ver "Prefácio" de Carlos Amadeu Bynglon in: Sprenger e Kramer — **O Martelo das Feiticeiras** — Malleus Maleficarum — RJ, Rosa dos Tempos, 1991
(13) Com relação à questão da locura feminina, conferir in: Mª Clementina Pereira da Cunha. "Loucura, Gênero Feminino: As Mulheres do Juquery na São Paulo do Lúcio do Século XX". in Mª Stela Martins Bresciane (org) — **Revista Brasileira de História — A Mulher no Espaço Público** — vol 9, nº 18, SP, ANPUH, Marco Zero, 1989.
(14) Cf.Michel Foucault — **História da Sexualidade** — A vontade de saber — vol. I, 9ª ed, RJ, Graal, 1988, p. 99.
(15) Quanto a imagem da "mulher higiênica" conferir: Jurandir Freire Costa — **Ordem Médica e Norma Familiar** — 3ª ed, RJ, Graal, 1983.

* ELEONORA ZICARI BRITO é professora do CEUB e mestra em História pela Universidade de Brasília. Endereço para correspondência: SQN 402, Bloco K, Ap. 302 — Brasília-DF.

Sede da Fazenda Babilônia, antigo Engenho de São Joaquim, Fundada em 1800 e conhecida por todos os viajantes estrangeiros do Século XIX. Município de Pirenópolis - GO. Desenho de Fernando Madeira

Antigas fazendas do Planalto Central

LENA CASTELO BRANCO F. DE FREITAS

NANCY RIBEIRO DE ARAÚJO E SILVA

Em pesquisa que demandou mais de três mil quilômetros em viagens, as historiadoras resgatam os traços culturais e a tipologia de velhas fazendas do cerrado. Neste artigo enfatizam-se as fazendas do planalto brasiliense, entre elas a de Sobradinho e a fazenda Larguinha em Planaltina-DF.

O projeto intitulado FAZENDAS GOIANAS-ao qual se reporta o presente texto — teve início em 1987, com apoio da então Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e do CNPq. Tem por objetivos: contribuir para o conhecimento das fazendas antigas de Goiás e sua inserção no espaço geográfico e na paisagem local; resgatar a memória da arquitetura rural goiana e de suas técnicas construtivas; registrar a vida do homem na zona rural, bem como suas atividades econômicas e culturais, no período compreendido entre a "descoberta" das minas dos Goyazes (século XVIII) e a construção de Goiânia (ca. 1932).

A grande distância que separa Goiás do litoral, assim como as peculiaridades históricas do devassamento ▶

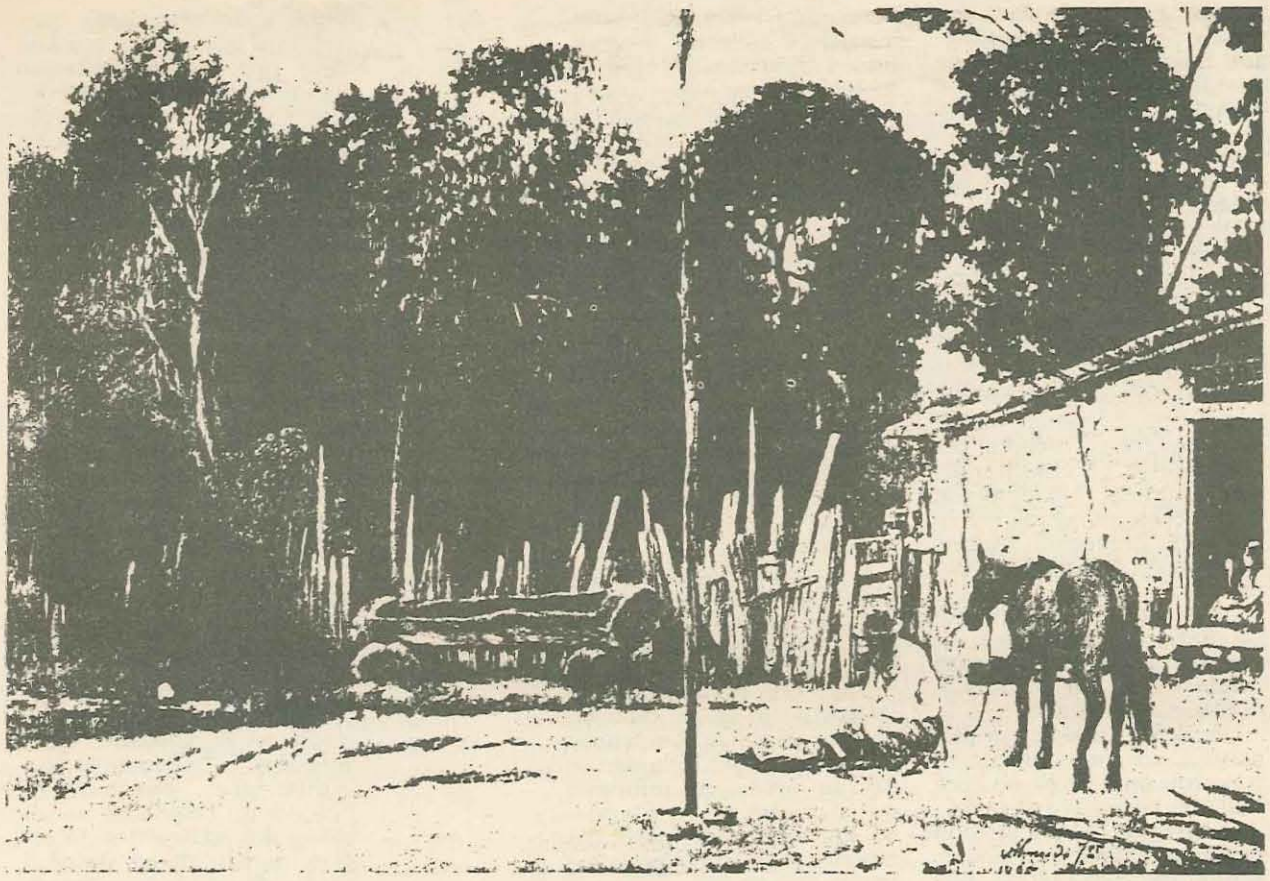
zes utilizando-se de materiais nobres — como as madeiras-de-lei — e revelando-se dotada de natural engenhosidade.

Quanto à localização das sedes, predominavam às preocupações com a proximidade da água, com a segurança e com a salubridade, variando a posição das edificações segundo a topografia do terreno.

A maior ou menor facilidade de acesso a caminhos e estradas determinaria a possibilidade de intercâmbio regular com a cidade ou vila próxima.

Constatou-se serem extremamente rústicas as fazendas mais isoladas, nas quais inexiste a utilização de materiais industrializados, ainda que a nível elementar.

De igual modo, a observação **in loco** indicou influências das características regionais — de São Paulo ou de Minas Gerais — sobre os padrões arquitetônicos e a distribuição das diversas edificações, sempre de acordo com a procedência dos fundadores das fazendas.



Paisagem rural - Quadro a óleo de Almeida Júnior (Séc. XIX - Museu Paulista)

Tipologia.

A partir de tais constatações, e tendo como pano de fundo a história regional, tornou-se possível esboçar uma tipologia preliminar das fazendas antigas de Goiás, a saber:

Quanto ao interesse histórico e documental, registram-se: a) Fazendas do ciclo do ouro, fundadas por bandeirantes paulistas e seus descendentes: documentam o período da ocupação e povoamento inicial da região. Desenvolviam atividades complementares da mineração, ou seja, agricultura e pecuária voltadas para o abastecimento das populações mineiras.

b) Fazendas da fase de tran[sição], surgidas ao longo do século XIX e início do século XX: apresentam características específicas, conforme a procedência dos que as constituíram. São representativas das correntes migratórias que demandaram Goiás nesse período, quando a mineração deixou de ser a principal atividade econômica da região, sendo substituída pela agropecuária.

c) Fazendas que marcam o princípio do processo de modernização de Goiás. As casas-sede dessas fazendas evidenciam influência urbana e são de construção dita "moderna", datando dos anos 30.

d) Chácaras localizadas na periferia das cidades. Apresentam características arquitetônicas diversificadas, sendo algumas delas indicativas da predileção de determinados segmentos das elites urbanas por residência situadas nos arrabaldes das cidades, o que lhes assegurava melhores condições de salubridade.

Quanto à localização na paisagem e no ambiente natural, encontraram-se três tipos: as Fazendas que se situam em região de matas e terras de cultura, voltadas para a agricultura e tendo a pecuária como atividade complementar; as Fazendas localizadas em campos e cerrados, com atividades predominantemente pastoris; e as chácaras existentes em áreas próximas das cidades, geralmente servidas por água abundante e solo humoso e fértil, com estilo de vida semi-urbano.

Quanto ao partido arquitetônico, localizaram-se dois tipos predominantes de casas-sede, quais sejam:

Alongada, com varanda posterior, semi-aberta, voltada para o quintal. Esse tipo predomina nas fazendas do século XVIII e início do XIX e inclui um quarto sem janelas, ou **quarto escuro,** situado no centro da edificação;

E Compacta, de dimensões acanhadas, erguida em terreno plano e apresentando distribuição irregular dos cômodos que dão acesso uns aos outros, sem áreas de circulação; típica de fazendas construídas por mineiros, no século XIX e princípios do século XX.

Do ponto de vista do estado de conservação que apresentam, as antigas fazendas visitadas agrupam-se em bem conservadas; razoavelmente conservadas; bem restauradas; em processo de degradação com casas-sede abandonadas.

Naquelas ainda habitadas, é elemento obrigatório o rego dágua; em algumas, também o monjolo, o forno de barro e o fogão de lenha. Menos frequente é o engenho de cana, com moendas de madeira movidas a tração animal ou a força hidráulica. Em uma única sede foi encontrado um engenho de serra. Em outras, um cruzeiro indicativo de fé cristã. Em uma terceira, um cemitério privativo, os rústicos túmulos cercados por muro de pedras brutas.

No Planalto Central foram identificados estabelecimentos rurais no Distrito Federal e em 4 municípios, a saber:

— Fazenda Sobradinho, na cidade satélite de Brasília, com o mesmo nome;

— Fazenda Paulista, em Luziânia;

— Fazenda Lagoa Bonita ou Larguinha, em Planaltina.

— Fazendas Bonifácio, Mariquita em Jaraguá, onde foram visitadas também a fazenda Rio Vermelho e a chácara da rua das Flores.

— Fazenda Araras, em Formosa. Nesta cidade foi possível obter informações sobre a Fazenda Bom Sucesso, referida como expressiva, mas cuja sede já não mais existe.

A esse universo, some-se Fazenda Babilônia situada no município de Pirenópolis e estudada por uma das pesquisadoras, conforme livro publicado anteriormente (COSTA 1978).

O estudo preliminar dessas fazendas tornou possível classificá-las de acordo com a tipologia ensaiada, a saber:

a) Fazendas do ciclo do ouro — nessa primeira fase do projeto não foi possível visitar, na região do Planalto, fazenda que remontasse ao Século XVIII. As pesquisadoras foram informadas da existência da Fazenda Barreiro (município de Luziânia), fundada no Século XVIII, cujas terras foram loteadas, conservando-se a casa-sede antiga. De igual modo, a Fazenda Riacho Frio, no mesmo município, tem sua história vinculada aos bandeirantes. Deverão ser percorridas durante a execução da segunda fase do projeto.

b) Fazendas da fase de transição do ciclo de mineração para o de economia agropastoril: Sobradinho (Distrito Federal); Mariquita e Bonifácia (Jaraguá); Paulista (Luziânia); Araras (Formosa) e Babilônia (Pirenópolis). Esta última apresenta a singularidade de ser estabelecimento rural voltado para a agricultura de exportação, com o cultivo do algodão, em larga escala.

c) Fazenda que testemunha o princípio do processo de modernização de Goiás: Lagoa Bonita (Planaltina). A Fazenda Rio Vermelho (Jaraguá) data dos anos 40 e apresenta traços de influência norte-americana, refugindo contudo à delimitação cronológica e histórica do presente trabalho.

d) Chácaras localizadas na periferia: Rua das Flores (Jaraguá), não estudada, porém, em razão das reformas nela efetuadas e a feição nitidamente urbana que hoje apresenta.

Todas as fazendas do Planalto Central, visitadas pelas pesquisadoras, situam-se em região de campos e cerrados, algumas apresentando remanescentes de mato grosso, bem como de matas ciliares.

Do ponto de vista do projeto arquitetônico das casas-sedes estudadas, foram encontrados exemplares do tipo alongado (influência paulista), nas fazendas Paulista e Babilônia; e do tipo compacto (influência mineira), nas fazendas Sobradinho, Mariquita, Bonifácio e Araras.

Como exemplar atípico, deve ser referida a Fazenda Lagoa Bonita (Planaltina), que reproduz elementos arquitetônicos e materiais construtivos empregados nas primeiras residências erguidas em Goiânia, ao tempo da mudança da Capital, contemporâneas da construção da casa-sede em questão.

Em linhas gerais, as fazendas percorridas tiveram (e têm), atividades mistas, de agricultura e de pecuária, com o predomínio de uma ou de outra. Do ponto de vista do estado de conservação, apresentam-se como bem conservadas: Mariquita e Bonifácia (Jaraguá); e Lagoa Bonita (Planaltina); razoavelmente conservada a da Babilônia; bem restaurada: Sobradinho, em duas das suas sedes, como se verá a seguir; em processo de degradação a Fazenda Paulista (Luziânia); e com casa-sede abondonada a Fazenda Araras (Formosa).

A FAZENDA SOBRADINHO

Uma visita, ainda que breve, a essas fazendas antigas do Planalto Central, possibilitará conhecê-las melhor, em algumas das suas características. O acesso às mesmas raramente dá-se por estrada asfaltada. Mas é compensador enfrentar a poeira ou a lama dos velhos caminhos que têm nomes tão sugestivos: "estrada salineira", "estrada boiadeira"...

— **Fazenda Sobradinho** — localizada na cidade-satélite do mesmo nome, pertenceu a um dos fundadores de Planaltina, bisavô dos proprietários que a venderam — ou tiveram parte das terras desapropriadas — quando da construção de Brasília. As terras foram divididas entre os herdeiros: há 3 casas bem próximas umas das outras, sendo que na sede, maior e mais antiga, residia o casal, morando os filhos casados nas demais.

Essas edificações localizam-se em um vale, na estrada que vai para a Fercal. É região muito irrigada, com córregos, regos d'água e minas que descem dos morros circundantes.

A terra é fertil, existindo nos quintais grande quantidade e variedade de frutas, com destaque para jabuticabeiras e mangueiras.

O nome da fazenda é explicado como sendo alusivo a um posto de compra do ouro que vinha das minas de Natividade, Crixás, etc. Esse posto ficaria em um sobrado de taipa, à margem do córrego também batizado por Sobradinho.

Outra versão informa que o primeiro dono da fazenda fez plantar um cruzeiro em suas terras e, em um dos braços da cruz, um joão-de-barro construiu um ninho duplo, um "sobradinho". Vale notar que em mapas antigos está assinalado o local denominado "Sobrado", nessa mesma região.

Na fazenda predominavam atividades de pecuária extensiva. Ao lado da casa-sede erguiam-se edificações que abrigavam alojamentos para tropeiros, quartos que eram alugados, uma vez que a "estrada salineira" passava no espigão no morro que se ergue em frente.

Foi possível encontrar vestígios de muros de adobes que indicam o local onde se ergueriam, possivelmente, tais alojamentos.

A Fazenda Sobradinho era auto-suficiente, produzindo todo o necessário para o consumo, com exceção do sal e do trigo. As mulheres fiavam a lã e o algodão produzidos no local, para a con-

fecção de roupas, segundo relata a atual proprietária de uma das frações em que se dividiu a gleba.

Vindo para Brasília nos primeiros anos da Nova Capital, informa ela que as terras que adquiriu diretamente dos antigos donos têm titulação muito antiga inclusive registro paroquial. Lembra-se de que, algum tempo depois da inauguração de Brasília, ainda havia onças na região, e se refere à existência do Brejo do Lobo, em local próximo, onde viviam lobos-guarás.

Moradores da região gostam de contar que a Coluna Prestes esteve na Fazenda Sobradinho, quando requisitou todos os cavalos. Os soldados sangravam os animais cansados em que viajavam, para que não servissem aos legalistas que os perseguiam. Consta que ainda é possível encontrar balas de rifles, em diferentes pontos da fazenda.

A área em que se localizava a sede foi vendida em 1962, e revendida posteriormente, em parte, para um diplomata, que a mantém como chácara de lazer.

Das informações colhidas junto aos atuais proprietários de frações da gleba original, sabe-se que os antigos donos eram extremamente pobres. A casa-sede tinha paredes de taipa e adobes, sendo o forro da palmeira buriti.

No centro da edificação, do tipo compacto e de influência mineira, havia **quarto escuro** — "sem barulho, sem mosquito e sem claridade". Esse cômodo foi eliminado quando da primeira reforma feita no imóvel, ocasião em que foram também colocadas, entre a sala e a varanda, gelosias trazidas de Paracatu.

O mobiliário era rústico. Havia uma tulha de madeira no **puxado,** para guarda de cereais; de dimensões avantajadas, comportaria três adultos.

Deve ser lembrado, outrossim, o **banco dos mortos**: um banco tosco e de assento mais largo do que o comum, que ficava à porta da casa. Quando morria alguém da família, era colocado sobre o banco, para ser velado.

Da velha casa, resta o "tacho de banho", usado por gerações da família. É uma bacia de cobre, com cerca de 80cm. de diâmetro, com friso trabalhado na borda.

Próximo à casa-sede, havia um palheiro onde viviam três "bobos" (mentecaptos), os quais eram cuidados pelos parentes. Os casamentos consaguíneos repetiram-se em sucessivas gerações, o que teria provocado muitos casos de retardamento mental.

Com o desmembramento da gleba em três lotes, os proprietários resolveram vendê-los, a fim de mudarem-se para a cidade.

Um deles fixou-se em Planaltina, em cujos arredores comprou uma pequena área e ali vive do cultivo da terra.

O segundo adquiriu uma casa em Planaltina e conservou parte das terras, nas quais tem enfrentado problemas com posseiros. Dos seus dois filhos, um é empregado da Prefeitura, como varredor de ruas, usando o uniforme da categoria. O outro trabalha como peão em uma chácara situada em terras da antiga fazenda Sobradinho. "Cheio de suscetibilidades, o que é natural", informa sua empregadora.

O último dos herdeiros e sua mulher desfizeram-se das terras e foram residir na cidade-satélite de Sobradinho. Um dos seus filhos é formado em Economia. Uma filha casou-se com um comerciante próspero; a outra mora com os pais, em depósito de material de construção.

A antiga sede chama-se, atualmente, Moenda Velha. Foi restaurada e, em boa parte descaracterizada, com acréscimo de churrasqueira, vestiários e outras comodidades próprias de chácara de lazer. Como elemento decorativo, ao lado da casa há, efetivamente, um antigo engenho de madeira, sob uma cobertura de sapê. Pertenceu aos ex-donos da área contígua, que era parte da fazenda Sobradinho.

Hoje desapropriada, foi arrendada pela Fundação Zoobotânica sendo também utilizada como chácara de lazer, inclusive com a construção de nova sede. A velha casa, pequena e simples, estava mal conservada e bastante estragada, servindo de moradia para empregados, quando da visita das pesquisadoras.

A terceira das casas antigas existentes em terras da fazenda Sobradinho pertence a um empresário de Brasília, que possui 127 ha. de terras e cria cavalos mangalarga em um haras. Informa ele que a data da construção da casa é 1 886. Nela não se fizeram quaisquer reformas ou acréscimos, mantendo-se, em sua maior parte, os materiais e técnicas construtivas originais.

De dimensões modestas, tem 5 cômodos; o estado de conservação é excelente. A cobertura é de telhas-canal, autênticas; as paredes são em adobes e tijolos. O forro é de esteiras de buriti. Portas e janelas são cegas, em madeira, com folha única e pintadas de azul. No piso, as tábuas corridas foram substituídas por cerâmica.

Há rego d'água no quintal, que é magnífico, com 160 jabuticabeiras, mangueiras, jambeiros, jenipapeiros, laranjeiras e outras árvores frutíferas de grande porte e beleza. O atual proprietário mora no local e ergueu, em área próxima, uma bela casa rústica às margens de uma represa. A sede antiga foi reservada para servir de escritório de suas diversas empresas.

A visita à fazenda Sobradinho e às três casas que serviram de moradia aos antigos proprietários suscita algumas questões interessantes. Dentre outras, avulta o impacto da construção de Brasília sobre a cultura e o **modus vivendi** das populações radicadas no Planalto Central.

Tem sido afirmado, como verdade inquestionável, que a transferência da Capital para o Centro-Oeste resultou em progresso e melhoria das condições de vida dos habitantes dessa região. Quanto ao progresso entendido este como adensamento da população, urbanização e melhoria da infra-estrura de energia, comunicações e vias de transporte — não há como negar que o advento de Brasíra mudou substancialmente a economia, a paisagem humana e o ambiente natural do Planalto.

Do ponto de vista das melhorias de condições de vida, também é verdade que, vencidos o isolamento e a indiferença governamentais, foram colocados ao alcance dos habitantes da região oportunidades de educação, de saúde e de trabalho até então inexistentes.

Há a considesar, todavia, que dada a própria fragilidade da cultura e das mentalidades, cristalizadas no tradicionalismo e na inércia, muitos não atinaram sequer para a existência dessas oportunidades.

Aos construtores da Nova Capital terá faltado sensibilidade para perceber e equacionar o drama dessas pessoas que, inseridas em uma cultura agrária e despojadas de informações mínimas, viram-se engolfadas pela dinâmica do capitalismo e da especulação imobiliária.

O caso dos descendentes do fundador da fazenda Sobradinho é exemplar: os três irmãos tiveram suas terras desapropriadas ou as venderam — talvez premidos pelo receio de as perderem inteiramente — na esperança de mudarem-se para a cidade e assim "melhorarem de vida".

Os conhecimentos e a bagagem cultural que lhes permitiam satisfazer suas necessidades mínimas no meio rural, como proprietário e fazendeiros, pouco ou nada significavam no meio urbano e sofisticado da Nova Capital.

Um deles tornou-se sitiante em Planaltina, com **status** social inferior e em igual ou pior situação finaceira. Seus filhos pouco avançaram, em termos educionais, já que um deles é varredor de rua e o outro emprega-se como peão de chácara em terras que pertenceram aos seus antepassados.

O segundo dos irmãos adquiriu casa na cidade-satélite de Sobradinho e, certamente pensando em beneficiar-se da valorização das terras, conservou parte destas. Foram as mesmas invadidas por posseiros: em 1988, decidira vendê-las para, com o dinheiro apurado, pagar honorários de advogados.

O último já não possui terras e vive com a mulher em situação de dependência em relação ao genro, um dos numeríssimos imigrantes nordestinos que afluíram para Brasília. Estabeleceu-se ele com uma firma de pneus inicialmente modesta, mas que adquiriu porte razoável, permitindo-lhe comprar imóveis e outros bens. Assim, terá sido por vias indiretas — ou seja, através do casamento de uma das filhas — que o casal de ex-fazendeiros logrou alcançar melhores condições de vida, à custa do sacrifício da independência econômica.

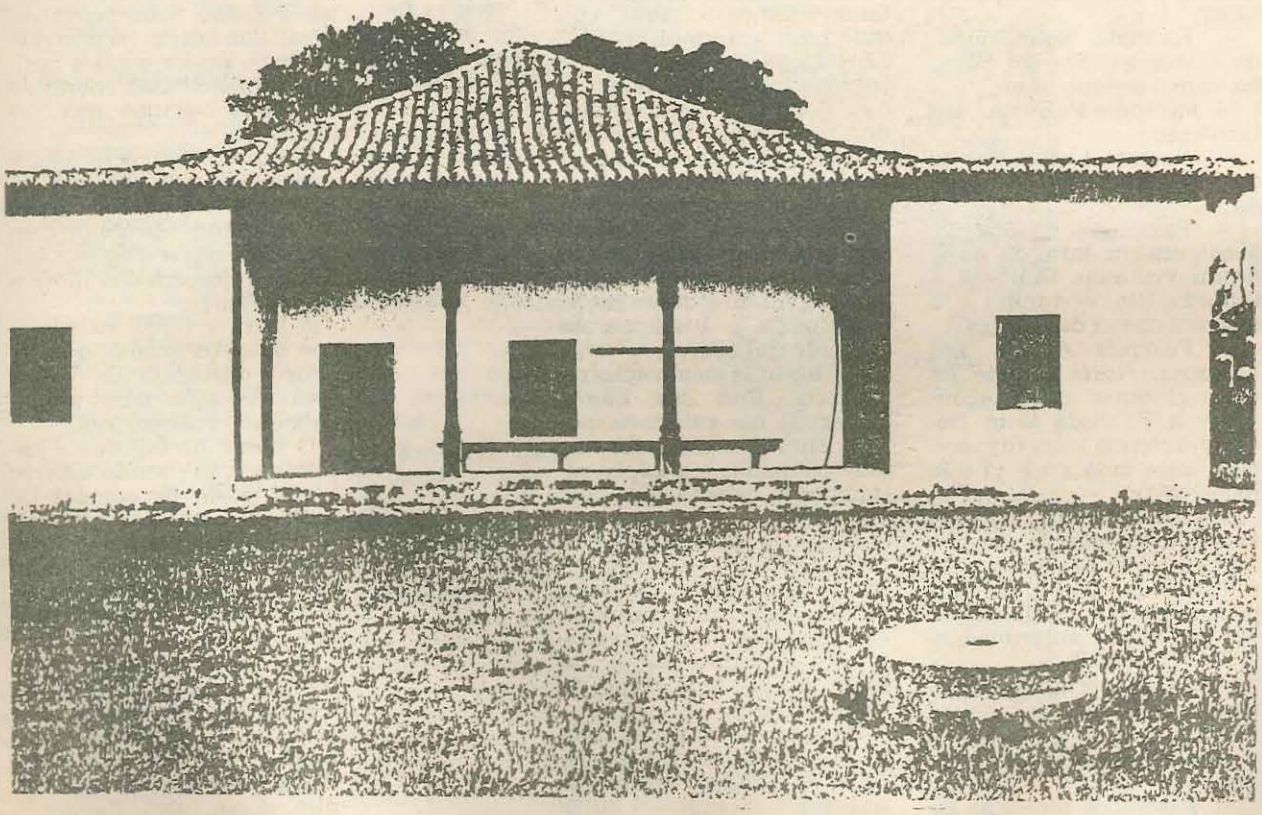
Como ponto positivo, deve-se destacar a formatura de um dos seus filhos como economista, o que lhe terá possibilitado melhor inserir-se no meio urbano de Brasília.

De outra parte, vale refletir sobre a destinação da casa da fazenda Sobradinho I para o lazer; da Sobradinho II para escritório de empresas e da Sobradinho III para moradia de empregados. Não se questiona a utilização das mesmas, até porque, se fechadas e abandonadas, certamente se arruinariam. Constata-se todavia, no primeiro caso, a reforma e descaracterização parcial da edificação e, no último, o desinteresse e consequente degradação.

Constuindo-se em exemplares centenários remanescentes da cultura agrária anterior à construção de Brasília, casas-sedes desse tipo deveriam ser alvo de uma política que valorizasse o esforço preservacionista, inclusive com orientação e assistência técnica adequadas.

Mecanismo de incentivo à preservação e restauração de bens culturais deveriam premiar os proprietários que, como no caso da Sobradinho II, cuidasse de manter e valorizar as características arquitetônicas das edificações. Bem como a paisagem natural e a cobertura vegetal do seu entorno.

Nesse sentido, a Fundação Cultural do Distrito Federal poderia atuar de maneira paradigmática, até como ressarcimento dos danos inevitáveis, certamente advindos para os antigos habitantes da região, do ponto de vista do impacto cultural e social provocado pela transferência da Capital para o Planalto Central.



Exemplo típico da casa de fazenda dita paulista ou bandeirista. Sítio do Padre Inácio, Cotia,SP - Século XVI

A FAZENDA PAULISTA EM LUZIÂNIA

— Fazenda Paulista — localizada no município de Luziânia, a 32 Km da cidade que é um dos mais antigos núcleos urbanos de Goiás, figurando nas descrições de viajantes e cronistas, bem como nas cartas e mapas antigos.

A fazenda foi fundada em 1850, aproximadamente, pelo avô dos atuais proprietários, quatro irmãos solteiros, de idade avançada. Compreende 200 alqueires goianos, ou seja, 968 hectares. Situa-se em região fértil, com terras de cultura banhadas por três córregos. O proprietário não soube — ou ▶

não julgou interessante informar sobre a origem da gleba.

O nome — Paulista — refere-se à naturalidade de um empregado que trabalhou para o pai dos proprietários, durante muito anos.

As atividades desenvolvidas privilegiavam a agricultura e a pecuária extensivas. A auto-suficiência da fazenda completava-se no cultivo da cana-de-açúcar, com o fabrico de rapadura e açúcar de forma.

A sede, erguida em uma clareira ampla, delimitada por matas, compreende seis edificações: casa de morada; paiol; chiqueiro; casa das fornalhas de sabão; engenho e conjunto de fornalhas e tachas de açúcar; casa de hóspedes. Havia também um monjolo, abandonado e substituído por triturador a gasolina.

A casa-sede é ampla, do tipo alongado (influência paulista) com varanda voltada para um pátio interno, separado do pomar por muro de pedras frias. Compreende seis quartos de dormir e um "quarto escuro", sem janelas, com uma única porta de acesso através da varanda.

As explicações obtidas sobre a utilização desse quarto indicam que o mesmo destinava-se à guarda de valores da família, sendo ocupado, via de regra, pelo casal de proprietários da fazenda. Uma segunda versão diz que era habitado pelas donzela da casa; outros informam ser esse cômodo reservado para as mulheres paridas e seus filhos recém-nascidos. Atualmente, destina-se à guarda de arreios e tralhas diversas.

Fizeram-se alguns acréscimos e modificações na planta original da casa-sede: a cozinha, com fogão de lenha, foi transferida para o [illegible] da antiga despensa, substituindo-se o piso da terra batida por tijolos rejuntados com cimento. Ao lado, construiu-se uma cobertura para fornalhas onde se ferve a água destinada à limpeza dos porcos abatidos, bem como ao apuro do picinho para obtenção da banha (gordura).

A varanda de jantar interliga-se com a copa; nesta, uma das janelas abre-se para um grande jirau, à altura do peitoril, no qual são colocados pratos, panelas e outros utensílios para secar.

As edificações primitivas foram erguidas com adobes e taipa de pilão ou sopapo. São muito rústicas, com esteios e baldrames de aroeira, vigas de madeira roliça não aparelhados, portas e janelas cegas, de folha única, maciças. pintadas de azul, com dobradiças de ferro batido.

No engenho há moendas de madeira (deterioradas) que vertiam o caldo da cana por canaletas, igualmente de madeira. Estas convergiam para a casa das fornalhas e tachas, localizadas "na rexa", onde se processava o melado. Ao lado, formas para a rapadura, em madeira maciça, sobre suportes feitos com adobes. O engenho é do tipo **almanjarra**, tocado por bois, semelhantes a ilustrações do século XVII, reproduzidas por Franginals, em sua obra clássica (FRAGINALS, 1987).

O mobiliário é extremamente tosco, ao que parece feito na própria fazenda, por artesãos locais: catres que têm como estrado tiras de couro trançadas, sobre as quais estendem-se colchões de palha de milho; enormes tulhas para guardar cereais; mesas de madeira maciça, com gavetas de fechadura; armário embutido na varanda; banca de fazer queijo; banco de potes para água, etc. Na cozinha, há panelas de ferro, tachos de cobre, canecos de alumínio e outros utensílios típicos do meio rural.

O pomar contém grande número de fruteiras variadas, algumas centenárias. Nele, corre um rego dágua, que passa pelo engenho de cana e pelos vestígios do antigo monjolo para, em seguida, servir à casa-sede.

A iluminação ainda é feita com lamparina de querosene e um aladim, motivo de orgulho de um dos moradores que o exibiu às pesquisadoras. Em todo o conjunto ficam evidentes as dificuldades enfrentadas pelos proprietários que vivem inteiramente isolados do meio urbano, imunes a quaisquer inovações. Somente o mais velho dos irmãos vai esporadicamente a Luziânia, não deixando de fazê-lo por ocasião de eleições, quando cumpre convictamente seu dever cívico.

A fazenda Paulista é exemplar expressivo de estabelecimento pioneiro, que se manteve íntegro até meados do presente século. Com o envelhecimento de seus proprietários e, igualmente, com a marginalização destes no processo modernizador desencadeado por Brasília, a fazenda encontra-se em vias de arruinamento. É interessante registrar que até os anos 50 o estilo de vida, no meio rural goiano, pouco diferia daquele predominante ao longo do século XIX, como evidenciam os equipamentos, mobiliário e utensílios existentes na Paulista.

Fazenda Lagoa Bonita, em Planaltina

Fazenda Lagoa Bonita — está situada no município de Planaltina, em região de cerrado típico do Planalto Central, com altitude elevada. Localiza-se nas proximidades da reserva natural de Águas Emendadas, onde se encontram nascentes de cursos d'agua que integram as três maiores bacias hidrográficas brasileiras: a Amazônica, a do Prata e a do São Francisco, representadas por diversos rios e ribeirões que a intercorrem. A fazenda está próxima da BR-020, que segue de Brasília para Formosa (GO) e Barreiras (BA).

Compreendia duas glebas de terras — Lagoa Bonita e Mestre d'Armas, adquiridas pelo Dr. Hosannah Guimarães em 1929/1930. São glebas com documentação muito antiga, provenientes de sesmarias; os atuais donos possuem toda a cadeia dominial.

A propriedade é mais conhecida pela nome de Larguinha do Dr. Hosannah. Larga é uma área plana, delimitada por acidentes naturais; no caso, não sendo muito extensa, prevaleceu a denominação Larguinha. Tem como divisas os córregos Fumal, Monteiro, Mestre d' Armas e a reserva de Águas Emendadas.

Originalmente, a Larguinha compreendia 300 alqueires goianos, ou seja, mil 452 hectares. Foi dividida entre os quatro filhos dos primeiros proprietários; a sede pertence atualmente às duas filhas do casal.

Planaltina situa-se próxima a Formosa, a antiga vila Formosa dos Couros, que cresceu da desativação das minas de Cavalcante e Natividade. Ali se desenvolveu desde os primeiros tempos a criação de gado e Formosa tornou-se em entreposto de venda para os mercados do Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo. A região é ponto de confluência entre o Sudeste e o Nordeste, recebendo imigrantes fugitivos da seca.

A atividade predominante na Larguinha sempre foi a criação de gado vacum e cavalar. Ali foram introduzidos o gado zebu e cavalos de raça, sendo das primeiras fazendas goianas a fazê-lo. Atualmente, desenvolve pecuária de leite, em pequena escala.

A paisagem da região é típica do cerrado. No entorno da casa-sede há árvores frondosas (ficus) provenientes de mudas que foram doadas ao proprietário pelo Diretor do Horto Florestal de Goiânia, em 1949.

O Dr. Hosannah Guimarães, fundador da fazenda, é médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu em Planaltina e para lá regressou, depois de formado, passando a exercer a profissão, sem cobrar honorários.

Filho de fazendeiros, tornou-se também fazendeiro. Ingressou na política, durante o Estado Novo, como elemento de conciliação entre famílias rivais, exercendo o cargo de Intendente (Prefeito) de Planaltina. Em 1946, foi eleito Vice-Governador de Goiás, na chapa de Coimbra Bueno. Quando este licenciou-se para disputar o Senado, assumiu o Governo do Estado.

Em 1948 — quando era Vice-Governador — o Dr. Hosannah teve como hóspede, na Larguinha, a Comissão comandada pelo general Poli Coelho, que veio ao Planalto Central com o objetivo de estudar a melhor localização para a futura Capital: se em Paracatu, se em Araguari, ou se na região demarcada pelo Quadrilátero Cruls, nas proximidades de Planaltina.

Para receber a Comissão, foi construída uma pista de aterrissagem próxima à cidade e instalada uma estação de rádio na Larguinha. A Comissão veio em dois aviões e hospedou-se, por duas ou três vezes, na fazenda, onde havia mais conforto do que nas casas da cidade.

A sede da Larguinha foi construída aproximdamente em 1934. Compreende a casa-sede, paiol, curral, silos e casa de caseiro. A casa-sede denota influência francesa, assemelhando-se a fachada às dos pequenos **chalets,** erguidos nas ruas 19 e 20, quando da construção de Goiânia. O telhado é movimentado; apresenta cobertura de telhas de barro, do tipo canal, que substituiram as primitivas, de fabricação artesanal, maiores do que as atuais.

O projeto arquitetônico da casa-sede é tipicamente urbano. Todos os cômodos são pequenos, se comparados aos padrões vigentes na maioria das fazendas goianas. A sala da frente servia de sala de espera; no compartimento contíguo funcionava o consultório médico.

A casa-sede da fazenda Larguinha (Lagoa Bonita) é exemplar de uma fase de transição entre o tradicional e o moderno. Foge aos padrões regionais — a casa, pequena, tem confortos que somente algumas décadas depois chegariam às pequenas cidades de Goiás. De outra parte, a associação do exercício de profissão liberal com a política e com as atividades rurais merece ser estudada, pois irá generalizar-se em Goiás, a parti das década de 40 e 50.

O partido arquitetônico da casa-sede é tipicamente urbano. Todos os cômodos são pequenos, se comparados aos padrões vigentes na maioria das fazendas goianas. A sala da frente servia de sala de espera; no compartimento contíguo funcionava o consultório médico.

As paredes são de alvenaria de tijolos. A sala e os quartos têm tábuas corridas, em duas tonalidades, produzindo um belo efeito. Portas e janelas (venezianas) têm folhas duplas e receberam pintura na cor **grenat**. Há vitraux no banheiro e na cozinha.

Na cozinha, há uma barra lisa, com pintura a óleo; junto a uma das paredes, vê-se um fogão caipira, de modelo mais elaborado do que a usual, com forninho e chaminé. Sobre o mesmo, uma serpentina com encanamento para água quente. Ao ser construída, a sede dispunha de energia elétrica, proveniente de gerador, e água encanada, canalizada de nascente próxima. ■

Engenho de Mandioca Quadro a óleo de M. Brocos (Séc. XIX - Museu Nacional de Belas Artes)

* A profª Lena Castelo Branco F. de Freitas é doutora em História Social pela USP. A profª Nancy Ribeiro de Araújo e Silva é mestra em História e professora da UFG. Endereço para correspondência: SQN 306, Bloco J, Ap. 404.
70.742-100 — Brasília-DF.

Fronteira em movimento: a Amazônia no século XIX

VALÉRIA CARVALHO
Universidade de Brasília

A criação da Província do Amazonas em 1850 deslanchou rapidamente a expansão brasileira no Norte e no Noroeste da Amazônia. Neste artigo a profª VALÉRIA CARVALHO mostra os traços gerais dessa expansão e os movimentos iguais e contrários empreendidos pelo Peru, Bolívia, Venezuela e Colombia na conformação das lindes Amazônicas.

RÔMULO ANDRA

O deslocamento interno da fronteira na Amazônia brasileira, em direção ao norte e noroeste amazônicos, começou a ampliar-se a partir da década de 1850. O crescimento paulatino da borracha determinou a ocupação de novas áreas e repercutiu sobre toda a vida social da região. A nova direção da economia foi acompanhada por decisões político-administrativas, tanto do governo central quanto dos governos regionais, que vieram a caracterizar uma superação da tradicional organização sócio-política herdada da época colonial.

Foi a partir desse momento que a Amazônia começou a integrar-se de maneira mais concreta na construção do Estado nacional brasileiro. A expansão da economia possibilitou a soberania territorial sob o espaço amazônico, já delineado pela política portuguesa, e enfatizou sua importância internacional.

Neste movimento de ampliação da fronteira interna, colocou-se como questão básica a solução dos meios de transportes na região e o seu povoamento. A ação do Governo brasileiro no sentido da modernização da navegação fluvial permitiu consolidar alguns núcleos populacionais existentes e fixar outros. Na medida em que aumentava a demanda da borracha ocorria uma redistribuição setorial da mão-de-obra, determinando a passagem de uma política prioritariamente pautada sobre a população indígena para o incentivo à imigração.

Da mesma forma, foram estabelecidos os pontos básicos do comércio com os países vizinhos, núcleos que aticularam a possibilidade de uma fronteira viva em determinadas áreas.

A Amazônia após a Independência

A Amazônia brasileira, após o rompimento político do Brasil com Portugal, continuou a ter como base administrativa a Província do Pará e o atual Estado do Amazonas, constituía uma comarca sob sua jurisdição, denominada Rio Negro.

Na época da transferência da Corte portuguesa para o Brasil, a Amazônia encontrava-se numa fase de decadência econômica, originada por uma retração dos mercados consumidores do cacau, seu principal produto de exportação. Esta situação agravou-se com a instalação da Corte no país, quando a região se viu obrigada a um esforço de guerra na ocupação portuguesa da Guiana Francesa (1808-1817), o que também contribuiu para a recessão agrícola. As adversidades dessa economia dirigida ao mercado externo em retração não foram menos importantes que as disputas políticas decorrentes do processo de Independência.(1) A elite amazônica passou a indicar, neste momento, que o reerguimento de sua economia e a criação de condições de governabilidade dependiam de uma reorganização político-administrativa, de uma política de transportes e de uma redefinição do espaço político e econômico regional.

A consciência de que havia necessidade de uma redivisão territorial apareceu concretamente em 1826, através de um projeto para a autonomia da Comarca do Rio Negro. Esta medida era compartilhada por agricultores e comerciantes do Rio

A consciência de que havia necessidade de uma redivisão territorial apareceu concretamente em 1826, através de um projeto para a autonomia da Comarca do Rio Negro. Esta medida era compartilhada por agricultores e comerciantes do Rio Negro e políticos do Pará.(2) Em 1828, o presidente da Província, Paulo José da Silva Gama, Barão de Bagé, em ofício ao ministro do Império expôs a situação daquela comarca e sugeriu um governo separado do Pará, nos seguintes termos: "Esta Província do Rio Negro deve merecer a particular atenção do Ministro de Sua Majestade não só em razão dos meios que ela oferece para se tirar partido de suas grandes produções naturais como por ser a nossa fronteira nesta parte do Brasil com a República da Colômbia. Ela não pode absolutamente ser dirigida pelo Governo do Pará, o qual a quinhentas léguas de distância, nenhuma providência a propósito para ali dar, ou seja para sua defesa na guerra, ou para a sua prosperidade na Paz. O Rio Negro precisa sem dúvida de um governo separado."(3)

No momento em que surgiu a proposta de reorganização administrativa da Amazônia, a Província do Pará, como outras do Império, apresentava uma instabilidade política que, no presente caso, canalizou-se no movimento social da Cabanagem. A região esteve conflagrada praticamente durante quase toda a década de 1830 e somente em 1837 o governo central iniciou uma contra-ofensiva militar. No ano seguinte, foi instalada a Assembléia Provincial, que aprovou algumas medidas ainda tímidas para a recuperação da economia regional, como incentivos às firmas que instalassem a navegação a vapor. A falta de capital, no entanto, inviabilizou estas propostas.(4)

Após a Cabanagem, as povoações e áreas rurais encontravam-se arruinadas, não apenas pela falta de mão-de-obra mas, também, pela destruição das culturas e do gado. Estima-se que cerca de 30.000 pessoas morreram na guerra civil que dominou toda a região amazônica.(5) Entre as soluções para a sua recuperação voltou a ser debatido o problema da criação da Província do Amazonas.

Em 1839, foi apresentado um novo projeto à Assembléia Geral e o argumento daqueles que defendiam a sua criação, era o estado de decadência da região em comparação com o período colonial. Além disso, surgiu de forma mais clara a idéia de que a segurança e manutenção da soberania territorial brasileira na Amazônia relacionavam-se com a sua melhor administração. A expansão de ingleses e franceses no norte, a partir de suas colônias já estabelecidas na área, era uma das principais preocupações do proponente do projeto.(6)

A oposição ao projeto na Câmara dos Deputados, embora apontasse para a necessidade de uma nova divisão territorial do país, considerava a idéia prematura, pois as próprias condições da região não justificavam a medida. Indicava-se a falta de população, comércio e indústria e levantava-se o argumento de que a Comarca do Rio Negro não teria número suficiente de homens capazes para construir a Assembléia Provincial.

Entretanto, quatro anos depois de apresentado o projeto de criação da Província do Amazonas, este foi aprovado na Câmara dos Deputados, em julho de 1843. Contudo a medida só seria aprovada no Senado sete anos depois, em 1850, quando se apresentou uma conjuntura política e perspectivas econômicas que redirecionaram a posição do governo.(7) Esta e outras

medidas que seriam implementadas, em nível nacional e local, marcariam uma inflexão, a partir da década de 1850, na história da Amazônia brasileira, com as primeiras ações para a integração do espaço amazônico.

Primeiros passos na integração do espaço fluvial

Belém, que fora desde o período colonial o núcleo mais importante da Amazônia brasileira firmou-se, com a demanda externa da borracha, no papel de centro controlador da produção e comercialização, dentro e fora de seus limites territoriais. Por volta de 1851 a borracha perfazia quase a metade das exportações do porto de Belém. Os vapores da "Companhia do Amazonas", ligando Belém a Manaus a partir de 1852, veio a facilitar a expansão interior e novas povoações integraram-se ao comércio da borracha. Além dos antigos centros coloniais, como Santarém, Cametá e Obidos surgiram outros em muitos pontos dos trajetos dos vapores, devido à criação de portos para a tomada de lenha, pequenos núcleos para onde a população afluía para comercializar.(8)

A Província do Amazonas só foi atingida pelas repercussões econômicas da demanda externa da borracha no início da década de 1860. Quando foi instalada, em 1852, Manaus possuía quatro mil habitantes e a cidade, segundo o testemunho de Lourenço da Silva Araújo, constava de "uma praça e 16 ruas estreitas, e ainda por calçar e iluminar". (9) Tenreiro Aranha, primeiro governador da Província, comparou a situação em que encontrou a região com o período em que esta era apenas uma Capitania: "O algodão, o anil, o café, a mandioca e o tabaco tiveram cultura tal que dava para o uso e consumo, e sobrava para a exportação em grande quantidade (...) Agora o café, a mandioca, o algodão mal chegam para o consumo, e todos os outros gêneros e artefatos, a falta de cultura tem desaparecido (...)".(10)

Esta descrição de Tenreiro Aranha mostra um momento de crise da economia regional tradicional do Amazonas, que seria modificada alguns anos depois. Até 1850, a produção comercial da borracha esteve restrita a Belém e ilhas próximas. A partir daí, novas áreas foram atingidas na própria Província do Pará onde a extração do látex tomou a direção dos rios Xingú e Tapajós e encontrou maiores possibilidades na província do Amazonas, iniciando a ocupação dos rios Madeira e Purus. Essa expansão foi acompanhada por uma mobilidade intra-setorial da população ativa e uma redistribuição espacial da população empregada na coleta da seringa.(11)

Com a nova dinâmica da economia, imediatamente surge a necessidade de ampliar a oferta de mão-de-obra. A força de trabalho disponível, constituída basicamente pelos indígenas e raros escravos negros, em pouco tempo foi canalizada para a coleta da borracha. Com a instalação da Província do Amazonas ampliaram-se as políticas oficiais para incorporar os indígenas à nova atividade econômica. Os "descimentos" ocorriam tanto no País como em zonas não demarcadas das fronteiras. A base legal era o Regulamento de 1845, que em teoria e prática recuperava o sistema idealizado por Pombal, em 1755. A estratégia baseava-se no reforço militar dos pontos fronteiriços, no fomento das Missões e no trabalho compulsório dos indígenas em obras públicas, como o Forte de Cucuí. Em 1852, conforme o presidente da Província do Amazonas, encontravam-se instaladas, em precárias condições, cinco Diretorias de Índios e apenas três missões. Quatro anos depois, havia 24 Diretorias, abrangendo 24 aldeias e seis mil 748 indígenas aldeados. A "nacionalização" dos indígenas impunham-se não somente pela necessidade de mão-de-obra. Nesse sentido é ilustrativo o comentário do presidente da Província do Amazonas, Sinval Odorico de Moura, ao acentuar a vantagem do estabelecimento de missões do rio Purus. Segundo ele, "o resultado imediato seria termos um acréscimo de 12 mil produtores e mais tarde 12 mil defensores da fronteira".(12)

A captura de indígenas levou aos primeiros conflitos fronteiriços com as repúblicas vizinhas. O governo colombiano, em 1854, queixou-se do fato de que se faziam incursões no seu território pelo lado do Brasil. Segundo o Governo brasileiro, o encarregado da direção da aldeia dos índios de Japacoá, nas margens do Içá, atraiu alguns índios estabelecidos "no território que se reputa granadino". Esta questão não se limitou ao espaço interno. Através da Colômbia, atingiu também a outras repúblicas vizinhas. O fenômeno persistiu até o final do século sendo, inclusive, objeto de acordo entre os governos brasileiros e peruano, em 1891.(13)

O encontro das fronteiras

As relações comerciais entre os países hispano-amazônicos e o Brasil acompanharam o ritmo da demanda externa da borracha e, em menor grau, de outros produtos de extração vegetal e animal como a salsaparrilha, as peles de animais e a manteiga de tartaruga. A exportação de gêneros agrícolas, como o algodão e o tabaco, foi decrescendo, à medida que ampliava-se a exportação da seringa. Gradualmente o Brasil tornou-se a principal via de escoamento da produção do vale amazônico e as cidades de Belém e Manaus passaram a concentrar a maior parte das transações econômico-financeiras da região.

O estabelecimento de navios a vapor, integrando o Brasil aos demais estados amazônicos, incrementaria as relações e incorporaria, pouco a pouco, os núcleos de povoação destes países à economia gomífera. Em alguns trechos, articulava-se a possibilidade de formação de fronteiras vivas.

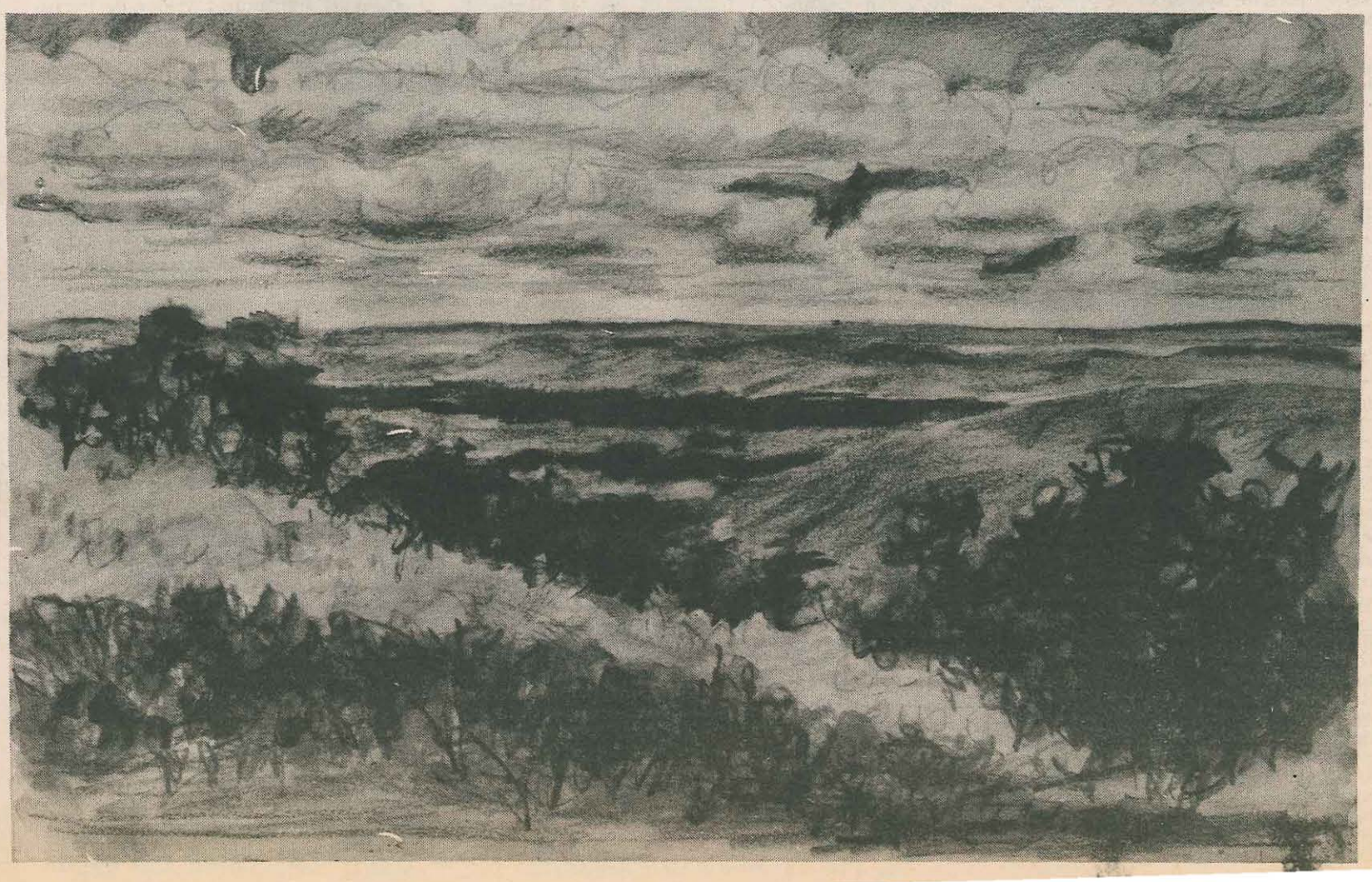
Peru

A movimentação de pessoas de diversas nacionalidades em Tabatinga, fortaleza erigida na fronteira entre o Brasil e o Peru em fins de século XVIII, causou surpresa ao viajante alemão Robert Avé-Lallemant que ali esteve em 1859. Eram brasileiros, indígenas, peruanos, franceses, húngaros, alemães, e norte-americanos, entre outros. Indagava-se o estudioso: **"Que poderia ter reunido toda essa gente naquela longínqua fronteira?"**(17) Tabatinga, último ponto brasileiro da linha de vapores ligando Manaus a Nauta, anteriormente reduzida ao Forte e ao destacamento policial, alterou-se com a introdução da navegação a vapor. Avé-Lallemant descreveu estas modificações. Segundo o viajante, nos últimos dias antes da chegada do vapor, aportava um igarité após outro, descendo o Solimões, trazendo chapéus e salsaparrilha do Peru. A margem morta do forte passava, então, a apresentar intensa atividade. À noite, conforme Avé-Lallemant, os índios peruanos armavam suas tendas na margem do rio, enquanto os comerciantes faziam suas camas numa **"casa aberta da nação"**, ao mundo dos **"caravançarás orientais"**. (18)

O isolamento da zona oriental peruana constituía o principal obstáculo para o estabelecimento de relações regulares com a costa do país. As vias de comunicações interrompiam-se ante à cordilheira dos Andes e para se chegar a Moyobamba, (antiga capital da Província Litoral de Loreto e em cuja jurisdição encontrava-se quase toda a Amazônia peruana); as dificuldades iniciavam-se na localidade de Balsaporto, situada naquela cordilheira. Daí por diante, segundo Avé-Lallemant, começavam os maiores tropeços. Não havia muares e estes de nada adiatariam em alguns trechos da montanha. A utilização dos indígenas como carregadores era a única forma de se transportar as mercadorias. Conforme o viajante, um negociante precisava às vezes de 300 a 400 índios.(20)

Afora este caminho, cujo trajeto era percorrido aproximadamente em 11 semanas a partir de Tabatinga, existiam outras duas linhas conhecidas de comunicação do vale do Amazonas à Cordilheira. Conhecido por caminho do centro, ligava a cidade de Huanaco, situada sobre os Andes, a Tingo-Maria, no rio Huallaga, afluente do Maranõn. Este caminho era um pouco melhor que a via para Moyobamba, mas apresentava-se menos povoado. O outro caminho, que estabelecia a ligação do rio Urubamba a Cuzco, admitia passagens de animais por todo o trajeto e era mais habitado.(21)

Em 1866, a Província Litoral de Loreto foi elevada à categoria de Departamento, subdividida em quatro províncias. Estas eram a de Moyobamba, cuja capital era povoação de mesmo nome, a de Huallaga, com capital em Tarapato; a do Alto Amazonas, capital Balsaporto; e a do Baixo Amazonas, sendo sua capital Iquitos, empório da região. Segundo o deputado brasileiro Tavares Bastos, do Partido Liberal, que neste ▶



É frequente A inserção de cerrados na região amazônica Desenho de Fernando Madeira

mesmo ano de 1866 esteve em Iquitos, a localidade compunha-se de casas de boa aparência. Algumas, conforme registrou, eram ladrilhadas e assoalhadas. O povoado possuía uma serraria, olaria, ferraria e pequena fundição, além de um dique que se estava montando. A coleta de borracha já havia alcançado esta área, sendo sua introdução atribuída ao brasileiro José Joaquim Ribeiro, **"que se estabeleceu com uma colônia de brasileiros já afeitos à extração da goma elástica".**

A introdução da extração da seringa diminuiu, com o passar do tempo, a confecção dos chapéus de palha, principal atividade da Província de Loreto. Além da borracha e chapéus, a Amazônia peruana exportava salsaparrilha, tabaco, algodão e tecidos deste produto, fio e redes de tucum, manteiga de ovos de tartaruga, peles de animais, entre outros. Em troca, levavam basicamente produtos de luxo, estrangeiros, como o vinho, licores, louça, ferro e cobre em folha.

Estimava-se, na década de 1860, que muitos benefícios poderiam advir através do comércio de importação e exportação da república do Peru pelo Amazonas. Na avaliação de Tavares Bastos, um sexto do comércio externo peruano poderia se realizar por aquela via, e dos 14 departamentos em que se encontrava dividido aquele país, a nove interessariam a navegação do Amazonas. O comércio de trânsito do Peru pelo Amazonas representava, em fins da década de 1850, a terça parte dos carregamentos dos vapores de Manaus com destino a Belém.(24)

O valor total do comércio de exportação-importação do Peru com o Brasil foi crescente. Pequena oscilação verificou-se entre os anos de 1865-1870, momento de rompimento formal das relações dos dois países, quando se apresentaram dificuldades na demarcação de suas fronteiras e ainda, o protesto peruano à convenção de limites assinada pelos governos boliviano e brasileiro, em 1867.

Mesmo contando com impecilhos naturais que dificultavam a ligação da Amazônia peruana à costa desse país, o governo peruano esteve atento à dimensão que a via do Amazonas poderia representar à unidade territorial e procurou implementar políticas com o fim de estabelecer uma melhor administração, principalmente na Província de Loreto.

A instalação da navegação a vapor ligando Manaus a Nauta, embora tivesse facilitado o transporte de mercadorias e animado o comércio de madeiras para suas caldeiras, não conseguiu nos primeiros anos modificar a situação de decadência de alguns povoados situados ao longo dos trajetos dos vapores, em território brasileiro. Os pontos de escalas dos navios até a fronteira com o Peru eram Coary, Tefé, Fonte Boa, Tonantins e Tabatinga. O aspecto dessas povoações foi considerado por Avé-Lallemant, (que esteve na região após cinco anos de funcionamento da linha, com exceção de Tabatinga), como "miserável". A cidade de Tefé, fundada pelo jesuíta espanhol Samuel Fritz, e núcleo florescente no período colonial, foi descrita pelo viajante como "uma triste aldeia de índios". (25) Na realidade, os maiores beneficiários do comércio se situavam nos pontos terminais da linha, ou seja, Manaus, Belém e Tabatinga.

— Bolívia

A Amazônia boliviana, à semelhança da peruana, possuía, como principal obstáculo à sua vinculação com o altiplano a cadeia andina. A insulariedade deste país, entretanto, acentuava a necessidade de uma saída para o mar. A via do Amazonas, uma das soluções possíveis, foi explorada pelos governos da Bolívia. Esta opção tinha porém, como principal impecilho, as vinte cachoeiras do Rio Madeira, que impossibilitavam a navegação de grandes embarcações e, por conseguinte, o fácil acesso ao mar.

Os governos bolivianos estiveram atentos a esta possibilidade, deslanchando medidas que viessem a assegurar o acesso ao Amazonas e de seu território. Em 1844, no governo de José Ballivan, foi criado o Departamento de Beni, que incluía a região amazônica, e realizadas explorações na região dos rios Madeira, Mamoré e Beni, pelo coronel Augustin Palacio. Seguiram-se as explorações do francês Grandidier e do norte-americano Gibbon, respectivamente em 1861 e 1852. Ambos concluíram que a construção de uma estrada para animais seria uma solução para superar as cachoeiras do Madeira.

Estes obstáculos e a ausência de convenções regulando o comércio e navegação com o Brasil não impediram que produtos bolivianos atingissem as capitais da Amazônia brasileira. Entre eles se podia encontrar o couro de veado, sebo, fumo, charutos, açúcar, charque, cacau e gado. Provinham dos Departamentos de Beni, Santa Cruz e Cochabamba. Já em 1858, o presidente da Província do Amazonas, Francisco José Furtado, assinalava a necessidade de estabelecer-se vapores em direção ao Madeira, até a primeira cachoeira, e ao Rio Purus, outra via de acesso à Bolívia.

Por esta época a região banhada por estes rios estava também sendo explorada por brasileiros. Em 1852, Rodrigues de Medeiros e Serafim Salgado foram incumbidos pela presidência do Amazonas de reconhecerem o Tapajós e o Madeira, visando, através do Abacaxi, encontrarem passagem a salvo das cachoeiras. Apesar de não terem encontrado o caminho, Serafim Salgado chegou até a maloca dos índios Cucamas, que lhe pareceu pertencerem à Bolívia. Um nova tentativa foi feita em 1861, através da exploração do Purus por Manoel Urbano. Em seu relato registrou que após chegar ao Ituxi viajou mais 33 dias até encontrar o afluente Acre. Perto do Rixala, Manuel Urbano soube estar próximo da povoação peruana de Sarayaco, de onde retornou sem encontrar a referida passagem. (28)

Neste mesmo ano de 1861 a Província do Amazonas enviou o engenheiro Silva Coutinho para um novo reconhecimento do Purus e do Madeira. Este concluiu que o melhor meio para transpor as cachoeiras seria a construção de uma ferrovia. A idéia, compartilhada pelo general boliviano Quetin Quevedo, (que também explorou o Madeira neste momento), viabilizaria o projeto de trazer para o Amazonas todo o comércio externo da Bolívia. As negociações entre os governos boliviano e brasileiro para sua construção seriam efetuadas somente na década seguinte, mas, a partir de 1865, o Rio Madeira passou a ser navegado pelos vapores da "Companhia do Amazonas" e os gêneros provenientes do Brasil, conforme ato do governo vizinho, estariam isentos de direitos por um período de dez anos. Quatro anos após, em 1869, a navegação a vapor foi estendida ao Purus, através da "Companhia Fluvial do Alto Amazonas", recém-fundada em Manaus.

Por esta época a presença de brasileiros nos rios Purus e Madeira, empenhados na extração da borracha, ainda era pequena. O primeiro assentamento no Purus data de 1852, quando o pernambucano Manoel Nicolau instalou-se no lago Aiapuá. Em 1857, o cearense João Gabriel de Carvalho e Melo, incentivado por Pereira Labre, estabeleceu-se perto da foz do Purus, no Itapá. No entanto, foi com a fundação de Lábrea, no entrocamento do Ituxi, que teve impulso a expansão brasileira pelo Purus e seus confluentes, entre os quais o Rio Acre. Instalada em 1870 pelo tenente-coronel Pereira Labre, coadjuvado por Manoel Urbano — de que Euclides da Cunha considera muito maior seu papel de fundador de povoados de comarca. (30) Làbrea viria a ser o ponto de expansão do povoamento dos afluentes do Purus.

Um dos principais afluentes do Rio Purus foi o Rio Acre, cuja área se tornaria objeto de disputa dos governos brasileiro, peruano e boliviano. Mas, em 1863, Silva Coutinho, após retornar de uma exploração neste rio, afirmava que o seu comércio ainda era diminuto. (31) A extração da seringa tomou impulso no Departamento de Beni por volta de 1872 quando ali instalaram-se os irmãos Suarez que, em pouco tempo, dominariam o comércio da borracha. (32) Uma caracteristica política que se afirmaria, no que concerne à ação dos governos bolivianos, foi a de sempre manter aberta a possibilidade de saída para o Atlântico, via Amazonas.

— Venezuela e Colômbia

O rio Negro, via de acesso à Venezuela e, por seus afluentes, à Colômbia, passou, a partir de 1855, a ser navegado pela "Companhia de Navegação do Amazonas". As povoações situadas à margem deste rio, fundadas no período colonial, encontravam-se em estado de decadência. As escalas da nova linha de navegação eram as povoações de Tauapessassu, Airão, Moura, Carvoeiro, Poyares, Barcelos, Moreira, Tomar e Santa Isabel. Para a segunda viagem foram suprimidas as escalas de Carvoeiro e Poyares, devido a sua inutilidade. (33) O naturalista inglês Wallace, que explorou o rio Negro até a localidade de Yavita, na Venezuela, entre os anos de 1848-1852 anotara a situação de Carvoeiro. Era, segundo o cientista, uma aldeia desolada e semi-deserta, como de resto quase todas as que se encontravam à beira do Rio Negro. Apenas duas famílias residiam ali, a de um ferreiro e a de um brasileiro que, embora se apresentasse como sendo o capitão Vasconcelos, não passava de um paisano bem humorado e cordial. (34)

A povoação de Barcelos, que chegou a ser a sede da capitania do Rio Negro não possuía, também, aspecto diferente. Encontrava-se, segundo Wallace, quase inteiramente despovoada e ainda se viam jogados na praia, diversos blocos de mármore trazidos de Portugal para ornar prédios públicos que nem sequer chegaram a ser edificados. As antigas ruas, bem traçadas conforme o naturalista, já haviam se transformado em meros caminhos que atravessavam uma verdadeira selva de laranjeiras e outras árvores frutíferas, entremeadas de cássias e altas ervas tropicais. As casas, que não haviam desabado, não passavam de arruinados casebres de barro, salientando-se aqui e ali uma ou outra casa melhor acabada e pintada de branco.

De Barcelos até Marabitanas, ponto militar acima de Santa Isabel, a situação dos vilarejos não diferia e, segundo Wallace, do forte ali erguido pelos portugueses só restavam "os remanescentes de uma muralha de barro e um pequeno destacamento de soldados". San Carlos, "a principal cidadezinha venezuelana do Rio Negro", possuía outro aspecto. Constava de uma praça espaçosa e ruas paralelas. O edifício principal e o Convento eram ocupados por um Comissário e a praça era mantida limpa e todas as casas caiadas de branco. No seu conjunto, segundo Wallace, a vila era bem mais limpa do que aquelas que havia encontrado no Brasil. Pela manhã, diariamente, tocava o sino chamando para as matinas. Os "jovens" de ambos os sexos reuniam-se na igreja e entoavam hinos. Aos domingos, a igreja ficava aberta para todos, sendo as cerimônias realizadas, conforme o naturalista, pelo comissário e "alguns índios" auxiliares.(35)

As relações comerciais da Amazônia venezuelana com Manaus e Belém eram anterior à introdução do vapor. Os povoados de San Carlos, Turiquin, San Miguel, Tomo e Maroa, eram habitados quase que exclusivamente por construtores de canoas, que as exportavam para Manaus e Belém, carregadas de piaçaba, breu e farinha. Esta linha de vapores entre Manaus e Santa Isabel, devido ao pequeno lucro que proporcionava, foi suprimida em 1858 e somente seria reinaugurada pela "Companhia Fluvial do Alto Amazonas", em 1869. Em direção à Colômbia somente foi estabelecida a navegação a vapor em 1877, através de uma concessão especial do governo brasileiro ao cidadão colombiano Rafael Reys, que na década de 1900 ocuparia a presidência daquele país. Anteriormente à introdução da navegação a vapor, as relações comerciais entre a Colômbia e Manaus eram realizadas através de barcos à vela e, preferencialmente, pelo rio Içá, afluente do Solimões, na confluência com o Peru. Nesta navegação a remo estavam envolvidos colombianos, peruanos e brasileiros.

O volume de embarcações registrado na época representa, em certo sentido, o movimento de expansão. Pelo forte de Marabitanas, via de acesso à Venezuela, transitaram entre os anos de 1855-56 apenas duas embarcações. Para a fronteira de Tabatinga, zona com o Peru, passaram cinquenta e cinco navios, enquanto vinte e sete barcos passaram pelo forte de São Gabriel, localizado no rio Vaupês, fronteira com a Colômbia. A ação do governo brasileiro na Amazônia, a partir da década de 1850, permitiu o fortalecimento de sua posição frente aos países vizinhos, ao marcar de fato sua presença na zona fronteiriça. Esta ação foi acompanhada pelo amadurecimento dos princípios e da política que seria defendida frente àqueles países, tendo como contraponto, nesse momento, o aumento das pressões internacionais para a abertura da navegação do rio Amazonas. ■

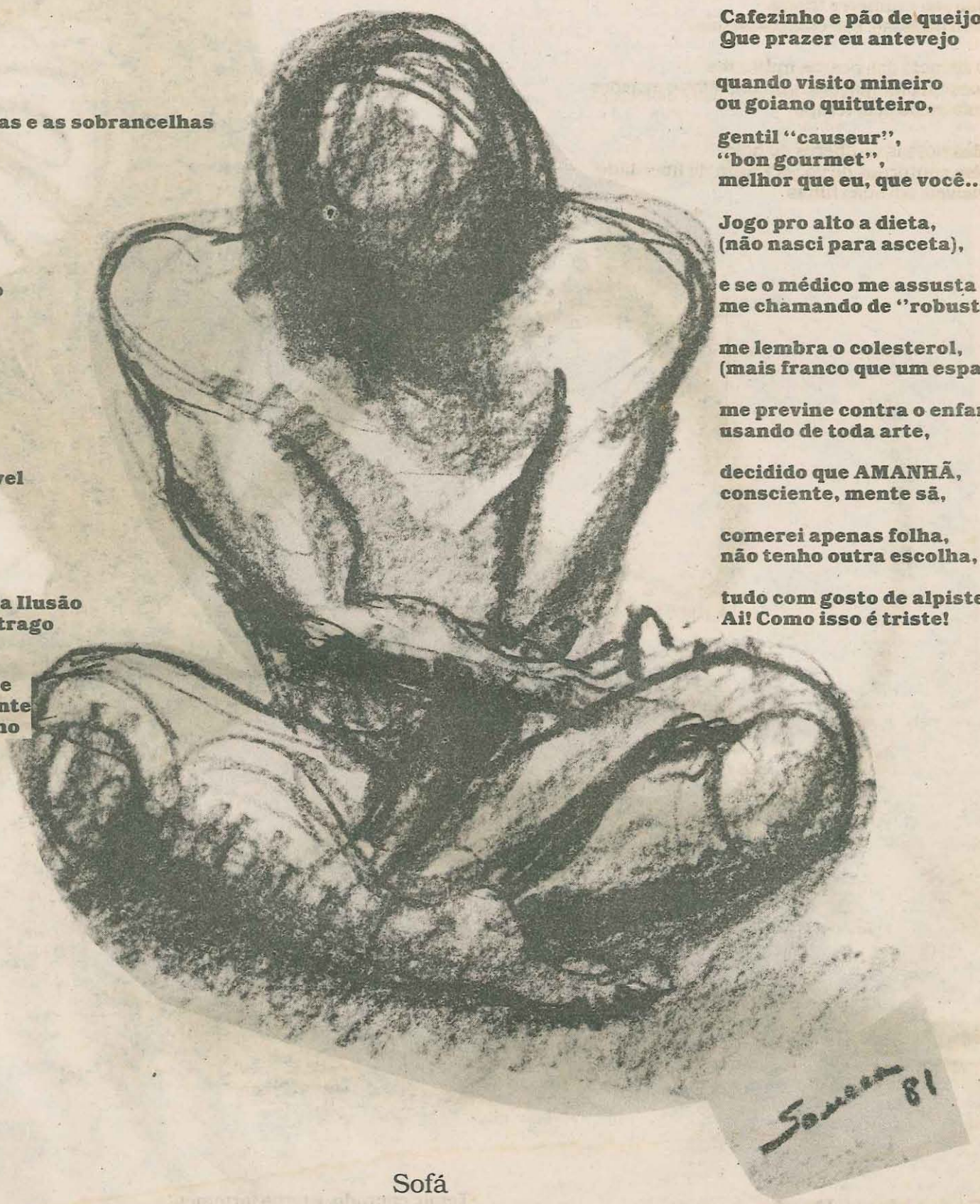
* VALÉRIA CARVALHO é mestra em História e professora da UnB. Encontra-se atualmente na Itália para um curso de doutoramento. Endereço para correspondência: Departamento de História, Universidade de Brasília, Campus da UnB — Asa Norte — Brasília-DF.

POETAS

1926
MARILDA PALÍNIA
(Maria Paula Fleury de Godói)

MODERN GIRL

15 anos:
magra
serpentina
leve.
Pinta o cabelo
pinta as pálpebras e as sobrancelhas
pinta as faces
pinta a boca
pinta as unhas
pinta... o sete.
Estiliza o gesto
estiliza o olhar
estiliza a voz
estiliza o sorriso
estiliza o andar.
Braços nus
o colo nu
nuas as pernas
o cérebro nu.
— Menina?
— Mulher.
20 anos:
coração insensível
cansado
gasto
sem sonhos
sem ideal
sem emoções.
Esgotou a taça da Ilusão
sorvendo de um trago
febrilmente
freneticamente
desvairadamente
inconscientemente
o delicioso veneno
diluído do vinho
forte do Amor.
— Mulher?
— Mulher.



DIETA

1990
TEREZY FLEURI DE GODOI

Cafezinho e pão de queijo...
Que prazer eu antevejo

quando visito mineiro
ou goiano quituteiro,

gentil "causeur",
"bon gourmet",
melhor que eu, que você...

Jogo pro alto a dieta,
(não nasci para asceta),

e se o médico me assusta
me chamando de "robusta",

me lembra o colesterol,
(mais franco que um espanhol)

me previne contra o enfarte,
usando de toda arte,

decidido que AMANHÃ,
consciente, mente sã,

comerei apenas folha,
não tenho outra escolha,

tudo com gosto de alpiste...
Ai! Como isso é triste!

Sofá

1902
CINÁ DE TALUERÍ
(Eurídice Natal e Silva)

No sofá, ternamente conchegados, de mãos enlaçadas, embebidos numa doce contemplação, os noivos, Amelia e Roberto, sonham com a próxima realização da sua felicidade suprema.

A avó, numa cadeirinha baixa de costuras, de óculos, borda uma toalhinha de mesa de centro, para o enxoval da netinha.

Pousando nos joelhos a costura, fita, com ternura, o jovem par.

AVÓ

— Meus netinhos, faltam apenas 10 dias para a realização dos seus sonhos. Não quero que v.v. tenham desilusões na vida.

Vou lhes dar um conselho. Há na vida conjugal, três fases distintas — e, na conformação com estas três fases, reside, meus caros, o segredo da felicidade conjugal.

A primeira fase dura do dia da união ao 5º ano de casados; é a do amor ardente, apaixonado.

A segunda, do 5º ao 10º, é a do amor sereno, tranquilo, confiante.

A terceira, isto é a do 10º em diante, a da amizade sincera, calma e doce. Esta última fase de prolongará até às bodas de ouro ou de diamante, se, imprudentemente, um dos conjuges não se revoltar contra esta lei natural, querendo prolongar mais a primeira ou a segunda. Então, entrará no casal a desarmonia, e começarão as rusgas, os malentendidos, as discussões, perigando a felicidade e a paz da terceira fase, — a mais duradoura e, talvez, a mais feliz...

AMELIA
(interrompendo)

— Qual, vovó, isso é amor do seu tempo? Agora é muito diferente!

ROBERTO
(apaixonado)

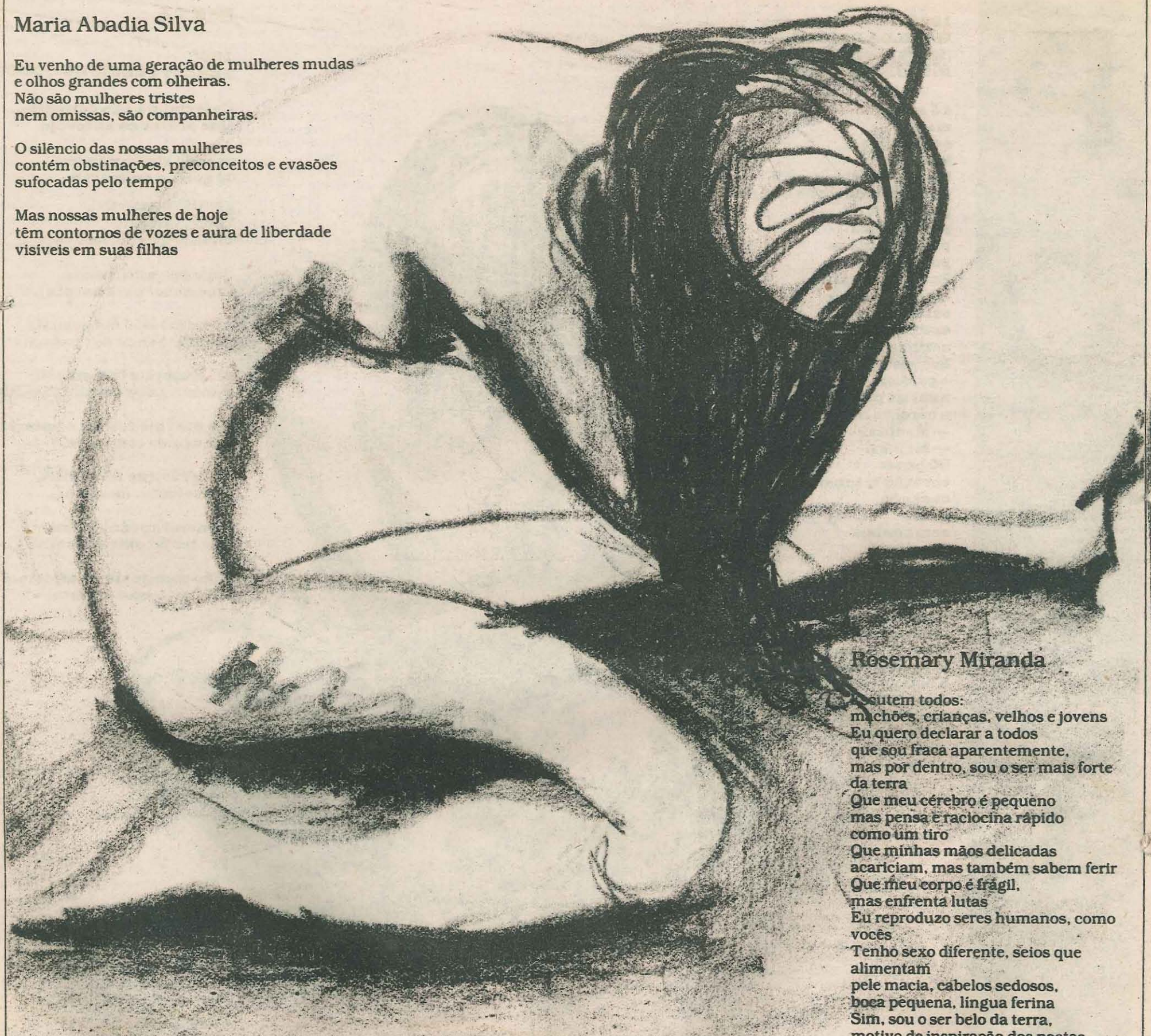
— A nossa lua de mel será eterna; não é assim, minha queridinha?

AMÉLIA

— Oh! Decerto, meu amor!

AVÓ

— Ilusão, meus netinhos, pura ilusão!...



Maria Abadia Silva

Eu venho de uma geração de mulheres mudas
e olhos grandes com olheiras.
Não são mulheres tristes
nem omissas, são companheiras.

O silêncio das nossas mulheres
contém obstinações, preconceitos e evasões
sufocadas pelo tempo

Mas nossas mulheres de hoje
têm contornos de vozes e aura de liberdade
visíveis em suas filhas

Rosemary Miranda

Escutem todos:
machões, crianças, velhos e jovens
Eu quero declarar a todos
que sou fraca aparentemente,
mas por dentro, sou o ser mais forte
da terra
Que meu cérebro é pequeno
mas pensa e raciocina rápido
como um tiro
Que minhas mãos delicadas
acariciam, mas também sabem ferir
Que meu corpo é frágil,
mas enfrenta lutas
Eu reproduzo seres humanos, como
vocês
Tenho sexo diferente, seios que
alimentam
pele macia, cabelos sedosos,
boca pequena, língua ferina
Sim, sou o ser belo da terra,
motivo de inspiração dos poetas
Sou MULHER, senhores,
com muito prazer
e venho de uma luta
de milhares de anos,
onde minhas roupas foram rasgadas
meu coração estraçalhado milhares de
vezes,
meus filhos arrancados dos meus
braços,
meu corpo, virgem, violentado,
meus ossos quebrados, minha voz
cassada,
o sim ocupando o lugar do não
Agora, chega!
Venci a luta,
sou mulher
Quero o meu troféu,
quero minha glória, quero o meu trono,
quero reinar com vocês

Sirlei Maria Davi

Não temo o momento em que perceber flácidos os
meus seios
nem, quando, no espelho, notar a ruga
que se inculca ao alongar de meus olhos.
Não temo, tão pouco, quando se fizerem presentes
os primeiros fios de cabelos brancos.
Não temo, igualmente, o instante
em que sentir um ritmo menos veemente
nas excitantes palpitações de meu corpo.
Nem temo o dia em que for chamada de vovó
nem temo o momento em que tiver tempo
de sentar para fazer tricô.
Temo, muito menos, a lentidão que se fizer
acompanhar aos meus passos.
Temo, contudo, e temo fortemente
o derradeiro momento em que não for digna de um
abraço.

Aquele momento,
tempo equiparado ao dos olhos se abrindo,
em que eu fechar meu coração para o amor,
em que eu não me sensibilizar com a dor,
em que eu consentir visualizar o horror deste mundo,
em que me negar a acolher um irmão moribumdo,
em que o perdão eu não mais puder dar,
em que meu filho não mais tiver motivos para me
admirar,
em que meu ser,
por demais maltratado,
resolver recolher-se
e não mais se apaixonar.